

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA - MESTRADO

NATAL MARQUES DIAS

NA FRONTEIRA DA AÇÃO COLETIVA: interações internas e construção de enquadramento no Fórum em Defesa da Previdência Social Pública em Imperatriz – MA

Imperatriz
2021

NATAL MARQUES DIAS

NA FRONTEIRA DA AÇÃO COLETIVA: interações internas e construção de enquadramento no Fórum em Defesa da Previdência Social Pública em Imperatriz – MA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) - Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Campus Imperatriz, para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Doutor Jesus Marmanillo Pereira

Imperatriz
2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Dias, Natal Marques.

NA FRONTEIRA DA AÇÃO COLETIVA: interações internas e construção de enquadramento no Fórum em Defesa da Previdência Social Pública em Imperatriz MA / Natal Marques Dias. - 2021.

107 p.

Orientador(a): Jesus Marmanillo Pereira.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Sociologia/ccsst, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2021.

1. Enquadramento. 2. Fronteira. 3. Interação. 4. Previdência. I. Pereira, Jesus Marmanillo. II. Título.

NATAL MARQUES DIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) - Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Campus Imperatriz, para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em 23 de junho de 2021

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Jesus Marmanillo Pereira
(Orientador)

Professor Doutor Rogerio de Souza Medeiros
(Examinador externo)

Professor Doutor Maciel Cover
(Examinador interno)

Imperatriz
2021

AGRADECIMENTOS

Agradecer aqui tem o intuito também de reconhecer o empenho e envolvimento de todos com esse projeto acadêmico que, está distante de ser uma coisa meramente pessoal.

Em primeiro lugar agradeço a minha família, pelo cuidado, paciência e acolhimento, aos meus pais, Aderson e Nilsa, aos meus filhos, Sofia, Guilherme e Leônidas e minha companheira Erisnete Lima, que sempre estiveram comigo nos bons e nos maus momentos dessa produção.

Em segundo lugar, sou grato aos professores do PPGS em Imperatriz, nas figuras das Professoras Emilene Sousa, Vanda Pantoja e Jesus Marmanillo. Esse último, com especial carinho pela orientação pessoal e esmero durante a implantação do curso de Mestrado em Sociologia na Cidade de Imperatriz; esse curso que tive a honra de participar da turma fundadora.

Por fim, agradeço ao fato de poder trabalhar com pesquisa em um contexto totalmente adverso para a educação no país. Sou grato pela formação pública acadêmica que me foi proporcionada em momento de pujança democrática e crescimento nacional, ainda que hoje a repressão insista em criminalizar os movimentos sociais que lutam por igualdade e melhores oportunidades para minorias e outros setores duramente castigados.

Para Sofia Lima e Dias.

RESUMO

O presente estudo objetiva observar como se organiza, para a ação política, através da construção dos enquadramentos em defesa da Previdência Social pública o Fórum em Defesa da Previdência Social Pública na região de Fronteira que tem como sede urbana a cidade de Imperatriz, Maranhão. Para tanto, se fará uso da teoria das *Molduras Interpretativas de Ação Coletiva* para uma análise coletiva e da teoria dos quadros para análise da interação entre os indivíduos. Partindo da hipótese que a cultura existe como um repositório de meios de ação, acredito ser a região de Fronteira em Imperatriz um local de encontros entre as alteridades e um lugar de conflitos onde os sujeitos interagem e cruzam suas trajetórias durante a construção de enquadramento em um coletivo organizado. Para a pesquisa, foram realizadas coletas de dados em campo durante os atos de protestos, imagens, vídeos e panfletos; bem como documentos produzidos internamente no Fórum para autoridades e atas de reuniões além da observação direta da interação entre os participantes e entrevistas semiestruturadas com seis participantes mais ativos numa percepção do pesquisador, durante o acompanhamento de conversas em grupos de aplicativos de mensagens no contexto pandêmico.

Palavras-chave: Previdência, Enquadramento, Interação, Fronteira

ABSTRACT

This study aims to observe how, for the purpose of political action, through the construction of frameworks in defense of public social security, the Fórum em Defesa da Previdência Social Pública in the Frontier region, whose urban headquarters is the city of Imperatriz, Maranhão. For this purpose, the theory of Collective Action Interpretative Frames will be used for a collective analysis and the theory of frames to analyze the interaction between individuals. Based on the hypothesis that culture exists as a repository of means of action, I believe that the frontier region in Imperatriz is a place of encounters between alterities and a place of conflicts where the subjects interact and cross their trajectories during the construction of a framework in a organized collective. For the research, data were collected in the field during the acts of protests, images, videos and pamphlets; as well as documents produced internally at the Forum for authorities and minutes of meetings, in addition to direct observation of the interaction between the participants and semi-structured interviews with six more active participants in the perception of the researcher, during the follow-up of conversations in groups of messaging applications in the pandemic context.

Keywords: Social security, Framing, Interaction, Frontier

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da localização regional da cidade de Imperatriz.....	21
Figura 2 - Ato de protesto do FDPSP na Câmara Municipal de Imperatriz em 2019.....	24
Figura 3 - Distribuição das instituições do FDPSP no ano 2019.....	30
Figura 4 - <i>Card</i> de recomendação à Prefeitura Municipal de Imperatriz.....	44
Figura 5 - <i>Card</i> de divulgação da participação do FDPSP em Jornal local.....	45
Figura 6 - <i>Card</i> de divulgação da Greve Geral de 14 de junho de 2019.....	47
Figura 7 - Cartilha da APRUMA distribuída durante os atos de protesto de 2019.....	54
Figura 8 - Ato de protesto em 10 de julho de 2020. Calçadão de Imperatriz.....	61
Figura 9 – Atividade do Grupo Principal do FDPSP – Volume de mensagens trocadas entre os participantes.....	71
Figura 10 - Nuvens de palavras meses de março a junho de 2020 - FDPSP, Grupo Principal.....	74
Figura 11 – Volume de troca de mensagens no grupo principal do FDPSP em relação ao número de vítimas da COVID- 19 no Maranhão e no Brasil.....	75
Figura 12– Atividade do Grupo da Coordenação do FDPSP – Volume de mensagens trocadas entre os participantes.....	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Atos de protestos do Fórum em Defesa da Previdência Social Pública entre maio de 2019 e julho de 2020.....	63
Quadro 2 – Eventos e dados coletados.....	64
Quadro 3 – Palavras por número de menções nos intervalos entre março e junho de 2020 no grupo principal do FDPSP.....	73
Quadro 4 – Palavras por número de menções nos intervalos entre março e junho de 2020 no grupo coordenação do FDPSP.....	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADOCI	- Associação das Donas de Casa de Imperatriz
ADUFPB-JP	- Associação dos Docentes da Universidade Federal da Paraíba
APIB	- Articulação dos Povos Indígenas do Brasil)
APRUMA - ANDES-SN	- Associação de Professores da Universidade Federal do Maranhão
	- Seção Sindical do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior
CCN-MA	- Centro de Cultura Negra do Maranhão
CCNNC	- Centro de Cultura Negra Negro Cosme
COVID-19	- <i>Corona Virus Disease 2019</i>
CTB	- Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil
CUT	- Central Única dos Trabalhadores Brasil Popular, Povo Sem Medo,
FDPSP	- Fórum em Defesa da Previdência Social Pública
FETESPUSULMA	- Federação dos Trabalhadores no Ensino e no Serviço Público do
Sul do Maranhão	
MIQCB	- Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco
MST	- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PC do B	- Partido Comunista do Brasil
PDT	- Partido Democrático Trabalhista
PSB	- Partido Socialista Brasileiro,
PSOL	- Partido Socialismo e Liberdade
PT	- Partido dos Trabalhadores
SINDIJUS	-Sindicato dos Servidores do Poder Judiciário Federal em Alagoas
SINDIRECEITA	- Sindicato dos Analistas Tributários da Receita Federal
SINPROESEMMA	- Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica das Redes
	Públicas Estadual e Municipais do Estado do Maranhão
SINTEED	- Sindicato dos Trabalhadores da Educação em Davinópolis
SINTEEJOL	- Sindicato dos Trabalhadores da Educação em João Lisboa
SINTRAJUFE	-Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal e do Ministério
	Público da União
SMDDH	- Sociedade Maranhense de Defesa dos Direitos Humanos
STEEI	- Sindicato dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino De
Imperatriz	

STIUMA	- Sindicato dos Urbanitários do Maranhão
UC	- Unidade Classista
UEMASUL	- Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
UJS	- União da Juventude Socialista
UNE	- União Nacional dos Estudantes
UP	- Unidade Popular Pelo Socialismo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	LOCALIDADE E CAMPO DE PESQUISA.....	19
2.1	Imperatriz, um local de Fronteira.....	20
2.2	O Fórum em Defesa da Previdência Social Pública.....	26
3	ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....	34
3.1	A interação e os quadros sociais.....	38
3.2	O enquadramento em movimentos sociais.....	41
3.3	Método de pesquisa e trabalho de campo.....	55
4	A DINÂMICA DA ORGANIZAÇÃO DO FDPSP.....	66
4.1	A pesquisa durante a Pandemia.....	66
4.2	Os grupos e suas atuações.....	69
5	OS ATORES DO FDPSP.....	81
5.1	Fronteira, a categoria do cotidiano.....	82
5.2	As lideranças e suas histórias.....	85
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
	REFERÊNCIAS.....	104

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo principal analisar a construção de enquadramentos para entender o atuar político da entidade coletiva Fórum em Defesa da Previdência Social Pública (FDPSP), na região que tem como sede urbana a cidade de Imperatriz, Maranhão. Para tanto, se observará a interação entre os indivíduos participantes e suas produções enquanto coletivo, por meio da utilização da noção de enquadramentos interpretativos, origem da teoria Moldura Interpretativa de Ação Coletiva (MIAC), que será aplicada.

A formação heterogênea do FDPSP, composto por várias entidades de diversos matizes (sindicatos, associação de moradores, trabalhadores rurais e urbanos, estudantes etc.), bem como representantes individuais, norteou a escolha da teoria dos quadros, mas não apenas isso. Parto do princípio o qual a categoria da Fronteira tem forte apelo junto aos movimentos sociais organizados no espectro da esquerda política¹. Assim, a levanto as duas hipóteses, uma que o enquadramento se realiza nas ações do FDPSP com consequente ação política e, outra, que essa imbricação se dá por conta de caracteres próprios regionais.

A Teoria da Moldura Interpretativa da Ação Coletiva, que tem como direção o aspecto cultural dos movimentos sociais, teve sua origem nos Estados Unidos da América nos anos 1980 e passou a ter uma maior aceitação quando utilizada pelos teóricos da Teoria do Processo Político (TPP) nos anos 1990 (PEREIRA, 2014). Até então, a análise dos movimentos sociais era feita, sobretudo se utilizando das categorias estruturais e de processos internos, desconsiderando quase que completamente os sujeitos envolvidos nessas demandas.² (MCADAM, MCCARTHY e ZALD, 1999, p. 372-373). Esse fator cultural, perpassando pelos próprios indivíduos organizados, é mais um ponto relevante de aplicação da teoria para o presente trabalho.

O conceito de quadros (*frames*) ou molduras, que será utilizado, tem origem com a obra clássica de Erving Goffman, *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise* (2012); sobre a construção do enquadramento interpretativo autores como Gamson (1995) e sobretudo David Snow e Robert Benford (2000) ampliaram um conceito que detinha um

¹ Não é o intuito do presente trabalho a discussão sobre os aspectos das matizes políticas de direita, esquerda, centro, ou as transitoriedades entre eles (centro-esquerda, centro-direita e etc.). Aqui a simplificação do conceito se deu por conta da fala dos próprios participantes que se dizem de “esquerda”. O valor do pragmatismo político não me é ignorado e a própria negatória da díade entre esquerda e direita proposta por Bobbio (BOBBIO, 2001) pelos autores diversos que o autor aponta parece ser um caminho de discussão mais profícuo que a polarização.

² Os autores citam como exceções os estudiosos Ralph Turner e Lewis Killian, ambos interacionistas simbólicos da Escola de Chicago que estudaram a criação normativa como “reações aleatórias” e desorganizadas que resultam em condutas coletivas organizadas.

esquema de interpretação individual das situações de interação – segundo Goffman – para uma forma de ação sociopolítica dos movimentos sociais (PEREIRA, 2015, p. 15). É através de suas principais tarefas - diagnóstico, prognóstico e motivação (SNOW e BENFORD, 2000) – que os autores vêem o enquadramento como uma categoria ativa e processual. É ativa no sentido de que algo está sendo feito pelas pessoas (conteúdo de agência), e processual por sua característica dinâmica (SNOW e BENFORD, 2000, p. 614). Isso quer dizer que o enquadramento é um processo contínuo ao longo do período organizacional e que não se dá apenas nos momentos de protestos de rua.

Os protestos em si são o ápice do movimento social, são os *outputs* ou resultados de uma organização que tem sua construção sobre questões que parecem ser estruturais (como luta entre classes e eventos políticos) e elementares em um primeiro momento, todavia tem meandros e interações que ocorrem por motivos para além das estruturas sociais e políticas. Para além dessas questões há uma dimensão subjetiva, que não deve ser ignorada. Uma vez deixada de lado as relações subjetivas, corre-se o risco de certo determinismo, à exemplo do que Tarrow cita sobre o marxismo usado na análise das ações coletivas; segundo o autor, o próprio Marx enxergou o envolvimento de indivíduos nas ações coletivas em “termos historicamente determinados: as pessoas se engajam em ações coletivas, ele pensou, quando sua classe social entrar numa contradição totalmente desenvolvida com seus antagonistas” (TARROW, 2009). Durante os anos de 2019, 2020 e 2021 pude observar esses atores nas ruas e presenciar os enquadramentos interpretativos na prática dentro do FDPSP, também tive acesso à organização desses indivíduos durante o período da pandemia do Novo Corona Vírus (COVID-19) e visualizei um algo mais do que ações predeterminadas pelas lutas de classes.

A sustentação de uma organização voltada para a luta por direitos, sejam eles referentes à raça, sexo, religião, renda e outros, como é o caso do enquadramento em favor da previdência social, se dá por uma série de fatores internos e externos a esse coletivo. Um estudo feito apenas no viés da luta pelo poder dos dirigentes, por exemplo, não clarifica como o movimento FDPSP se difunde para além dos conflitos específicos do seu enquadramento originário e como esses conflitos podem ser campo fértil para algo depois dessas tensões – um dos exemplos são as várias candidaturas à câmara municipal de vereadores de Imperatriz dos componentes do Fórum nas eleições do ano 2020.

Isso se dá pelo que Jasper (2016) chama de “Dilema de Jano” nos movimentos sociais. Na mitologia essa divindade é um ser bifronte, tem uma das faces voltadas para frente e a outra voltada para trás; a analogia com os movimentos sociais se apresenta enquanto os organizadores se deparam com o tempo que devem dispor com a organização coletiva, o trabalho interno

propriamente dito, enquanto a outra face está voltada para fora do movimento, em um embate constante com outros movimentos e organizações pelo espaço necessário para realizar seus anseios. A face de Jano voltada para dentro, entendo, pode ser explicada por uma abordagem cultural, já que diz respeito muito aos indivíduos e as interações no interior do grupo. Os *outputs*, que seriam as saídas do movimento, o resultado da interação interna no mundo externo não serão o foco do presente trabalho.

Meu interesse pelo tema de pesquisa dos movimentos sociais se deu ainda no curso de graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Maranhão. À época das manifestações de junho de 2013 e toda a sua efervescência estive na rua como parcela significativa dos brasileiros. Na cidade de Imperatriz, no Maranhão, os espaços foram tomados por manifestantes em passeatas e protestos, atos mais incisivos foram realizados em pontos mais sensíveis da cidade, como em frente aos prédios da câmara e prefeitura municipal³.

Desde o ano de 2005 sou filiado ao Sindicato dos Urbanitários do Maranhão, sendo dirigente sindical por três mandatos, representei os trabalhadores das Centrais Elétricas do Norte do Brasil (Eletronorte) empresa do grupo Eletrobras em Imperatriz por oito anos ininterruptos entre 2007 e 2015, mas atuando como delegado por local de trabalho não me envolvi diretamente nas ações da entidade de forma geral, estava ligado apenas às demandas da minha localidade. Assim, via à distância os outros trabalhos de articulação da entidade que não eram apenas reuniões por conta de acordos coletivos, cobranças para as empresas que desrespeitavam esses acordos e o acompanhamento de questões jurídicas dos trabalhadores. O sindicato era bem mais que um ente de socorro frente a uma injustiça sofrida por algum trabalhador.

Essa proximidade com o objeto de pesquisa, de certa maneira, pode se tornar um dilema para um trabalho mais profundo de análise. Em determinado ponto, as falas, os atos e os próprios conflitos internos ao movimento social podem passar pela figura do pesquisador e é nesse momento que o sujeito pesquisador e o objeto se confundem, quando se estuda construções sociais baseadas na interação entre indivíduos dentro de um determinado grupo. Tais situações se acentuam ainda mais em casos em que o mundo do trabalho, o acadêmico e o da militância em movimentos sindicais estão ligados, como o meu.

³ As matérias veiculadas em site de cobertura nacional podem ser vistas nos seguintes endereços: <http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2013/06/bacabal-e-imperatriz-tem-protestos-sem-registro-de-incidentes.html>
<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2013/06/tres-cidades-maranhenses-realizam-protestos-nesta-quinta-feira-20.html>

Sobre essa aproximação do objeto, Favret-Saada - traduzida para o português por Siqueira – em estudo sobre o “Ser afetado”, elucida que “esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los” (SIQUEIRA, 2005, p. 159). Me senti inserido no meio sindical, agora trabalhando a observação, todavia sem olvidar o afeto à causa sindical, o que entendo não interferir, mas colaborar com meu trabalho de pesquisa. Um trabalho baseado na interação entre indivíduos de diversas entidades diferentes.

Entre atuar na entidade sindical e estar inserido na academia como graduando em pedagogia (minha segunda graduação) tentei unir as duas coisas em uma proposta de pesquisa rechaçada pela minha orientadora da época, por conta de o objeto ser incipiente e estranho à área de educação. Após um período afastado da Universidade apresentei um projeto ao novo Programa de Pós-graduação em Sociologia que envolvia a formação da base educacional dos trabalhadores sindicalizados da Eletronorte. Projeto aceito, após ajustes e um novo olhar para a entidade sindical que representava, pude ter um vislumbre no início do ano de 2019 sobre como os sindicatos se organizam junto com outras associações quando participei do curso de formação política promovido por diversas entidades e realizado na sede do sindicato dos bancários em São Luís. Lá, interagindo, optei pela interação como pesquisa; já estava em campo.

Uma vez envolvido com a pesquisa da pós-graduação, resolvi utilizar como ponto de partida histórico em meu projeto uma inquietação da época das manifestações: a desorganização organizada dos protestos. Os protestos, ou jornadas de junho de 2013 no Brasil, seguiram um movimento global de protestos com um foco de difícil definição em um contexto que tem como marco inicial, ainda em 2010, a *Primavera Árabe*.

Ações de protesto de tamanha extensão e por um longo período é algo complexo e novo ao campo de estudo dos movimentos sociais. Em um primeiro momento os países de língua árabe aderiram ao movimento contra a repressão se aproveitando do que Kingdon (1984) chama de “janela política”, que se estendeu para o ocidente, tendo como maior reflexo o movimento *occupy*, nos Estados Unidos. Esse movimento, aponta para a construção de um macroenquadramento, que se constitui pelo alinhamento de quadros menos abrangentes, até a formação de um norte geral. Tais processos não ocorrem ao acaso, são construídos em diferentes níveis de interação entre indivíduos e entidades. A construção de um enquadramento específico, sobre o combate à reforma da previdência social e suas posteriores mudanças é o que pretendo demonstrar com o presente estudo, na devida proporção regional.

Para tanto, faço uso do modelo etnográfico, bem como a coleta de dados sobre a trajetória dos participantes em entrevistas com seis lideranças ativas do núcleo articulado do FDPSP. O

cruzamento desses dados planejados entrevistas e falas, proporciona a construção de conjunto de aferição baseado na análise dos discursos, metodologia proposta por Johnston (JOHNSTON, 2004), que também se norteia pela interação entre os indivíduos na construção do enquadramento. A observação direta dos participantes nesse processo foi interrompida em março de 2020 por conta da pandemia da COVID-19. Aos processos *online* não é possível uma análise das interações de forma direta entre os participantes, todavia a produção do FDPSP durante o período da pandemia será abordada em outros aspectos como a produção de documentos e mídias digitais, bem como a atividade de seus personagens nas redes sociais.

Assim, tomo como campo de pesquisa um movimento social local (FDPSP), ainda não abordado por qualquer estudo sociológico, com o interesse de analisar a construção de um enquadramento em defesa da previdência social e suas posteriores transformações, me utilizando da Teoria da Moldura Interpretativa da Ação Coletiva ou Teoria dos quadros, empiricamente observando a interação entre os indivíduos no Fórum em Defesa da Previdência Social Pública (FDPSP) em Imperatriz, bem como a relação dessa entidade com outros coletivos organizados e autoridades.

2 LOCALIDADE E CAMPO DE PESQUISA

No entendimento dessa continuidade interna dos processos é que busco uma explicação baseada na teoria das MIAC para a construção de um enquadramento do FDPSP na busca do entendimento de como se organiza esse coletivo enquanto ator político sendo um movimento social atual que se desdobra entre atos de protestos de rua e ações de organização (ainda que tímida) em meios sociais digitais em uma região singular. Nesse ponto é importante situar onde o movimento se organiza e quais das características regionais são visíveis nos atos de protesto e durante os meios de interação internos do coletivo.

A estruturação do enquadramento busca elementos culturais que aglutinem mais indivíduos pelas afinidades ao combate de um quadro de injustiça percebido pelo movimento social. Unir pessoas em causa comum e por afinidades parece ser uma coisa elementar ou natural, todavia esses processos não ocorrem ou se sustentam dentro de movimentos sociais organizados sem um conteúdo de agência proporcionado pelos indivíduos. Meio urbano organizado, a cidade proporciona também certo “anonimato” (JASPER, 2016) aos manifestantes organizados, que são vistos como um grupo nesse ambiente, o que estimula, de certa forma, sua adesão. Essa forma de ver os movimentos sociais está ligada à cultura uma vez que “uma abordagem cultural plena observa as pessoas em seus ambientes naturais” (JASPER, 2016, p. 757). Essa organização multifatorial dos movimentos sociais é descrita por Jasper:

Isso significa que podemos explicar melhor o que acontece – porque um movimento surge quando surge, ou por que tem o impacto que tem – reunindo uma longa série de mecanismos causais num nível observável, microssocial, de indivíduos e suas interações. Um ativista convence seu vizinho a participar de uma assembleia; a assembleia cria uma atmosfera positiva e muitos participantes dedicam mais tempo à causa; um deles escreve uma carta a um amigo vereador, que por sua vez realiza uma audiência pública, que atrai um repórter e assim por diante. (JASPER, 2016)

Essa série de “mecanismos causais” são representações de elementos regionais, observáveis, nesse nível microssocial, por meio das interações. A teoria das MIAC preconiza esse nível de análise na observação da construção de seus objetos de estudo. A formação de um problema social passa por esses elementos regionais. A fronteira, enquanto categoria local, contém essa matriz de significados e aspectos, mas se porta, sobretudo, na alteridade (MARTINS, 2018). Essas diferenças entre os manifestantes, que acaba por trazê-los para o mesmo lugar, é um dos pontos que pretendo analisar durante a construção do enquadramento e organização política contra a reforma da previdência no FDPSP e suas demandas posteriores na região de Imperatriz.

2.1 Imperatriz, um local de Fronteira

Imperatriz é hoje a segunda maior cidade do Estado do Maranhão – Figura 1 -, com uma população estimada em 258.682 pessoas no ano de 2019 segundo dados do IBGE⁴. É sustentada sobretudo pela pecuária, agricultura e uma forte movimentação do setor de serviços. A principal característica regional talvez seja a da cidade entroncamento. Imperatriz é localizada na região de fronteiras territoriais e naturais – margeia o Rio Tocantins - entre os Estados do Pará e Tocantins, também foi importante local de trânsito com a construção da Rodovia Belém-Brasília (BR-010) entre as décadas de 1960 e 1970; além de ter sua densidade populacional ligada diretamente ao garimpo de Serra Pelada na década de 1980 em região próxima do Estado do Pará.

O grosso movimento de povoamento da região se deu em meados dos anos 1920 com a expansão da frente nordestina de ocupação, o que causou o aumento dos preços de aforamento da terra. Isso obrigou os pequenos agricultores maranhenses a se deslocarem para o oeste em busca das chamadas terras livres. Essa migração, todavia, já existia antes da chegada da frente nordestina e foi acelerada pelos próprios migrantes (SANTOS e ANDRADE, 2009, p. 37).

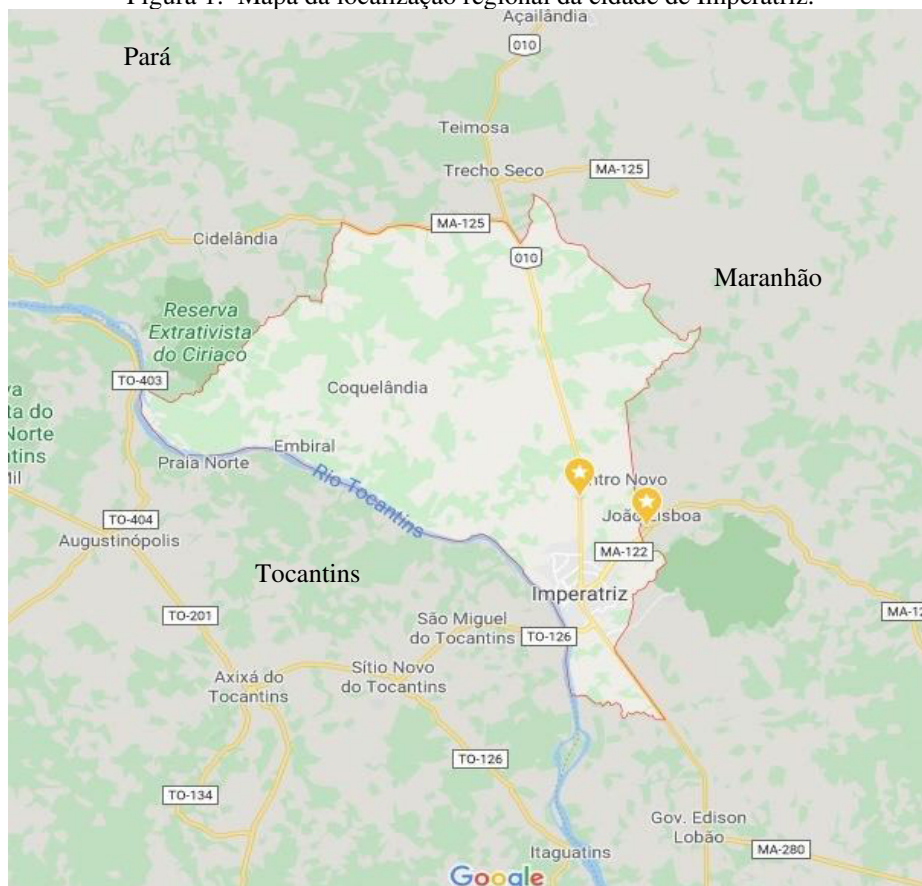
Esse modelo de sobrevivência e trabalho se baseava no deslocamento. As famílias buscavam terras até então devolutas e se reuniam em pequenos grupos de ocupação de dinâmica própria chamados de centros. Breton descreve o movimento de ocupação e a relação do posseiro com a terra:

Não parecia uma terra pela qual valia a pena morrer. Era uma região plana, próxima dos dois grandes rios Araguaia e Tocantins, habitada durante séculos por alguns grupos indígenas isolados e, mais tarde, por pequenos grupos de migrantes, vindos das terras áridas do leste. Ninguém mais se aventurara a ir para lá: era muito distante das principais cidades do Brasil, de difícil acesso e não muito gratificante. Os poucos colonos que chegaram até lá viviam perto dos rios e praticavam uma agricultura itinerante, plantando suas roças onde mais lhes conviesse. Plantavam um pouco de mandioca, um pouco de arroz e feijão. Caçavam e pescavam, e assim ganhavam seu sustento. Ao viver e trabalhar na terra, de fato adquiriram direitos de posse, nos termos da lei. Mas não sabiam disso. (BRETON, 2000, p. 16)

Esses locais de posseiros que desbravam a terra, plantam e vivem da caça e poucos produtos que conseguem produzir é chamado por Martins de frente de expansão e está ligada à outra frente, a que o autor define como frente pioneira. As duas se ligam pela necessidade de abastecimento

⁴Dados gerais sobre a cidade de Imperatriz podem ser acessados na página do IBGE Cidades: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/panorama>>. Acesso em janeiro de 2020.

Figura 1: Mapa da localização regional da cidade de Imperatriz.



Fonte: Google Maps. Acesso em julho de 2020.

. A frente pioneira é composta pelos núcleos de habitação já citados como povoados. (MARTINS, 2018). Tal conformação social nessas áreas sustentou-se até meados dos anos 1960:

O direito deles à terra não foi um problema até os anos 60, quando o governo brasileiro de repente se deu conta de que metade do Brasil ficava na região amazônica, onde, sob o solo da floresta, todo tipo de riquezas minerais jazia enterrado. Aos olhos do governo, a região amazônica era tão pouco habitada que poderia ser considerada virtualmente vazia – uma ideia errada, porém, aceita também pelos colonizadores europeus em relação a outras regiões do mundo. (BRETON, 2000, p. 17)

Esses eventos garantiram à região tensões, sobretudo na disputa pela terra entre populações de posseiros e grileiros. Tais características instituíram Imperatriz como região de fronteira na acepção de Martins (2018), uma localidade de encontros e desencontros de humanidades, sobretudo, em disputa. A organização dos movimentos sociais locais tem a ver com as características regionais de fronteira. Em muitos aspectos pelas formas e locais de conflito – muitos movimentos organizados são sobre causas rurais – e em outros pelos próprios indivíduos. Dessa forma, quando proponho a análise da construção de um macroenquadramento em defesa da previdência, a categoria de fronteira é destino inevitável do começo da tessitura

do problema sociológico. Uma vez que terei de responder à pergunta de “como os indivíduos se articulam” tenho, inevitavelmente que aferir o porquê desses indivíduos estarem onde estão, juntos em uma mesma demanda.

Ao se abordar a fronteira pelo viés do conflito, ainda nos resta definir um o conceito amplo do que seria a “fronteira” para Martins. Em suas próprias palavras, essa definição, todavia “*a priori* pode ser uma armadilha que faz perder de vista detalhes e diversidades do problema que são essenciais para compreendê-lo” (MARTINS, 2018, p. 73). O autor usa desse aforismo quando cita o problema das relações de trabalho dentro da região de fronteira. Esse ponto se torna importante para analisar as mutações desse tipo de relação no ambiente fronteiriço. Assim, para além de uma simples definição do que vem a ser uma relação laboral, a descrição dos “modelos” dessas relações dentro de determinada localidade faz a explicação fugir do padrão comum, já que o padrão comum na relação empresário/trabalhador nem sempre se aplica na região.

Essa relação inserida no capitalismo atual, que foge ao radar da análise simplesmente econômica do capital nas relações de trabalho, é a escravidão; analisada na região de fronteira pelo autor desde a década de 1960 até os anos 1990. Essa posição de realidade fornecida pelo trabalho escravo, entre outras situações, certamente gera o rebote organizacional dos sujeitos em torno de associações, à exemplo de movimentos sociais como o CENTRU (Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural), que formou a delegação maranhense no primeiro congresso nacional do MST, ainda no ano de 1985.

A delicada tarefa de aproximação entre as relações internas de organização dos movimentos sociais e a categoria fronteira, atualmente, entendo, pode ser explicada através dos sujeitos e suas trajetórias, bem como por seus discursos quando já estão no âmbito da organização movimento social, essa é a contribuição da categoria fronteira, imprimir características específicas e regionais para uma análise da construção de um macroenquadramento que proponho, já que a definição de fronteira colocada por Martins, aponta nesse sentido, pois

O que há de sociologicamente mais relevante para caracterizar e definir a fronteira no Brasil é, justamente, a situação de conflito social. E esse é, certamente, o aspecto mais negligenciado entre os pesquisadores que têm tentado conceituá-la. Na minha interpretação, nesse conflito, a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso que faz dela uma realidade singular. À primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os ditos civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. (MARTINS, 2018, p. 133)

Inseridos em região de conflito, os sujeitos da fronteira se organizam em torno de grupos afins por interesses em lados da alteração através do tempo. Com a mudança desses interesses, mudam-se também as formas de organização e as bandeiras antes hasteadas são substituídas por outras. Essas mudanças, acredito, podem ser explicadas através da teoria da MIAC, no tangente ao nível organizacional, o que demonstraremos por meio da observação direta das interações no FDPSP, interna e externamente.

A percepção da categoria de Fronteira para o estudo do FDPSP pode ser aferida com os próprios atos de protesto em um conjunto com os locais de execução. Para além da reconstrução histórica de um período concreto que ampare o conceito de Fronteira, não se pode perder de vista que são as situações atuais que devem ser analisadas e descritas nos seus âmbitos de interação (CEFAÏ, VEIGA e MOTA, 2011). Dessa forma a construção do enquadramento é um processo de heranças, mas que não faria sentido sem as atualidades, seus símbolos e atores. É por esse caminho que intento analisar a construção de um enquadramento em defesa de um direito por um grupo social, observando como esse grupo lida com os símbolos que transmitem suas próprias informações sociais (GOFFMAN, 1975). Esses símbolos por muitas vezes são velados e nem sempre se manifestam naturalmente. Nos atos de protestos, todavia, os símbolos estão reunidos e podem ser observados, como na figura 2.

Figura 2 - Ato de protesto do FDPSP na Câmara Municipal de Imperatriz em 2019



Fonte: Arquivo pessoal de Lilian Coutinho disponibilizado ao autor.

A fotografia mostra uma performance dos manifestantes do FDPSP durante a manhã do dia 29 de março de 2019. Na data ocorria uma audiência pública para debater a reforma da previdência na plenária da Câmara Municipal de Vereadores de Imperatriz. Nas redes sociais dos participantes os chamados eram “*Convite audiência Pública: ‘Impactos da Reforma da Previdência’*. *Mobilizar para garantir nossos direitos! Participe!*”. Além do ato performático simbolizar a morte com personagens que imitavam filmes ou representações artísticas sombrias, a figura do caixão passa uma mensagem direta para quem transita pelo local. A ligação entre as ações dos antagonistas (o governo proponente da reforma) e o fim da vida dos trabalhadores (vítimas da injustiça) é a ideia central do quadro (Figura 2).

Os símbolos ainda falam mais, representam os indivíduos que os carregam. A presença dos idosos ao lado da morte antropomorfizada representa o descuido do governo para com essa classe da população que, no final de sua vida, sofrerá mais um abuso oportunizado por um contendor dentro do enquadramento em construção pelo movimento social.

Sobre o conflito que marca a regionalidade fronteiriça está, de forma literal, o nome de “Dorgival Pinheiro de Souza”, vice prefeito de Imperatriz, assassinado no mês de novembro do ano de 1971. Souza, todavia, é apenas mais um político assassinado entre vários, antes e depois dele, em mandato ou não; ao todo, além de Souza, três prefeitos de Imperatriz foram assassinados, dois deles durante o mandato. Ao lado os símbolos nacional, estadual e municipal

hasteados um ao lado do outro, representando o pacto federativo dentro da casa das leis da cidade.

Por último o símbolo do extrativismo tão marcante na região: o coco babaçu. A quebradeira de coco - mulher com o lenço na cabeça -, representa o indivíduo que se desloca pela sobrevivência. A extração do azeite de babaçu começa com a coleta do fruto para a quebra da casca e remoção da castanha com porrete e machado. Esse trabalho de coleta requer a terra livre para que o extrativista nela adentre. Movimentos regionais das quebradeiras de coco são organizados sob a bandeira do “babaçu livre” e estão presentes dentro da organização do FDPSP.

Todos esses símbolos podem dar pistas de como se organiza o FDPSP na região de Imperatriz. As manifestações são locais, regionalizadas. A região maranhense de Imperatriz é a parada de um movimento migratório de leste oeste, pois margeia o rio Tocantins. Aqui se aglutinam os mais diversos movimentos urbanos e rurais com um conteúdo histórico de conflito. Entendo, todavia, que o entendimento de tais conflitos pode ser construído através das interações hodiernas. Não à toa a quebradeira de coco é uma representação na fotografia. Apesar de ser uma figura ainda comum nos pequenos povoados locais, é uma militante que a representa em uma performance do grupo organizado. É uma forma elaborada de representar um componente local, histórico, diretamente na construção do enquadramento contra a reforma da previdência. A fronteira assim, nesses casos, parece atuar como um repositório cultural que é utilizado de forma organizada pelo FDPSP para construir um quadro de ação coletiva passando por suas várias etapas. Performances como essa são elaboradas a partir de reuniões e debates em que é decidido quais são os pontos mais sensíveis para se tocar, e que, conseqüentemente, trarão mais adeptos à causa que surgiu com o quadro de injustiça.

Ao me utilizar da ideia de Fronteira proposta por Martins, vislumbro a alteridade como o elemento que se prolonga no tempo. Sendo, nas palavras do próprio autor, a característica que mais ajudaria a definir a singularidade da região fronteira (MARTINS, 2018, p. 133), esse contraste ajuda a responder ao meu questionamento principal nesse trabalho. Olhando as diferenças entre os indivíduos em interação direta, posso reconhecer a construção de um enquadramento dentro do FDPSP.

As trajetórias desses sujeitos, são os blocos que compõem a estrada dos movimentos sociais organizados locais atuais. As sinuosidades desse caminho, suas curvas e mudanças de direção podem ser explicadas pelas interações a nível pessoal e seus reflexos dentro do movimento organizado, todavia sempre buscando se distanciar da ilusão biográfica (BOURDIEU, 1996), destacando os indivíduos dentro do indivíduo e confrontando posições

peçoais, relativizando uma linha única de tempo, ideia comum à biografia que supomos pelo cotidiano, essa que disfarça os muitos indivíduos em um único nome para que possa transitar em uma sociedade matizada. É por isso que os militantes em um podem ser muitos.

Portanto, nos utilizaremos do conceito de enquadramentos (frames) e seus desdobramentos, para análise da construção do macroenquadramento em defesa da previdência social do Fórum em Defesa da Previdência Social. Tal organização, com sede física indefinida, mas circunscrita à cidade de Imperatriz – Ma, região de Fronteira, categoria essa que será utilizada em seu conceito, formação e sentido de alteridade, segundo a obra de Martins, no intuito de chegarmos ao escopo de como os indivíduos se aglutinam em torno de causas comuns, e como essas causas se tornam comuns em determinado momento através de enquadramentos sociais.

2.2 O Fórum em Defesa da Previdência Social Pública

A organização da coletividade em torno da ideia de “Fórum” ou local de debates não é nova e tampouco teve início em Imperatriz. O “Fórum em Defesa da Previdência” do SINDIRECEITA (Sindicato dos Analistas Tributários da Receita Federal) se articula naquele sindicato desde o ano de 2002⁵. Outro exemplo é coletivo que se organizou na cidade de Maceió – AL⁶, contando com várias entidades, entre elas o SINDIJUS (Sindicato dos Servidores do Poder Judiciário Federal em Alagoas). Outro homônimo acontece na cidade de Ponta Grossa – PR, lançado no começo do ano de 2017⁷. A iniciativa que conta também com a articulação do Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal e do Ministério Público da União (SINTRAJUFE), é o Fórum de Porto Alegre - RS⁸. A seção sindical do ANDES, em João Pessoa-PB, milita em prol do Fórum da Previdência local através da Associação dos Docentes da Universidade Federal da Paraíba – (ADUFPB-JP)⁹.

Os exemplos citados apontam na direção do que chamamos de macroenquadramento. Uma situação de abrangência nacional como as mudanças na previdência social faz emergir posições de entidades que historicamente lutam em contendas contra os governos de época. Parte dessa luta se dá por uma visão estratégica do movimento. Assim, em oposição ao ente

5 <http://sindireceita.org.br/blog/forum-em-defesa-da-previdencia/>

6 <https://www.sindjus-al.org.br/2017/02/forum-em-defesa-da-previdencia-social-define-atos-de-mobilizacao-contra-a-pec-2872016/#>

7 <https://auditoriacidade.org.br/nucleo/lancado-forum-em-defesa-da-previdencia-em-ponta-grossa-pr/>

8 <https://www.sintrajufe.org.br/ultimas-noticias-detalle/16233/em-plenaria-lotada-forum-em-defesa-da-previdencia-aprova-calendario-de-mobilizacao-e-aco-es-contra-reforma-de-bolsonaro>

9 <http://www.adufpb.org.br/site/forum-em-defesa-da-previdencia/>

federal reúnem-se os sindicatos e associações, por exemplo, no intuito de traçar “estratégias” de ação e combate ao que eles entendem ser um quadro de injustiça. Quando esse quadro é amplo, não se resumindo apenas à esfera local, temos um macroquadro. Em Imperatriz o FDPSP se organizou de forma semelhante.

O Fórum em Defesa da Previdência Social Pública (FDPSP) emerge de um grupo heterogêneo de lideranças de vários movimentos sociais, com uma bandeira suprapartidária, e que teve origem na organização Frente Brasil Popular, na cidade de Imperatriz, ocorrida em meados de 2015, conforme depoimento da dirigente Lilian, que transcrevemos mais adiante. Naquele ano uma organização de amplitude nacional foi fundada em resposta aos ataques sofridos pelo governo da petista Dilma Rousseff, que sofreria o *Impeachment* no ano seguinte.

De dentro da Frente Brasil Popular, que tinha seu principal fundamento na defesa da governabilidade de Dilma Rousseff contra a ascensão do conservadorismo¹⁰, se organizou o FDPSP com uma nova roupagem, fruto do que chamamos de um “enquadramento diagnóstico” com ditames regionais e independentes, ainda que com uma pauta nacionalizada como a previdência. O diagnóstico é uma das principais tarefas de enquadramento proposta por Snow e Benford (SNOW e BENFORD, 2000); consiste em uma leitura das realidades que possa identificar situações ou quadros de injustiça em torno dos quais os movimentos sociais passarão a atuar. A reorganização do grupo em torno do combate à reforma da previdência (quadro de injustiça) é uma situação relatada pela dirigente Lilian Coutinho que atua no Fórum desde o início, em meados do ano de 2017, segundo ela:

[...] a Frente Brasil Popular nasceu do movimento nacional, não é isso? E aí em certo momento, quando estivemos nessas discussões mais aprofundadas da reforma, um grupo de lideranças decidiram fazer uma coisa mais específica, né? Discutir mesmo o que era essa reforma, se de fato essa reforma da previdência iria atender os anseios dos trabalhadores ou prejudicar. (COUTINHO, 2019)

Ainda sobre a origem do Fórum surge a informação da composição inicial com participantes de outra organização de nome semelhante, mas com caráter de atuação mais difuso, denominado, “Fórum da cidadania”.

Esse Fórum, ele surgiu da necessidade dos trabalhadores de juntar várias categorias, num espaço que nós tínhamos aqui que era sede do sindicato dos bancários, para travar umas lutas que se apresentavam nesse cenário, no governo Temer. A origem do Fórum é a partir do momento do governo Temer que o pessoal começou a fazer essa construção. A gente, em princípio, colocou o nome “Fórum em Defesa da Previdência Pública” que era o que tava colocado já, no finalzinho do governo Temer, que tava

¹⁰ Segundo Dip, o congresso eleito em 2014 “foi o mais conservador desde o período pós-1964, com o aumento do número de parlamentares militares, ruralistas e religiosos.” (DIP, 2018, p. 49) A essa ascensão do conservadorismo pode-se somar a eleição da extrema direita nas eleições presidenciais de 2018.

essa discussão. Mas ele veio funcionar com mais efetividade, em termos de luta de rua, foi agora no governo Bolsonaro, com as reformas né, com as reformas propostas: trabalhista, a princípio a reforma trabalhista, que foi uma das primeiras que a gente enfrentou, mas efetivamente esse Fórum se constituía de vários sindicatos, nós chegamos a ter 29 entidades reunidas nesse fórum. E tinha pessoas que vieram para esse fórum também que eram de um fórum que tinha aqui em Imperatriz, chamado fórum da cidadania, que até então não fazia luta de rua, de movimento de rua, não conseguia congrega trabalhadores para fazer mobilização de rua. (FURTADO, 2020)

Na sua gênese o movimento pré-organizado vislumbra o que chamamos de “quadro de injustiça” e opera a tarefa de diagnóstico, o que implica em inflexão da organização se voltando então contra a reforma da previdência. Sem a percepção dessas figuras teóricas os próprios participantes do movimento trabalham as noções de quadro de injustiça que se operam dentro do que chamamos de “janela política” (KINGDON, apud MCADAM, MCCARTHY e ZALD, 1999, p. 399).

O termo diz respeito a situações políticas, econômicas ou sociais – entre outras - que podem ocorrer por diversos motivos, interessando aos atores como atuar de forma correta para um melhor aproveitamento da oportunidade. Assim, a “janela” que surge com o quadro de injustiça da reforma da previdência motiva os militantes locais a se organizarem, após um período de relativa apatia local, segundo a fala do dirigente Furtado, quando trata da formação do Fórum, após um período de arrefecimento das atividades sindicais durante os governos petistas:

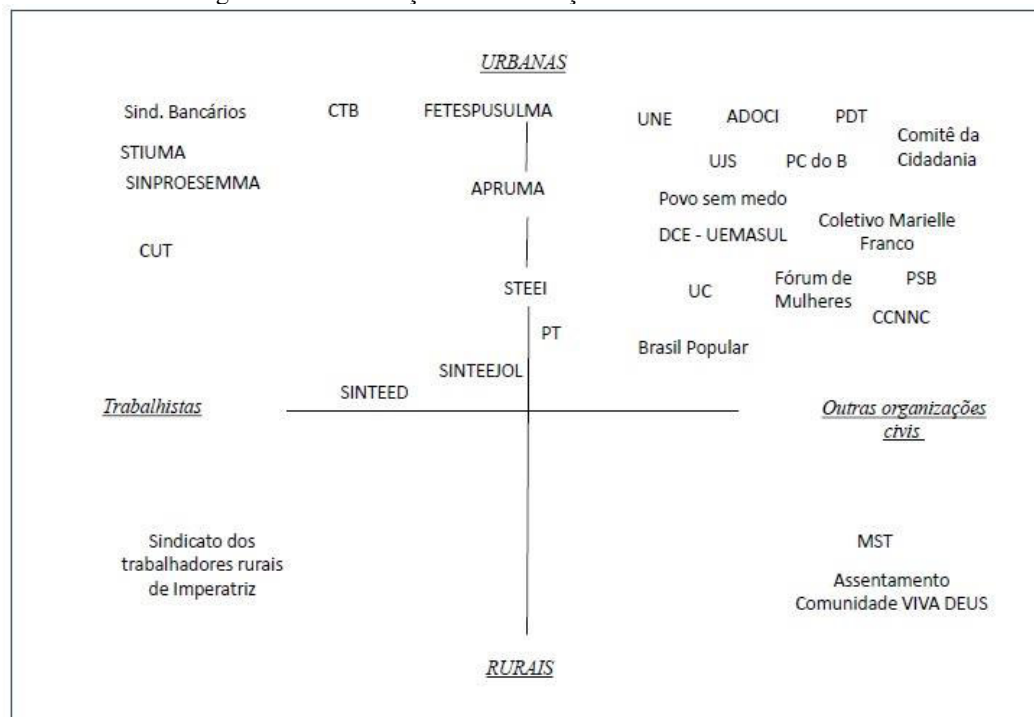
O movimento sindical, ele teve uma certa apatia, alguns, com os governos Lula e Dilma, mas aí, a partir do momento que entrou o governo Temer teve essa questão dos sindicatos se articularem e aqui em Imperatriz a gente tinha uma movimentação muito forte lá atrás, na década de 90, tinha uma movimentação muito forte dos sindicatos, mas não era fora era o sindicato mesmo que se reunia no mês de maio. E com esse fórum fortaleceu muito a luta dos movimentos sociais, como? Através por exemplo de organização do movimento primeiro de maio que aqui basicamente não tava mais existindo essa atividade de rua com os trabalhadores. Então nesse fórum começamos a trabalhar esse movimento de rua, com principal foco em defesa da Previdência, certo, e aí também participamos de outras atividades. Então ficamos fortalecidos no sentido que a gente arrumou muitas entidades fortes da cidade, basicamente o sindicato dos bancários, sindicato dos professores municipais, sindicato dos professores estaduais, sindicato dos urbanitários. Então, a gente basicamente se reunia na sede do sindicato dos bancários, nós fazíamos as reuniões lá, tomavam as deliberações e tirava os encaminhamentos para a rua. (FURTADO, 2020)

Inspirado no processo de construção do conceito de Quadro de ação coletiva (SNOW e BENFORD, 2000), verificou-se na narrativa que há a existência de um trabalho social de construção do enquadramento e a sinalização de um diagnóstico sobre a situação (buscar causas e vítimas do problema). Essa construção de um enquadramento, no caso do FDPSP, passa pela janela política promovida, ou iniciada mais diretamente com ascensão de um governo conservador liberal após a deposição de Dilma |Rousseff.

Apenas o panorama político nacional não pode explicar a construção local de um enquadramento, todavia a fala do participante aponta nesse sentido de colaboração entre fatores, mesmo que de forma simplória a visão de uma nova “luta” agora em posição de oposição, força as entidades a se organizarem novamente como em um passado recente na década de 1990. Agora a apatia organizacional dos movimentos sindicais locais relatada por “F” recua e dá lugar a um coletivo organizado que analisa as pautas vigentes, em um primeiro momento a da reforma da previdência. Esse trajeto não tem outro fim que não os atos de protestos, a “rua”, o derradeiro degrau da escalada do enquadramento.

O FDPSP conta com trinta e duas entidades, entre sindicatos, associações de estudantes e partidos políticos. A lista das entidades foi disponibilizada pelo próprio coletivo aponta o Sindicato dos Bancários do Maranhão, Sindicato dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino De Imperatriz (STEEI), Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica das Redes Públicas Estadual e Municipais do Estado do Maranhão (SINPROESEMMA), Associação de Professores da Universidade Federal do Maranhão - Seção Sindical do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (APRUMA - ANDES-SN), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Sindicato dos Urbanitários do Maranhão (STIUMA), Unidade Classista, Fórum de Mulheres, Centro de Defesa dos Direitos Humanos Padre Josimo, Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), Central Única dos Trabalhadores (CUT), Brasil Popular, Povo Sem Medo, Federação dos Trabalhadores no Ensino e no Serviço Público do Sul do Maranhão (FETESPUSULMA), Unidade Popular Pelo Socialismo (UP), Força Sindical, Diretório Central dos Estudantes Josias Morais (DCE – UEMASUL), Associação das Donas de Casa de Imperatriz (ADOCI), Centro de Cultura Negra Negro Cosme (CCN), Sindicato dos Trabalhadores da Educação em Davinópolis (SINTEED), Sindicato dos Trabalhadores da Educação em João Lisboa (SINTEEJOL), União da Juventude Socialista (UJS), União Nacional dos Estudantes (UNE), Comitê da Cidadania, Partido dos Trabalhadores (PT), PC do B (Partido Comunista do Brasil), PSB (Partido Socialista Brasileiro), Partido Democrático Trabalhista (PDT), Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Unidade Classista (UC), Assentamento Comunidade Viva Deus e o Coletivo Marielle Franco. Todas as entidades com alinhamento político muito próximo o que indica a consistência e credibilidade que sustenta a união desses coletivos, um dos requisitos de ressonância dentro dos movimentos sociais.

Figura 3 - Distribuição das instituições do FDPSP no ano 2019



Fonte: Elaborado pelo autor.

A disposição das entidades por área de atuação em contraste com as modalidades, voltadas ao mundo do trabalho ou outras organizações civis, como coletivos que buscam a defesa da cidadania, promoção de direitos humanos, educação e culturas populares; demonstra a forma diversificada e abrangente do FDPSP (Figura – 3) enquanto movimento social organizado. Pode-se, ainda, apontar uma maior concentração desses movimentos na área urbana, enquanto na área puramente rural, até o ano de 2019, apenas as organizações MST, Viva Deus e Sindicato dos Trabalhadores Rurais, compunham essa representatividade dentro do movimento. A matriz de composição, entretanto é urbana e dividida em sua maior parte entre as instituições que representam trabalhadores de diversos ramos de atividade – com destaque para as entidades de professores e servidores da educação – e coletivos civis que almejam representatividade e lutam por causas como Direitos Humanos, moradia e justiça social.

Essa organização divisória entre entidades colocada na figura 3, em contraste com as principais pautas, nos permite ter uma ideia da gestão organizativa e como ela pode se diferenciar da questão da representatividade numérica. Enquanto sindicatos especificamente urbanos podem ser melhor representados em termos de iniciativa do coletivo, pois propõem mais ações diretas (greves gerais, movimento contra cortes na educação, a própria previdência) outros coletivos rurais, mesmo que numerosos, uma vez que são uma categoria mais ampla, quase nunca estão nos protagonismos das principais ações do FDPSP.

Os trabalhos do FDPSP se confundem com os trabalhos das entidades envolvidas em sua formação. Assim, a promoção de cursos e eventos das entidades é amplamente difundida no ambiente do Fórum. Dessa maneira, tive a oportunidade de participar de dois eventos promovidos por entidades que compõem o coletivo no ano de 2019. O primeiro ocorreu na cidade de São Luís, entre 17 e 19 de junho, na sede estadual do Sindicato dos Bancários, por ter sido um evento estadual; a interação entre os presentes me foi interessante para compor meu próprio repertório de entrada em campo quando voltei para Imperatriz e participei do segundo evento. Esse, por sua vez, foi realizado na sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais no dia 19 de outubro e foi denominado “Curso de Realidade Brasileira”. Na oportunidade pude perceber como o movimento é de fato heterogêneo, além de ter contato com a “mística” da iniciação de trabalhos de reunião e palestras.

A mística é um momento de poucos minutos antes do início do evento em si, onde se realizam performances com músicas, danças e palavras de ordem. Na mística que observei não havia uma regularidade, previamente uma das entidades é escolhida para começar as falas e o desenrolar se dá por conta da iniciativa dos demais presentes. Gritos de ordem como “*Só sai reforma agrária com a aliança camponesa e operária*” e canções como Negro Nagô - “*Tem que acabar com esta história de negro ser inferior. O negro é gente e quer escola, quer dançar samba e ser doutor. Dança aí negro nagô, dança aí negro nagô*” -, muito difundida pelo movimento católico Pastoral da Juventude, foram entoados por todos os presentes.

A origem da mística está ligada a união direta entre o homem e a divindade (NETTO, 2007, p. 260), nas reuniões de coletivos, sobretudo os ligados à luta rural, trata-se de um recorte onde os repertórios – formas de ação – são compartilhados (ALONSO, 2012). Assim, cada grito ou palavra de ordem faz repristinar nos indivíduos o sentido das suas demandas, não à toa a mística é um momento de iniciação, anterior ao trabalho principal, trata-se de uma preparação onde se invoca o que une os indivíduos presentes.

As causas diversas já colocadas na mística se dividiam ainda mais no próprio ambiente decorado com as bandeiras dos movimentos; entre elas pude observar a bandeira arco-íris que representa mundialmente o movimento LGBTQI¹¹ desde a década de 1970, ladeada pela bandeira “LGBT SEM TERRA” e acompanhadas de cartazes com os dizeres “Mulheres vivas, livres e em Luta!”, “Existo porque resisto!”, “Mulheres em luta semeando a resistência!”, “Mulher bonita é mulher de luta!” e por fim um cartaz destacado com a foto em arte trabalhada da vereadora carioca Marielle Franco, mulher negra assassinada em 14 de março de 2018. A causa

¹¹ As muitas denominações que se iniciaram com essa sigla não foram olvidadas (LGBTQI, LGBTQI+, etc.), preferi utilizar como exemplo a designação originária dos movimentos gays, lésbicas, bissexuais e transsexuais.

feminina entremeada nas demais causas de luta agrária e urbana, bem como os movimentos de gênero poderiam ser destoantes em locais onde o aparato regional cultural não desse suporte para tanto. Dentro do FDPSP todas as causas se unem em determinado momento sob uma só bandeira de articulação, que é (ou foi) contra a reforma da previdência, mas que se torna mais abrangente ou mesmo pode ser redirecionada para outras demandas dos diversos movimentos que compõem o coletivo.

Todo esse processo de construção, entendo, pode ser observado pela ótica da ação política, pois diz respeito aos indivíduos em ação dinâmica no meio social organizado e a mística, dentro do MST tem uma função de unidade; é uma ferramenta política que se utiliza da memória do coletivo. Sobre os diversos significados da mística, aponta Silva:

A prática da mística se apresenta em múltiplos significados, entre eles enquanto a construção de uma memória coletiva ao qual tem por objetivo não deixar de existir a memória que comporta as atrocidades que foram cometidas com os povos do campo, e a violência que sofreram, porém é preciso ultrapassar as barreiras de nossas compreensões quanto o seu fazer no que tange o controle que se exerce sob os corpos, emoções e sentimentos dos/as indivíduos. A prática da mística tem o sentido de unidade, ou seja, de coletividade onde todos/as estão inseridos/as, porém é um momento de controle e estratégia de dominação para que todos/as que estão participando ou sendo representados/as não se ausentem da luta, ou seja, da sua responsabilidade de manter o movimento social vivo e em chamas[...] (SILVA, 2014)

Observar a construção de enquadramento pela organização interna do FDPSP através da teoria das molduras interpretativas, em conjunto com a noção de alteridade da fronteira é parte central do presente trabalho e ações simbólicas e representativas como a mística dentro de um coletivo ativo no FDPSP, como o MST, demonstram como se mantém elementos da construção de enquadramentos de luta pela terra e atuação campesina.

A observação de ações como a mística podem dar postas de como são construídos, de fato, os movimentos sociais em meios tão heterogêneos, que por vezes pensamos acontecerem espontaneamente; e ainda conhecer trajetórias dos sujeitos envolvidos e perceber como se “enquadram” nesses movimentos em região peculiar por conta da característica do conceito de agência, inerente à teoria dos quadros, como veremos mais adiante; e por fim passar a primeira flanela na janela embaçada que mostra o horizonte vindouro de um movimento organizado local.

Os muitos envolvidos em demandas locais que recorrem a enquadramentos nacionais como a reforma da previdência, têm uma trajetória que pode ser visualizada pela ótica da categoria de fronteira o que, entendo, mantém esse conceito ativo e atual, pois não é apenas mera herança dos sujeitos e suas lutas familiares, mas é módulo de estudo que supera o tempo

da expansão territorial. A fronteira estaria nos indivíduos que com o passar do tempo pautariam suas ações em acepções anteriores não apenas herdadas, mas construídas em um meio social heterogêneo com uma ideia difusa de exploração combatida frequentemente e de forma regular por movimentos organizados por eles. Assim, partiremos da ideia de fronteira de Martins, uma vez que aborda o indivíduo, o ser em conflito, mas em lugar de encontros e desencontros.

3 ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

A teoria das Molduras Interpretativas de Ação Coletiva já é utilizada para explicar a organização interna aos movimentos sociais no Brasil. Dos trabalhos apresentados, têm destaque os de Ricoldi (2012), Pereira (2014), Pereira (2015) e Silva, Cotanda e Pereira (2015). No primeiro, a autora aborda o *master frame* de direitos humanos no Brasil a partir do trabalho da Fundação Margarida Maria Alves, na Paraíba; para tanto percorre o caminho de explicar o conceito de *master frame* como um processo no qual uma estrutura primária (*frame*) ganha destaque entre outras através de uma nova readequação de sentido em maior amplitude (RICOLDI, 2012). Em termos semelhantes, o *master frame* do combate contra a Reforma da Previdência alinhou instituições em várias regiões do Brasil¹².

Já o trabalho de Pereira (2014) propõe um debate direto sobre os enquadramentos interpretativos nos movimentos sociais a partir da obra de Jonhston e Noakes (*Frames of protest*), uma coletânea que aborda o tema das molduras interpretativas de ação coletiva. Entre as grandes contribuições presentes nessa obra, destaca-se a proposta de Johnston antes já exposta em *Social Movements e Culture* (JOHNSTON e KLANDERMANS, 2004), sobre uma metodologia para a teoria da MIAC. O problema metodológico da abordagem me foi interessante, uma vez que a utilização da análise dos microdiscursos proposta pelo autor, foi por mim utilizada para a análise das falas dos participantes, durante as reuniões, depoimentos dentro do FDPSP e também durante os atos de protestos.

O trabalho de analisar a construção de um discurso de direitos humanos a partir de um macroenquadramento de direitos humanos por meio da análise de uma instituição de relevância para o tema é o principal foco do trabalho de Pereira (PEREIRA, 2015). Através de uma pesquisa histórico-documental, bem como entrevistas com os participantes, o autor pôde reconstruir como a Sociedade Maranhense de Defesa dos Direitos Humanos (SMDDH), se direcionou para a construção dos enquadramentos interpretativos, muito pela interação inicial entre os participantes, inseridos em bairros pobres onde era comum os casos de violência

12 A organização da coletividade em torno da ideia de “Fórum” ou local de debates não é nova e tampouco teve início em Imperatriz. O “Fórum em Defesa da Previdência” do SINDIRECEITA (Sindicato dos Analistas Tributários da Receita Federal) se articula naquele sindicato desde o ano de 2002. Outro exemplo é coletivo que se organizou na cidade de Maceió – AL, contando com várias entidades, entre elas o SINDIJUS (Sindicato dos Servidores do Poder Judiciário Federal em Alagoas). Outro homônimo acontece na cidade de Ponta Grossa – PR, lançado no começo do ano de 2017. A iniciativa que conta também com a articulação do Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal e do Ministério Público da União (SINTRAJUFE), é o Fórum de Porto Alegre - RS. A seção sindical do ANDES, em João Pessoa-PB, milita em prol do Fórum da Previdência local através da Associação dos Docentes da Universidade Federal da Paraíba – (ADUFPB-JP).

policial. O autor buscou, além da união em oposição ao regime militar da época, outras causas de aproximação entre os militantes; assim foram analisadas os laços matrimoniais, as relações partidárias, as relações de amizade e profissionais. Todas essas ligações são composições para um quadro interpretativo do movimento social em questão.

De forma semelhante, analisando como se organizam os movimentos regionais de fronteira, busco, com esse trabalho, demonstrar como os participantes de vários movimentos sociais alinhados à esquerda política na região de Imperatriz, se juntam em prol de um mesmo objetivo (construção de enquadramento), em defesa da previdência social com recursos que dispõem e como se promovem pautas diversas de acordo com o surgimento de novas oportunidades. O elemento local da fronteira é o ponto de partida para a análise do FDPSP por conta da impressão de características específicas – entre elas a movimentação de pessoas de outras regiões e os conflitos locais - todavia um maior número de pontos de averiguação da construção do enquadramento torna a aplicação da teoria mais robusta e contundente. As relações entre os indivíduos, suas falas, suas trajetórias e a interação entre eles sustentarão a parte prática da presente pesquisa.

Uma discussão sobre a teoria da MIAC, a partir da origem contributiva da obra de Erving Goffman é a proposta do artigo “*Interpretação e ação coletiva: o ‘enquadramento interpretativo’ no estudo de movimentos sociais*”, de Silva, Cotanda e Pereira (SILVA, COTANDA e PEREIRA, 2015). O texto recua aos processos da psicologia social onde conceito de quadro é trabalhado por Goffman como uma unidade de percepção do indivíduo durante os processos de interação. Essa percepção de quadro de Goffman foi colhida da obra de Bateson que explicava a moldura como um conceito mais restrito à percepção do indivíduo, enquanto aquele amplia a moldura para a percepção em situações em que se necessita de uma resposta interativa. Assim, se “leva em consideração tanto o envolvimento subjetivo do ator nas situações que conformam sua ‘realidade’ cotidiana como os princípios de organização que governam os acontecimentos e condicionam os envolvimento subjetivos individuais.” (SILVA, COTANDA e PEREIRA, 2015, p. 147). A interação entre os indivíduos é o princípio que rege a teoria do enquadramento. Como os interlocutores constroem significados para as suas ações dentro do coletivo FDPSP é uma ação que só se traduz através dessa raiz conceitual.

Já em consulta a bancos de dados e repositórios de teses e dissertações (UFMA¹³ e CAPES¹⁴) encontrei trabalhos produzidos entre os anos de 2011 e 2019. Busquei por trabalhos específicos sobre “enquadramento”, “molduras”, “movimentos sociais”, ligados ao termo

13 A escolha pela UFMA se justifica pelo referencial ao próprio programa de Pós-Graduação que participo.

14 <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>

“ações coletivas”. A escolha dos filtros tem esse limite por conta dos termos empregados diretamente e com mais frequência em trabalhos sobre a Teoria das MIAC. Dos nove trabalhos encontrados, cinco são citados por Pereira (PEREIRA, 2015, p. 26-27), entre eles quatro dissertações e uma tese de doutorado. Desse levantamento o autor conclui pontos importantes:

a) que se trata de um contexto dos primeiros estudos e produção de tal perspectiva em âmbito nacional; b) que por conta disso ainda não há um consenso sobre a forma de operacionalização de tais conceitos, sendo comum o fato de que em todos os casos as declarações e os discursos produzidos pelos movimentos sociais constituíram a principal matéria prima de tais trabalhos; e c) que o desenvolvimento de tal perspectiva internacional encontrava-se concentrada no eixo Sul-Sudeste, sendo necessárias outras iniciativas de difusão e debate de tal perspectiva em outras regiões como a Nordeste, especificamente, em São Luís - MA. (PEREIRA, 2015, p. 27-28)

Do cômputo de trabalhos que encontrei dois são análises feitas na região nordeste, além da própria tese de Pereira, produzida sobre uma instituição localizada na cidade de São Luís. Assim, que não se note ainda uma inflexão da produção teórica para nossa região, há um princípio de produções acadêmicas envolvendo a teoria da MIAC na região nordeste do País.

A operacionalização dos conceitos, todavia, tem um forte apelo aos discursos dos participantes, como a tese “Movimentos sociais, crise do lulismo e ciclo de protesto em junho de 2013: repertórios e performances de confronto, crise de participação e emergência de um quadro interpretativo autonomista”, tem como foco a análise da interação entre instituições e governo no contexto do ciclo de protestos do ano de 2013 e como as manifestações aprofundaram a crise no lulismo. O autor faz uso de consulta a vasto material *online* e *offline* bem como entrevistas com ativistas na cidade do Recife do movimento de ocupação (ocupe) Estelita¹⁵. A referência à teoria do enquadramento se dá pela visão autonomista e de antiglobalização que, segundo o autor, promove uma insatisfação com a política e gera uma “inflexão no sentido de um novo ciclo no processo de democratização e nas formas de interação institucional e de confronto dos movimentos sociais”. (ANDRADE, 2017).

A atenção às redes sociais digitais, nesse caso o *Facebook*, na formação dos protestos de 2013 no Brasil é o fio condutor da tese “Quadros de ação coletiva e Redes sociais digitais: o caso do João Pessoa Avante”, que examina o papel de eventos marcados através daquela rede social por uma mesoanálise que intenta uma ponte da teoria dos quadros de ação coletiva com as redes sociais digitais. Segundo autor, sua pesquisa teve um escopo de orientação “interacionista e contextual histórica, com ênfase no confronto das interpretações, priorizando

15 O cais José Estelita é uma área localizada ao lado do Centro histórico de Recife que foi leiloada para um novo projeto de urbanização privado. A ocupação por manifestantes se deu ainda no ano de 2012, que reivindicavam um projeto público de inserção e vida para o local.

as interações discursivas entre os participantes online e a forma de alinhamento com as interpretações dos movimentos sociais” (CARVALHO, 2017).

Com ponto de partida nas ocupações e intensificações das lutas urbanas do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) em São Paulo, o trabalho “Ação coletiva e dinâmica urbana: o MTST e o conflito na produção da cidade” percorre as trajetórias do MTST e seus integrantes desde os anos 1990 buscando a compreensão de como o neoliberalismo impactou na vida dessas massas da periferia e como sua organização ou reorganização através das ocupações ocorreu. Na visão da autora, as ocupações “emergem como forma de luta e resistência aos processos de mercantilização da cidade e da habitação, podendo constituírem-se como mediações políticas potentes, à medida que tensionam práticas e relações sociais e permitem construir espaços outros” (FALCHETTI, 2019).

Os trabalhos encontrados depois dos anos de 2013 e antes dos anos 2020 – mostram que a aplicação da Teoria das MIAC tem um apelo básico para a realidade atual que é a das redes sociais digitais. A própria organização dos atos de protesto de 2013 teve como marca os eventos marcados via redes sociais digitais como o Facebook (à época a mais popular e acessível), Instagram, Twitter e Whatsapp. Em trabalho recente sobre o assunto, Ruskowski (2018) busca entender como funciona o ativismo nessas plataformas digitais através da análise de suas intensidades e ocorrências. No desenvolvimento do trabalho a autora fez uso de pesquisa direta às redes sociais digitais de 24 indivíduos, que de uma forma ou de outra participaram de movimentos sociais, observando suas postagens durante um determinado período por meio de métodos de *thickening data*¹⁶ e análise do discurso.

Um anseio totalmente novo requer uma postura nova de combate ou organização dentro dos movimentos sociais. Tais mudanças também produzem um imperativo ao pesquisador para que ele busque novas formas de explicação para uma categorização antiga (organização, articulação, mobilização etc.), que agora se mostra de outros meios ou outras formas, esse é parte dos fenômenos coletivos, considerados como processos onde os atores produzem significados, se comunicam, negociam e tomam decisões (MELLUCI, 1994). Assim, uma nova forma de organização dos movimentos sociais, pautada na comunicação por meios digitais não pode ser ignorada, já que o contexto aponta para a tecnologia cada vez mais inserida nas

¹⁶ O termo é usado, em explicação mófica, para cobrir as emoções em meios digitais, são posições das pessoas que estão além dos teclados e telas de toque, mas que podem ser “medidas” através de pesquisas específicas. Em breve definição: “Thick data é o oposto de ‘Big Data’; é a cola pegajosa que é difícil de quantificar – emoções, histórias, visões de mundo – o que se perde no processo de normalização, padronização, definição e clustering que torna os datasets massivos analisáveis por computadores” (WANG, 2016)

relações pessoais. Observa-se a articulação sendo feita de uma nova forma. A resposta acadêmica pode ser observada pelo levantamento que acabamos de elencar, onde as redes sociais digitais são presentes e novos termos são colhidos e maturados para serem trabalhados na construção de problemas sociológicos.

3.1 A interação e os quadros sociais

O conceito de quadro, ou moldura, desenvolvido por Erving Goffman, tem a intenção de explicar a interação entre indivíduos em termos situacionais, com uma preocupação das percepções desses indivíduos em determinados momentos que podem ser de interação face a face ou envolver um grupo maior de pessoas. A pressuposição do autor é que quando as pessoas se “se interessam por qualquer situação usual, elas se confrontam com a pergunta: ‘o que está acontecendo aqui?’” (GOFFMAN, 2012, p. 30). O termo quadro, todavia, foi primeiramente engendrado por Gregory Bateson (1972), do qual o próprio Goffman destaca a “representação” dos indivíduos enquanto se utilizam de situações reais como modelo. Essa ação possibilita que, de forma intencional, os sujeitos se utilizem de fantasias para provocar confusão em seus interlocutores.

A organização dessa interação, o que permite que os aspectos subjetivos possam ser reconhecidos e utilizados, ocorre através dos quadros, os elementos básicos que trabalham na construção de significado. Nas palavras do próprio autor:

Pressuponho que as definições de uma situação são elaboradas de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e nosso envolvimento subjetivo neles; quadro é a palavra que uso para me referir a esses elementos básicos que sou capaz de identificar. Esta é a minha definição de quadro. Minha expressão “análise de quadros” é um *slogan* para referir-me ao exame, nesses termos, da organização da experiência (GOFFMAN, 2012, p. 34)

As respostas dadas a determinadas situações nas quais os indivíduos estão envolvidos, e mais, como essas respostas são dadas (forma, tempo, local etc.) é o que, grosso modo, vem a ser um enquadramento. O trabalho de Goffman, não tinha a intenção de atingir determinados grupos sociais, ou observar como a interação e o enquadramento poderia ser útil a responder problemas sociais relevantes como a diferenciação entre classes sociais; não à toa, logo na introdução da obra “*Frame analysis – Na Essay on the Organization of Experience*”, (Os Quadros da Experiência Social – Uma Perspectiva de Análise), de 1974, o autor garante que a ideia que está a desenvolver trata de um aspecto secundário da vida social:

Este livro trata da organização da experiência – algo que um ator individual pode admitir mentalmente – e não da organização da sociedade. Não tenho nenhuma pretensão de falar sobre os temas centrais da sociologia: a organização social e a estrutura social. Estes temas foram e podem continuar sendo estudados adequadamente sem qualquer referência ao quadro. (GOFFMAN, 2012, p. 37)

Para nossa análise da construção de enquadramento, dois conceitos citados por Goffman na obra *Frame Analysis*, serão interessantes. As duas proposições são desdobramentos do que o autor chama de “Esquemas Primários” (GOFFMAN, 2012, p. 45). O conceito também aparece sob o nome de “Quadros Primários”, em português de Portugal, em texto elucidativo de Nunes (1993) com uma visão geral da obra *Frame Analysis*. Os esquemas primários se dividem em esquemas primários naturais e esquemas primários sociais.

Em princípio, esquema faz parte da resposta do indivíduo a determinado acontecimento. Ao se fazer presente em algum fato do cotidiano as pessoas recorrem a esquemas mentais predefinidos para realizar sua interpretação. Os esquemas são chamados primários, pois estariam no topo de uma pirâmide de outras articulações mentais do indivíduo. O esquema primário seria a última idealização de uma sequência mental de respostas disponíveis, seria o norte verdadeiro, a última recorrência, a chave mestra da interpretação:

Digo primário porque a aplicação desse esquema ou perspectiva é considerada, por aqueles que a aplicam, como não dependendo de – nem retornando a – alguma interpretação anterior ou “original”; de fato, um esquema primário é aquele que se pensa que converte em algo significativo aquilo que de outro modo seria um aspecto da cena desprovido de significação. (GOFFMAN, 2012, p. 45)

Um esquema primário natural, por sua vez, trata-se de um acontecimento que identifica os acontecimentos não correlatos à vontade humana, ou acontecimentos não guiados (GOFFMAN, 2012, p. 46). A percepção desses eventos é tida como natural por estar fora dos domínios do raciocínio humano na sua formação; tais acontecimentos não são pensados nem dependem da ação do ser humano. A observação desses esquemas de forma arranjada metodologicamente está, sobretudo, nas ciências naturais ou biológicas; um exemplo seria a cor do sangue, naturalmente vermelho, fenômeno observado por todos, mas com outra significação para grupos sociais de esquerda como o FDPSP.

Os esquemas primários sociais, por sua vez, são compreensões para um acontecimento volitivo. São asserções à cerca de um fato produzido socialmente e

incorporam a vontade, o objetivo e o esforço de controle de uma inteligência, de um agente vivo, sendo o principal deles o ser humano. Esse agente é tudo menos implacável; ele pode ser seduzido, lisonjeado, desafiado e ameaçado. Aquilo que ele faz pode ser descrito como “ações guiadas” [*guided doings*]. Estas ações submetem o agente a “padrões”, à avaliação social de sua ação com base em sua honestidade,

eficiência, economia, segurança, elegância, tato, bom gosto e assim por diante. (GOFFMAN, 2012, p. 46)

O que difere as duas modalidades de esquemas de interação é a vontade do homem em relação à construção do fato que está em compreensão. Enquanto no esquema natural o fato é independente e indiferente à vontade do homem, no esquema social o “padrão” é construído, ditado de forma antrópica. O exemplo de esquemas é a dessa vez a própria cor vermelha utilizada como símbolo de sangue derramado pelas lutas sociais. A cor vermelha é comum durante protestos e também nos símbolos das muitas entidades envolvidas com o FDPSP. A associação da cor vermelha com o espectro da esquerda política é fruto de um esquema social primário de abrangência até aos adversários, que frequentemente se utilizam do lema igualmente construído, “nossa bandeira jamais será vermelha”.

Partindo dos esquemas primários podemos espelhar, mesmo que de forma não tão precisa, a teoria dos quadros de Goffman na visão dos movimentos sociais pela obra de Snow e Benford, onde o fator “vontade”, que é decisivo no esquema primário de interpretação social, pode ser transmutado para o enquadramento através das ideias de seus proponentes, que o fazem de maneira intencional ou não.

Dentro do FDPSP as ações volitivas no sentido de proporcionar atos de protestos ou direcionamentos do grupo parte quase sempre de um núcleo isolado dos demais participantes – grupos de coordenação e articulação. Tarefas como o enfrentamento direto pela fala, o financiamento de atos, a confecção e impressão de panfletos e comunicativos, bem como a composição de documentos direcionados a autoridades, são exercidas a partir de um grupo que atua horizontalmente, mas em nível diferente da parte geral do coletivo que é composto por muitos mais pessoas, um número flutuante de acordo com a disponibilidade das entidades em ceder seus componentes para reuniões e eventos de rua.

Os esquemas primários são ainda importantes por estarem ligados diretamente à cultura do grupo. O conjunto de *schemata* resulta na cosmologia do coletivo que interage. Ao se apresentar em local e fronteira como Imperatriz, o FDPSP une esses esquemas ou quadros primários de diversos participantes sob muitas formas de apresentação. Ainda nas palavras de Goffman:

Tomados em conjunto, os esquemas primários de um determinado grupo social constituem um elemento central de sua cultura, especialmente na medida em que surgem compreensões relativas aos principais tipos de *schemata*, às relações destes tipos entre si e à soma total de forças e agentes que esses modelos interpretativos reconhecem estarem soltos no mundo. É preciso tentar formar uma imagem do esquema de esquemas de um grupo – seu sistema de crenças, sua “cosmologia” – ainda que este seja um domínio que os estudiosos atentos da vida social

contemporânea geralmente têm tido o prazer de entregar a outros. (GOFFMAN, 2012, p. 51).

Do modo que partimos para uma abordagem cultural do FDPSP, a noção de esquemas primários se faz necessária por conta dessa ligação imediata entre os agentes e essas forças sociais. Assim, analisar a construção do enquadramento em torno da defesa da previdência pública, passa primeiro pelos níveis de interação que fazem parte do conjunto cultural e que estão em meio ao local propício de encontro do outro, a fronteira, modelo cultural típico local que se mostra de suma importância para a análise do enquadramento.

3.2 O enquadramento em movimentos sociais

A teoria das MIAC é aplicada aos movimentos sociais desde a década de 1980, com destaque para os trabalhos dos estadunidenses David A. Snow (Universidade da Califórnia em Los Angeles) e Robert Benford (Universidade do Sul da Flórida, em Tampa). Para os autores, “enquadramento”, em aplicação seria uma construção de significados, com características ativas, processuais e de agência. Ativas, pois denota algo que está sendo feito, produzido; possui características de agência, enquanto trabalho de organizações e indivíduos; e é processual, no sentido que intenta modificar as situações no nível de realidade de forma dinâmica ao longo de um período. A resultante desses processos é o que os autores chamam de “quadros de ação coletiva”. (SNOW, BENFORD, 2000, p. 614) ou Molduras de Interpretação de Ação coletiva (MIAC).

Com isso não se exclui a ideia de que movimentos sociais surgem a partir de determinadas necessidades, todavia as razões externas a esses movimentos não são o bastante para ativá-los ou mesmo mantê-los ativos. A diferenciação da teoria das MIAC é o olhar interno aos movimentos sociais, enquanto outras teorias como a TPP (Teoria do Processo Político) e TMR (Teoria da Mobilização de Recursos) computam sobretudo fatores externos às organizações, os quadros de ações coletivas são modelos onde os agentes dirigentes são fundamentais para o engajamento dos participantes, mobilização dos mesmos, reprodução das ideias e causas e a ainda a desarticulação de posições antagônicas internas e externas. Os quadros tornam significativas as experiências, organizam e orientam essas ações. Esse movimento de liderança pode ser analisado mesmo dentro de coletivos com uma proposta horizontalizada como é o FDPSP. Esse dilema das lideranças é esboçado pelos próprios participantes. Quando questionada a respeito uma militante se posiciona:

Eu vejo o Fórum como um colegiado. Não deveria haver proeminência de lideranças, mas na prática as personalidades se impõem. Eu acho que tenho personalidade de liderança em vários ambientes, mas no Fórum sou apenas representante da APRUMA. Na verdade, era, porque da última vez me apresentei como militante independente. (STEINHORST, 2020)

Em um colegiado as decisões são tomadas por meio de votações realizadas com membros escolhidos pelas entidades, nos modelos de Fórum, ao menos no FDPSP, essa “escolha” parece acontecer por meio da própria interação assim, como indica a observação, e segue os critérios de deferência no meio interacional. A deferência, para Goffman, é um “componente da atividade que funciona como um meio simbólico através do qual se comunica regularmente apreciação para um receptor deste receptor, ou de algo do qual este receptor é considerado um símbolo, extensão ou agente.” (GOFFMAN, 2012, p. 59) dessa forma, a militante que antes era representante de determinada entidade – no caso a APRUMA-ANDES (Associação de Professores da Universidade Federal do Maranhão - Seção Sindical do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior) – agora se apresenta como militante independente, é difícil crer, baseando-me no conceito de deferência ao nível de interação, que no âmbito do grupo de lideranças sua participação tenha sido rebaixada, por conta da qualificação de representante de entidade, mesmo que essa entidade tenha servido de “porta de entrada” para ela no FDPSP. A deferência tem um caráter residual nesses casos e, segundo Goffman, mesmo assim seus atributos não podem ser negligenciados impunemente. (GOFFMAN, 2012, p. 63)

Durante a construção da significação do movimento, essas lideranças fazem parte de um conjunto de atores que envolve a mídia, o Estado e governos locais, além de lideranças políticas avulsas. Esse conjunto é que dá sentido ao enquadramento, pois projeta os antagonismos e mantém o movimento ativo, com a ideia de que “algo está sendo feito”. Esse algo tem um valor relativo ao “contra quem está sendo feito”. (SNOW, BENFORD, 2000, p. 613).

Um quadro de determinada situação interativa, que ocorre com frequência, onde o indivíduo se utiliza de esquemas mentais prévios para reagir, é um quadro de injustiça. Tais situações são mais comuns nos esquemas primários naturais e podem ser interpretadas a partir de esquema onde não seja aplicada uma avaliação emotiva. Já os quadros de injustiça de raiz esquemática primária social quase sempre estão ligados, ao menos nas sociedades ocidentais, ao direito básico à vida. Na esteira do desenvolvimento e da modernidade esse direito também se sofisticou, só viver não é bastante; nunca o foi, mas para maioria das pessoas a penúria era natural. Os quadros de injustiça se manifestam por direitos diversos desde então, ligados por esse direito primevo.

Um quadro de injustiça, portanto, necessita de um esquema primário social de injustiça para que seja avaliado como tal. Assim se dá a primeira das tarefas principais de enquadramento: o diagnóstico. Muitos movimentos sociais, todavia, não reúnem seus componentes a partir de um enquadramento de injustiça, o são assim pela natureza do próprio movimento: movimentos religiosos, movimentos identitários e de autoajuda são exemplos. (SNOW; BENFORD, 2000, p. 615).

A injustiça é ponto de partida da tarefa de enquadramento diagnóstico; daqui se organizam as buscas pelas “vítimas” da injustiça; em seguida há o que os autores chamam de amplificação da vitimização e, por fim, a definição dos culpados, que naturalmente serão os alvos principais das mobilizações. Mesmo que nem todos os movimentos sociais estejam ligados a quadros de injustiças, parece ser geral que todos os movimentos que são de envolvimento com questões políticas ou econômicos se baseiam em quadros de injustiça, pois são desdobramentos de direitos elementares derivados do direito à vida, como habitação, transporte e saúde, que entra no bojo da seguridade social.

O quadro de injustiça originário do FDPSP é a reforma da previdência. Para o coletivo, a reforma imposta pelo governo federal retirava direitos dos trabalhadores que ainda iriam se aposentar. Assim se opera a tarefa de diagnóstico, detectando um quadro que possa adquirir respaldo em um meio coletivo que está se organizando ou que está por se organizar. O início da construção do enquadramento contra a reforma pode ser observado pelo relato do militante Eduardo Palhares:

Diante de todas essas agruras que o movimento sindical, que os trabalhadores estavam sofrendo, passamos a, nacionalmente, os trabalhadores, buscar sua organização. Aqui em Imperatriz, localmente, reunindo diversas entidades, não só sindicais, mas de todo o movimento social, movimento das mulheres, movimento estudantil, movimentos comunitários, movimentos em defesa da moradia e da terra; nos reunimos inicialmente, com o nome definido como “Fórum em Defesa da Previdência Pública”. Nos reunimos para organizarmos a nossa resistência na época contra a reforma da previdência. Já vínhamos nos reunindo anteriormente na luta contra a PEC ainda no governo Temer que congelou por vinte anos os investimentos na saúde e na educação. Diante de todas essas demandas que foram impostas pela sociedade depois do golpe de 16, ficou latente a necessidade de que tínhamos que organizar a sociedade, organizar os trabalhadores para fazermos frente a essas injustiças. (Eduardo Palhares, junho de 2020)

O coletivo dos movimentos já existia antes da tensão da reforma da previdência, todavia ganha nome e forma mais definida a partir do fim do ano de 2016 (05 de dezembro daquele ano) com o envio à Câmara dos Deputados, pelo governo Michel Temer, da PEC (Proposta de

Emenda à Constituição) 287¹⁷, com as propostas de reforma. O nome do FDPSP é escolhido de acordo com o quadro de injustiça detectado por uma tarefa de diagnóstico. A leitura dos acontecimentos políticos resulta nessa tarefa que tem a ver com a percepção de demandas “impostas pela sociedade”. Assim, no curso da construção do enquadramento estão claros e definidos, dentro do quadro de injustiça, as vítimas (trabalhadores), que teriam seus direitos tolhidos, e os antagonistas (governo) que propõe mudanças na legislação federal sobre a previdência.

Uma variação na atuação do FDPSP aconteceu durante a pandemia da COVID-19. No período essa relação entre antagonismos foi bem exposta em meios de mídia digital na internet e na televisão em ações que altercavam a prefeitura municipal de Imperatriz (figura 4) e se utilizavam da mídia televisiva para a promoção das ações do FDPSP contra os males da pandemia (figura 5).

Figura 4: Card de recomendação à Prefeitura Municipal de Imperatriz



Fonte: Página do Instagram do Fórum em Defesa da Previdência Social Pública de Imperatriz. Acesso em junho de 2020¹⁸

¹⁷ O trâmite político pelas comissões da Câmara segue seu curso até a suspensão das votações de propostas de emenda por conta da intervenção federal no Estado do Rio de Janeiro em fevereiro de 2018. Nesse intervalo o Fórum não tem atividade em redes sociais digitais, sua página no Facebook é criada em 27 de maio de 2019, já em meio a outras demandas, inclusive a da reforma da previdência colocada em pauta pelo governo de Jair Bolsonaro.

¹⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/forumdaprevidencia/?hl=pt-br>

Os exemplos expostos nas figuras 4 e 5 mostram o coletivo atuando em prol de uma demanda diferente da original, que é a defesa dos direitos previdenciários. Enquanto se construiu um enquadramento voltado para as políticas de contenção de gastos com a seguridade impostas pelo governo federal, o FDPSP alicerçou seus quadros com a manutenção dos contatos entre as entidades e pessoas. Essa ação representa o que Snow e Benford chama de “tarefas principais de enquadramento” (SNOW e BENFORD, 2000, p. 615). Essas tarefas são três: prognóstico, diagnóstico e mobilização. A já citada tarefa de diagnóstico é tangente ao quadro de injustiça que origina a organização.

Figura 5- Card de divulgação da participação do FDPSP em Jornal local.



Fonte: Página do Instagram do Fórum em Defesa da Previdência Social Pública de Imperatriz. Acesso em junho de 2020¹⁹

A segunda tarefa principal de enquadramento é a de prognóstico. Aqui teríamos a parte prática dos movimentos, o que envolve um plano de resolução do problema detectado na etapa anterior. É importante frisar que as etapas de enquadramento não são estanques e que no interior dos movimentos sociais são discutidas, rediscutidas e reenquadradas várias situações sem o seguimento de uma linha do tempo rígida; o enquadramento, suas etapas, são ditadas pelas situações do cotidiano dentro dos movimentos. Esse cotidiano dos movimentos é pano de fundo para a ação, suas estratégias e desdobramentos, é no todo uma questão empírica (SNOW;

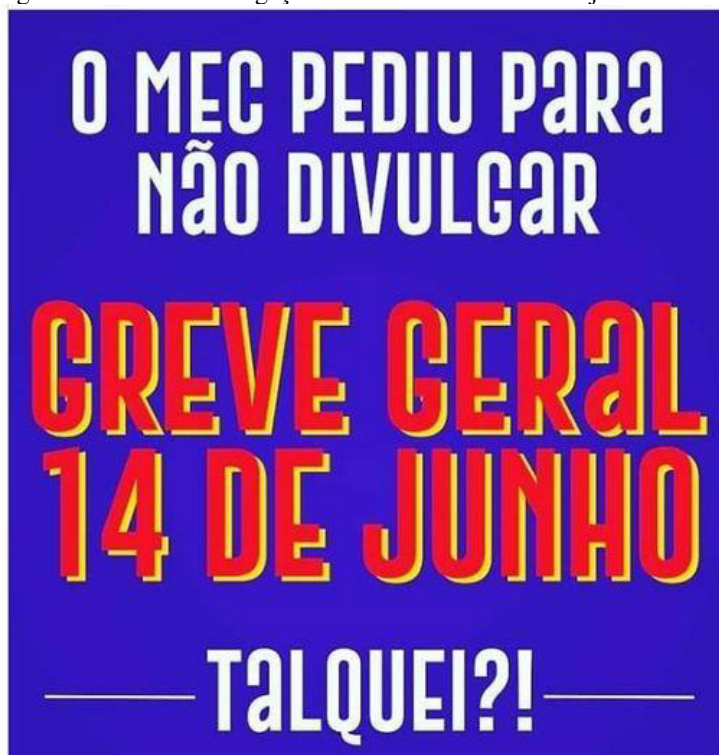
¹⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/forumdaprevidencia/?hl=pt-br>

BENFORD, 2000, p. 616), mas é notória a correlação entre os enquadramentos diagnósticos e prognósticos no tangente à limitação dos segundos ao que foi detectado nos primeiros, ou seja, o enquadramento diagnóstico é tarefa importante de organização para a ação ordenada. Assim, eventos que, em tese, estariam distantes do quadro original, podem surgir como demandas urgentes, se mais relevantes para o movimento naquele momento.

A articulação do Fórum durante o ano de 2019 girou em torno das pautas nacionais trabalhistas e, sobretudo, das voltadas ao direito à educação. A reforma da previdência tramitou no legislativo durante o ano, desde sua proposição pelo governo federal em 20 de fevereiro. O marco de protesto relacionado com a reforma ocorreu na sexta-feira, 14 de junho. Em Imperatriz o FDPSP realizou a tarefa de prognóstico, traçando um “plano de ataque” seguindo um enquadramento nacional de greve geral proposto por diversas entidades de oposição ao governo. (Figura – 6). Em reunião na sede do sindicato dos bancários no dia 21 de maio de 2019 o alinhamento nacional pela greve geral foi definido pelos participantes, bem como o financiamento dos atos pelas entidades que se dispuseram a participar além de avaliações dos atos anteriores do mês de maio, no dia 15. Os principais pontos de estratégia na articulação para a greve do dia 14 de junho foram: “a conversa com as lideranças nas ruas e nos bairros”; “folha de assinatura de abaixo assinado” e “pensar a divulgação, arte para o encontro em 26/05”. (FDPSP, 2019). Já no dia primeiro de junho os *cards*²⁰ referentes ao ato passaram a ser veiculados na página do Facebook do coletivo.

²⁰ Os cards, segundo Pierin, são estrutura de divulgação “geralmente apresentados em formatos retangulares, contém informações resumidas, relevantes, interativas e de rápida compreensão. [...] O *card* gera engajamento, é ‘clean’, versátil, de fácil compreensão, compartilhável, prende a atenção das pessoas.” (PIERIN, 2016)

Figura 6 - Card de divulgação da Greve Geral de 14 de junho de 2019



Fonte: Página do Facebook do Fórum em Defesa da Previdência Social Pública em Imperatriz. Acesso em 22 de junho de 2020²¹.

Snow e Benford apresentam, dentro da ação de enquadramento prognóstico, a figura do contraquadro (2000, p. 617). Em meio aos movimentos sociais e suas tarefas de enquadramento, uma situação constante é a de embate entre grupos de interesses comuns e também de interesses divergentes ou opostos. Essa situação de emulação faz com que as estratégias sejam pensadas de forma a aparatar o próprio movimento usando de antecipações de ações dos opositores. Essa tarefa vai além do *se vis pacem, para bellum*, e é uma forma interessante de conquista de espaços, engajamento e apoios externos ao movimento.

O contraquadro é um embate entre ações pensadas pelos dirigentes voltadas para a desarticulação dos contendores e na prática é a visão de antecipação que faz toda a diferença; essa visão se dá com o movimento constante de enquadramento diagnóstico para prognóstico. Um exemplo prático do FDPSP é feito sempre em reuniões de avaliação dos atos de protesto. Nas reuniões a fala é colocada à disposição dos presentes e partes importantes são anotadas em ata. No dia 21 de maio de 2019, na sede do sindicato dos bancários em Imperatriz a ata de reunião marcou as avaliações ponto a ponto do ato de protesto contra os cortes na educação pública que se desenvolveu no dia 15 daquele mês:

1 – Saímos muito tarde

²¹ Disponível em:

<https://www.facebook.com/forumdaprevidenciaitz/photos/a.293697418178789/296653457883185/>

- Gerou confusão dos locais
- O ato foi muito bem
- Os dois atos foram bons – a participação do Fórum na logística
- Unificar e fragilizar o governo
- Parlamento é de direita, mas nem todos são fascistas. Há um desentendimento entre os fascistas, neoliberais e militares
- Movimento dos universitários – solidariedade entre o Fórum e os universitários
- Pensar o horário – de preferência à tarde, por conta do calor.
- Pensar nos próximos movimentos – no trajeto, começar e terminar no mesmo local.
- [...]
- Estratégias para unir os estudantes. (FDPSP, 2019)

As citações aos movimentos estudantis têm a ver com os atos do mês de maio (15 e 30) em Imperatriz que foram contra os cortes de gastos na educação pública pelo MEC. Ambos foram capitaneados pelo FDPSP, todavia com a união do movimento estudantil, universitário e secundarista, uma tensão entre as classes surgiu por conta das ordens das falas e os horários da manifestação durante os atos do dia 15. A fala de uma das lideranças do FDPSP nesse sentido esclarece a formulação de um contraquadro já sendo construído durante a reunião do dia 21. A alteração gerou uma disputa que foi transformada em aliança pelas lideranças do Fórum, segundo a fala da participante Lilian Coutinho:

Teve aquela manifestação, que foi sobre a educação, e aí a gente pensou em chamar os estudantes, para unir conosco. E aí muitos dos estudantes achavam que era o contrário, que o Fórum que tinha que se unir ao movimento dos estudantes. E aí chegou um conflito em até a questão do horário. [...] Porque o Fórum defendia pela manhã e os estudantes à tarde. E aí com essa questão do horário se entrou em um conflito muito grande. A questão da imaturidade, a questão de os veteranos não aceitarem muito o novo. [...] Então a gente tinha que ter um pouco mais de paciência com essa galera que tá trabalhando que tá tentando entender todo esse universo das manifestações aqui em Imperatriz. [...] Quando foi o primeiro momento não chegou em um consenso, é tanto que nós fizemos pela manhã e a gente deu a volta na BR pela manhã, alguns foram conosco, e à tarde teve outra manifestação que eles organizaram, os estudantes. É tanto que pela manhã, enquanto nós estávamos na manifestação, eles estavam dentro do IFMA, da UEMASUL e da UFMA, confeccionando material, se organizando para o ato deles à tarde, também não abriram espaço para nós do Fórum falar, embora a gente estivesse ajudando com a questão do som e essa questão da logística que eles não tinham. [...] Quando foi o segundo momento, [...] teve várias questões, eu lembro que eu chamei o pessoal todo pra reunião, eles passaram a fazer parte da coordenação e novamente nas primeiras reuniões foi falada a questão do horário e novamente nem o Fórum decidiu [...] só sei que depois já de várias reuniões discutindo essa questão do horário, aí resolveram ficar mesmo no horário dos estudantes, à tarde.

Um contraquadro trata-se da antecipação de uma situação que ocorrerá entre movimentos organizados ou entre movimentos e autoridades. Se antecipando ao posicionamento do movimento estudantil o FDPSP cedeu horários, insumos e logística, além de espaço no seu próprio núcleo de coordenação a um movimento em plena posição de antagonismos interno na mesma matriz política momentânea; tal manobra tende afastar os conflitos impossibilitando o

que Silva aponta que “uma das forças do contramovimento tem a ver com o confronto entre os próprios movimentos” (SILVA, 2018). Esse exemplo serve para corroborar a visão de que as práticas de enquadramentos não estão restritas aos movimentos sociais populares, contra o Estado, mídia e governos, mas pode ocorrer em níveis de movimento para movimento em meio a atos específicos. O FDPSP continua articulado na cidade de Imperatriz, o movimento estudantil foi dispersado depois dos atos de maio de 2019.

Os enquadramentos voltados à mobilização ou enquadramentos motivacionais fecham as tarefas principais de enquadramento nas ações coletivas. Se adotarmos uma linha, apenas para efeito de organização, com o diagnóstico de determinada situação problema onde se detectam os culpados e as vítimas dentro de uma situação de injustiça, seguido da organização interna para a ação, visando o engajamento dos indivíduos ou sua adesão ao quadro, ao final teríamos um componente ativo que é a prática externa ao movimento, para além da fronteira organizacional. Para a realização dessa tarefa é necessário o elemento motivacional, isso se dá através da construção de um vocabulário próprio que envolve os participantes criando um componente de agência que sustenta o engajamento dos indivíduos dentro do enquadramento e os mobiliza em função da pauta do movimento. (SNOW; BENFORD, 2000, p. 617). Uma questão semelhante se dá na propaganda através dos *slogans*, todavia um vocabulário motivacional é mais complexo e envolve outras questões; enquanto o *slogan* é uma ferramenta direcionada, o vocabulário motivacional é difuso e, até certo ponto, pode gerar conflitos, como o que ocorreu entre o movimento estudantil e o FDPSP.

A tarefa de mobilização se dá no FDPSP, através dos indivíduos e suas trajetórias, são esses participantes que criam o vocabulário próprio ou o trazem de suas vivências em outros movimentos sociais. Há uma componente local de aglutinação de demandas urbanas, rurais, trabalhistas, estudantis e outras; esse componente da fronteira liga os indivíduos que por aqui sempre estiveram (oriundos) e os que para cá vieram por motivos que dizem respeito à própria característica regional de entroncamento. Assim, falar em militantes, é falar na fronteira que abrange cada um dos que se mantem ativos no FDPSP. Não que a fronteira seja a razão da união entre as pessoas, mas que as trajetórias se cruzam nessa região por motivos próprios locais, podemos ver nos depoimentos de três dos participantes:

A minha participação no Fórum é por conta do movimento negro. Sou militante. Participei ativamente, já fui presidenta do Centro de Cultura Negra Negro Cosme. De uns tempos para cá, um pouquinho antes da pandemia eu me afastei um pouco do Centro. [...] Então a minha participação no Fórum é exatamente por conta do Centro. A gente tem algumas pessoas do Centro e eu entrei no Fórum exatamente por conta dessa movimentação social que a gente faz diante da juventude, das mulheres pretas

embora nosso trabalho seja mais pedagógico a gente trabalha diretamente nas escolas, até porque eu sou professora. [...], mas a gente tem uma militância enquanto moradora de bairro e tudo, foi por conta disso que eu entrei no Fórum. E é por conta do Fórum que eu participo de algumas manifestações, de alguns atos públicos, porque é uma coisa que gosto muito mesmo, a minha trajetória sempre foi de movimento social. Nasci em Caxias no Maranhão, cedo mudei-me pra Brasília, foi lá que estudei o ensino médio, faculdade eu já fiz aqui na UEMA antiga, agora UEMASUL. Mas sempre fui de movimento social, sempre, sempre, sempre fui de movimento. Fui de pastoral da juventude na igreja católica, fui de pastoral social, então sempre tive um envolvimento social. E por conta de ser mulher, mulher preta, filha de preta, neta de preta também sempre militei pelo movimento negro, por entender que a gente precisa dar força para aqueles que ainda não encontraram um espaço enquanto pessoa preta, enquanto pessoa negra. (Inês, agosto de 2020)

Eu tenho 39 anos, sou professor, na minha atuação dentro do Fórum são dois momentos, eu morava em outro Estado [...] aí comecei minha militância em Imperatriz junto com os movimentos sociais do campo, que eu sempre trabalhei com eles e militei ao lado deles e dentro dos direitos humanos. [...] Desde 1999 eu sou militante do Partido Comunista Revolucionário. (P. agosto de 2020)

A partir do momento que eu me inseri na diretoria da APRUMA eu vi a necessidade de participar do Fórum da previdência que já existia em São Luís e eu sabia que era uma representação importante na cidade dos movimentos sociais e dos sindicatos, das centrais sindicais e achei importante a representação da APRUMA. (Elena, agosto de 2020)

Os participantes do FPDPS que tive a oportunidade de entrevistar, mesmo que à distância, recorrem ao “sempre” com frequência quando se manifestam sobre sua história de militância. Assim, Inês sempre foi de movimentos sociais, “P” sempre trabalhou com os movimentos do campo. De outra maneira, a importância da organização coletiva também é referência para todos que militam dentro do coletivo. Sobre a representação durante a interação, Goffman advoga ser essa uma “atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência.” (GOFFMAN, 2014). A motivação das falas que recobram sempre a perenidade da atuação do indivíduo em meio a movimentos sociais, podem ser para que eles possam se reafirmar dentro do grupo ou para observadores externos. Esse meio, segundo próprio Goffman, é empregado através do uso da fachada. A fachada, afora o uso pejorativo do termo no senso comum, trata-se de um equipamento expressivo padronizado que pode ser usado de forma intencional ou não (GOFFMAN, 2014, p. 34) São esses dirigentes que se alinham em determinado momento, ou janela de oportunidade para motivar os demais e atrair pessoas para a causa do Fórum. Muitos são de fora da região, migraram para Imperatriz por oportunidades de trabalho ou estudo.

Suas trajetórias de vida são envolvidas com movimentos sociais e na região se encontram por meio de um fio comum de aceitação mútua de demandas diversas. Essas demandas se

aglutinam em prol de único norte que, no período é a contraposição à reforma da previdência. A construção do enquadramento que buscamos explicar passa pela história dos sujeitos na fronteira, lugar de conflitos e alteridades.

O uso da representação, sobretudo na fala, passa pelo uso do vocabulário motivacional, que é uma ferramenta de engaje e manutenção de indivíduos em determinado movimento e mais além, está diretamente ligada a ação desses indivíduos. O enquadramento, ou a tarefa de enquadramento motivacional faz com que as pessoas se mobilizem; é a porta para fora dos movimentos sociais. Essa mobilização é promovida em redes sociais, como demonstrado, em reuniões com a divisão de tarefas e responsabilidades para a execução dos atos de protesto de rua. Uma das resultantes do vocabulário motivacional é o alinhamento de quadro social. Esse alinhamento vai além das faixas com mensagens no mesmo vetor político, é também uma ideia de promoção do movimento que pude ver nas falas dos participantes:

O fórum é formado por diversos seguimentos da sociedade, sendo assim, ali no fórum é representado, também, diversas posições políticas. Diversas forças políticas que atuam dentro da sociedade. Daí a importância, no meu modo de ver, particularmente, do fórum. Exatamente, porque no Fórum, você possibilita a pluralidade de diversos pensamentos partidários, políticos, ideológicos de pessoas que têm a contribuir na discussão e na construção dessa nova política pública, de uma nova organização sindical, de sociedade, de novos caminhos para a nossa sociedade. Então o Fórum ele não cumpre, unicamente, no meu ponto de vista, uma função mobilizadora, também, ele acaba funcionando, deve funcionar e ao meu ver deve ser a prioridade dele, de buscar a unidade do pensamento progressista da nossa cidade, para a construção de uma Imperatriz melhor em todos os níveis. [...] Eu penso assim pelo fato do Fórum, como eu disse, ter ali pessoas de diversas matizes políticas, de diversas formações ideológicas e a unidade do campo, hoje progressista, para avançarmos nas conquistas sociais e para barrar essa política fascista que está em vigor, ela é fundamental. (Palhares, agosto de 2020)

Pela fala do participante percebe-se que a unidade do Fórum é uma construção de diversidades em disputa. Essa disputa, ou conflito, visa a homogeneização do pensamento progressista, assim as “falas” do movimento se alinham em um mesmo sentido de mobilização, contra a política fascista que, segundo Palhares, está em vigor.

A discussão sobre o fascismo, se ele é ou não colocado de forma velada como bandeira de governo pelo executivo federal, foi realizada dentro do Fórum, justamente na construção da carta aberta em reunião realizada em 12 de março de 2020. Na ocasião, o representante da UP presente, tomou a palavra para apresentar o documento que lhe tinham dado a incumbência de produzir. Ao final, na leitura a última linha: *“Por isso temos que sair às ruas e defender nossas conquistas, nossos direitos, defender a democracia colocada em risco por esse governo fascista de Bolsonaro/Guedes”* (FDPSP, 2020). Dito isto a proposição foi a seguinte pelo próprio autor:

“podemos manter o nome ‘fascistas’?”. O comentário a respeito proferido por um dos presentes foi: “por mim, pode colocar até nazistas”.

A discussão sobre esse vocabulário empregado, que por mim foi captado in loco e apontado em caderno de campo, diz muito sobre a construção do enquadramento e como os acontecimentos nacionais, externos à região podem surgir em determinadas discussões internas. A referência tácita é ao pronunciamento de 17 de janeiro de 2020 do então secretário de cultura do governo federal Roberto Alvim, que usou de sua posição para um arremedo de discurso do nazista Joseph Goebbels. A imitação passava pela fala, música, entonação e até o penteado do secretário. Ao fim, o documento manteve o termo “fascista” nas suas últimas linhas. Em termos de organização interna essa presença dos participantes nos umbrais – atentando para o que está fora e participando ao que está dentro do FDPSP - é uma forma de alimentar os debates e corrigir o curso de determinados atos dentro do processo de construção de enquadramento.

Além das tarefas principais de enquadramento, Snow e Benford apontam que a literatura sobre movimentos sociais apresenta formas secundárias ou recursos variáveis desses movimentos. É uma abordagem compartimentada sobre os estudos dos movimentos sociais, mas demonstra como os estudiosos direcionam seus trabalhos ou como os temas apontados são recorrentes. Entre esses temas estão a identificação dos problemas e como isso direciona a produção acadêmica. Na maioria dos casos levantados a colaboração é nesse sentido; uma resultante dessa modalidade é o surgimento de vários tipos de enquadramentos independentes de acordo com a situação problema. Em consequência, os quadros elaborados podem ser rígidos, flexíveis, inclusivos ou exclusivos. Essa característica é importante, pois uma das suas consequências (flexibilidade) está ligada diretamente ao crescimento ou nível de abrangência do quadro (SNOW; BENFORD, 2000, p. 618).

Uma variação no escopo interpretativo de alguns quadros define seu grau de influência. Alguns quadros são limitados, todavia outros são mais flexíveis em suas formulações podendo ser mais amplos e conseqüentemente mais influentes, uma vez que são mais propícios a adesões. Essa visão está diretamente ligada às estratégias adotadas pelos líderes dos movimentos sociais para ampliar a mobilização:

Assim, o conceito de molduras seria adotado por estes autores de forma próxima à ideia de estruturas cognitivas utilizadas para organizar a experiência cotidiana dos autores e estrategicamente mobilizadas para conquistar resultados. Essa abordagem se desenvolve de forma crítica ao conceito de “ideologia” que tenderia a ignorar a agência dos indivíduos, tomando-os como meros portadores e seguidores de valores e normas. (SILVA, COTANDA e PEREIRA, 2015, p. 151)

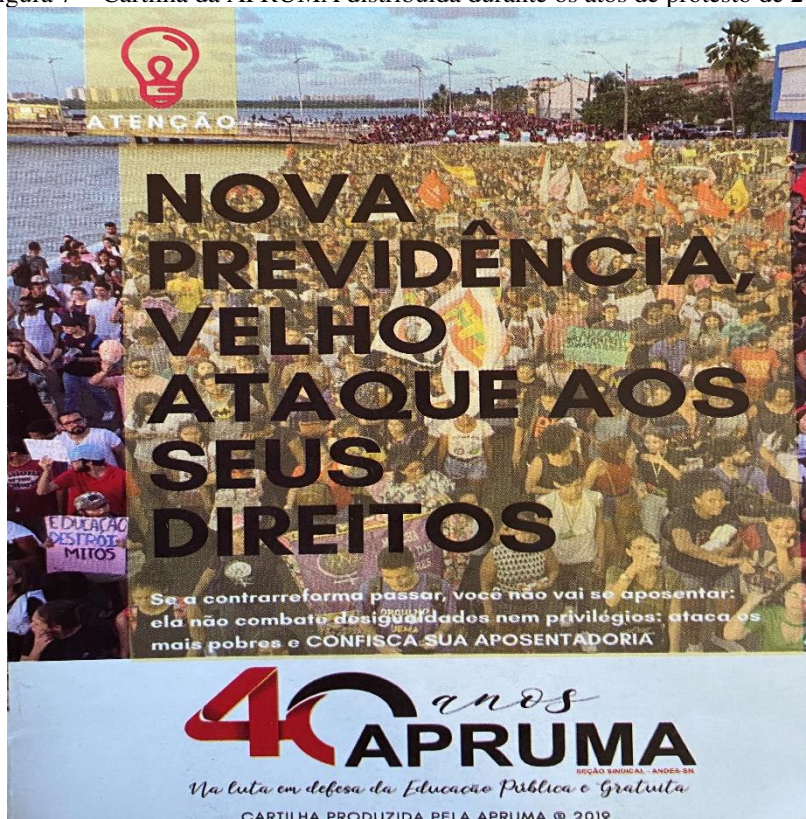
Os quadros são aceitos para uma maior ou menor mobilização por diversas variáveis, uma das mais importantes é a ressonância. Esse aspecto tem um forte conteúdo de agência, uma vez que o foco nos indivíduos afasta os preceitos estruturais e garante a dinâmica dos movimentos de acordo com fatores regionais e idiossincráticos. O grau de ressonância de um quadro mede sua eficácia, ou como a ideia de enquadramento se comporta, se é recebida e se consolida como o esperado em meio interno ou externo ao movimento (SNOW; BENFORD, 2000, p. 619). Ressonância, portanto, tem a ver com o potencial de mobilização de quadro e varia de acordo com a sua credibilidade e relevância.

A credibilidade tem como alicerces a consistência do quadro, a credibilidade empírica (veracidade), e a credibilidade dos articuladores do quadro. Um quadro é consistente quando há alinhamento entre crenças e ações de reivindicação; de outra monta é inconsistente quando as crenças e as ações são incongruentes; em hipótese quanto maior for a incongruência, menor será a ressonância. Assim, quadros relativamente coesos tendem a ser ressonantes e obterem mais sucesso em adesões, além de chances maiores de expansão, no campo de estudo isso se torna claro com os participantes do FDPSP alinhados sempre à esquerda política; esse quadro ressoa entre os participantes e cria novas adesões ao longo da trajetória do Fórum, quer seja de indivíduos ou de entidades. As falas dos componentes apontam sempre a “importância” da organização dos coletivos populares que faz pessoas vindas de fora da região se juntarem ao movimento.

A credibilidade empírica do enquadramento, de acordo com os autores, é a proximidade que ele tem com os eventos no mundo da vida, é a conferência entre o quadro e a realidade. Todavia a credibilidade não se baseia na realidade ampla, basta que o quadro seja crível para os alvos do movimento ou seus possíveis aderentes (SNOW e BENFORD, 2000, p. 620). Essa modalidade é verificada dentro do FDPSP pelas próprias demandas do movimento; durante a construção do quadro de oposição à reforma da previdência a informação sobre os aspectos técnicos da proposta teve papel importante.

A tradução dessa linguagem pode ser observada em informações simples como o “Raio-X da previdência” (Figura – 7) pequena cartilha da APRUMA que apontava, entre outras coisas, os direitos das mulheres sendo vilipendiados pela reforma e a recorrência a uma contenda antiga entre classes com os dizeres “Nova previdência, velho ataque aos seus direitos”. Essa aproximação com linguagem popular, acredito, promove a credibilidade do quadro, pois está aliada a credibilidade da própria instituição, compondo a ressonância do enquadramento.

Figura 7 - Cartilha da APRUMA distribuída durante os atos de protesto de 2019



Fonte: Foto de material coletado pelo autor durante manifestações em maio de 2019 em Imperatriz.

Por último temos a credibilidade dos articuladores ou líderes do movimento de enquadramento. Falantes, ou líderes mais confiáveis são considerados mais persuasivos (SNOW e BENFORD, 2000, p. 621). Embora o FDPSP seja um movimento com uma proposta horizontal de articulação, a sobreposição de líderes ocorre naturalmente dentro das reuniões e atos de protesto. Essas representações são alocadas em grupos de maior atividade combativas, são sujeitos que tem maior envolvimento direto com o dia a dia do Fórum. Mesmo com a visão da militante Elena Steinhorst, de que o Fórum seria um órgão colegiado, a própria reconhece que as lideranças se sobressaem. Esse destaque de líderes se dá pela confiança depositada neles pelos participantes, que, mesmo em teoria, estão no mesmo nível de hierarquia, terminam por, durante as interações, recuando em suas posições ou se juntando a posicionamentos mais creditáveis, de acordo com a trajetória de vida de quem fala.

O conceito de ressonância também é contrastante com o radicalismo. Enquanto o primeiro se fia em oportunidade discursiva que apoie os termos do seu argumento (FERREE, 2003), o segundo é concebido como uma relação contraditória entre a estrutura na qual estão inserido o enquadramento e o próprio enquadramento. A oportunidade discursiva, por sua vez, é mediada, quase sempre, pelos meios de comunicação de massa. Essa mediação filtra os discursos, o que pode ocorrer por meio de elementos jurídicos ou legais e decisões de tribunais

entre outras instituições interpretativas. Assim, se delimita a ressonância por meio da “aceitação” de determinados discursos pela grande mídia, oportunizando a fala para alguns e rechaçando a fala de outros. (FERREE, 2003)

3.3 Método de pesquisa e trabalho de campo

As membranas entre as áreas de conhecimento são semipermeáveis, recebendo ou englobando as ferramentas úteis à determinada situação de pesquisa e cedendo também a outras áreas suas respostas metodológicas quando necessárias para explicar tal ou qual situação social. Se a etnografia é a metodologia da antropologia por excelência, um estudo de longa duração executado por um pesquisador da área de sociologia não tem razão em ser batizado por outro nome. Da mesma forma que a abordagem massiva estatística, uma vez usada por um antropólogo para situar uma população de indivíduos que tem como objeto, pode dar respostas que a observação direta não dispõe.

Em alguns casos a proximidade com o objeto está no cerne da questão. Quando me envolvi diretamente com o FDPSP no início do ano de 2019, não pude fugir à interação com os indivíduos que compõem o movimento. As manifestações de rua, ápices da forma organizativa, são mais intensas quando conseguem aglomerar muitas pessoas; para a organização, todo indivíduo tocado pela mensagem é importante, fui convidado a convidar pessoas para as manifestações além de estar diretamente participando. Como então me manter atento ao rigor científico necessário à pesquisa sem a distância do objeto?

Um debate profícuo sobre estar participante ou não de uma observação foi proposto por Fravet-Saada (SIQUEIRA, 2005). Ao ter contato com escritos sobre feitiçaria de uma determinada região da França, que serviria de base para seu estudo, autora entende que “participar observando” ou “observar participando” trata-se da figura retórica do oxímoro. Essa característica é dada aos artifícios de se utilizar, em um texto, termos opostos, mas que no contexto, ao invés de se excluírem, reforçam uma determinada ideia. Assim, existiria uma “discordância” entre observar e participar; um ruído no método diante do problema de pesquisa que se apresentava ao pesquisador. Sobre essa parte importante da pesquisa a autora discorre:

Eu mesma não sabia bem se ainda era etnógrafa. Certamente, nunca acreditei ser uma proposição verdadeira que um feiticeiro pudesse me prejudicar fazendo feitiços ou pronunciando encantamentos, mas duvido que os próprios camponeses tenham algum dia acreditado nisso dessa maneira. Na verdade, eles exigiam de mim que eu experimentasse pessoalmente por minha própria conta – não por aquela da ciência – os efeitos reais dessa rede particular de comunicação humana em que consiste a feitiçaria. Dito de outra forma: eles queriam que aceitasse entrar nisso como parceira e que aí investisse os problemas de minha existência de então. No começo, não parei

de oscilar entre esses dois obstáculos: se eu “participasse”, o trabalho de campo se tornaria uma aventura pessoal, isto é, o contrário de um trabalho; mas se tentasse “observar”, quer dizer, manter-me à distância, não acharia nada para “observar”. No primeiro caso, meu projeto de conhecimento estava ameaçado, no segundo, arruinado. (SIQUEIRA, 2005, p. 157)

Certamente tal exemplo de estudo sobre feitiçaria preenche uma lacuna interessante aos inseridos no campo, pois uma vez estando “inserido” há de se “escolher” entre ser “afetado” ou não. A ideia de afeto que se discute tem a ver com as acepções pessoais do pesquisador; suas formações pessoais. Sem dúvida em determinado momento da vida acadêmica se passa por uma encruzilhada onde a escolha “normal” é seguir pelos temas, objetos e estudos que se tem alguma afinidade. Quando esse tema é do cotidiano e as respostas aos problemas estão em um campo de característica mutante de acordo com os enquadramentos, a forma da resposta parece apontar para um estudo longo de tempo.

Aliado ao tempo de “observação” entendo, a interação com os participantes é outro aspecto relevante quando se pretende estudar a própria interação entre os indivíduos. Ser aceito como pesquisador em um meio social de símbolos característicos em um momento político de polarização extrema no país como um todo, cobrou de mim uma posição de inserção mais direta, que optei por realizar. Portanto, nesse trabalho, as fontes que disponho são os documentos que os indivíduos produziram em locais de reuniões, suas falas, suas imagens (contabilizados nos quadros 1 e 2) e seus conflitos que pretendo traduzir para uma linguagem teórica por meio da aliança entre metodologias. Se trata de um trabalho sociológico com viés etnográfico com foco na observação da interação entre os participantes.

A abordagem metodológica da teoria MIAC foi desenvolvida com destaque ao trabalho de Jonhston (JOHNSTON e KLANDERMANS, 2004), em capítulo específico da obra *Social Movements e Culture*. O autor levanta um esquema metodológico que se baseia na análise do discurso produzido pelos agentes nos movimentos sociais entre a dualidade da questão original do que é quadro (uma formação interna) e a manifestação desse parâmetro em situações macro (formações externas ao indivíduo); assim busca se formar uma relação entre o que é concreto e o que é difuso nas expressões dos discursos dentro do quadro, solucionando as preocupações microscópicas relativas à organização cognitiva a nível pessoal e explicando a mobilização em nível macrosociológico (2004, p. 219). Essa modalidade é profícua em ambientes heterogêneos como o FDPSP, onde indivíduos que representam entidades estão ligados por um quadro diverso do que os conduziu ao seu movimento originário. A confusão entre movimentos ou suas representações e os próprios indivíduos pode ser desnudada pela análise dos microdiscursos.

Contrapondo a visão estruturalista da análise do discurso que correlaciona o texto a padrões mais amplos, que vão além de quem fala - como o “porquê” da fala em seu contexto histórico - essa abordagem micro busca um recorte específico de texto ou fala em determinada situação e procura explicar o porquê das palavras, frases, conceitos ou símbolos expostos estarem dispostos da forma que estão. (2004, p. 220), é dessa forma que se constrói a tarefa principal dessa modalidade de análise que é a especificação de todas as fontes de significado. Nesse caminho a variedade de fontes é fundamental e a análise de dados biográficos, comportamentais e interacionais é uma forma de se chegar mais próximo de explicar os movimentos sociais; a exemplo de como representações simbólicas sobre um problema ou situação às quais o discurso dos membros e do movimento se alinha ou se contrapõe são momentos de alinhamento ou dispersão do enquadramento.

Sendo a análise dos microdiscursos um campo profícuo, mesmo que incompleto, segundo o próprio Jonhston (p. 221), para a discussão que possa chegar a um método próprio ou que represente a MIAC, o autor passa a construir um caminho, a partir de cinco pontos os quais ele entende serem relevantes, para uma forma de aplicação dessa modalidade às situações de pesquisa. Uma primeira percepção é de que o texto tem que ser abordado de forma holística. Muitos dos dados coletados (falas, entrevistas, fotos e vídeos) só podem ser explicados, senão com uma visão total do movimento, mas com a maior correlação possível entre outros momentos de produção da interação. As próprias falas se relacionam a pessoas ou momentos passados ou futuros (algo como, “naquele dia”, “na próxima reunião”, “ficou decidido na reunião que você não estava” etc.), assim quanto maior a visão do pesquisador sobre as interações, mais precisa será realizada essa etapa. Durante o início das entrevistas com os membros do Fórum ficou patente a necessidade da visão mais ampliada das relações entre as próprias entidades, bem como entre os indivíduos. O termo “os meninos”, foi muitas vezes usado para identificar os estudantes que participaram dos atos de maio e junho de 2019. O emprego, entretanto, tem, quase sempre, duas variações: um “meninos” aponta a visão de acolhimento dos participantes por uma juventude ainda não acostumada aos movimentos de rua; a outra variação de “meninos” tem uma visão igualmente relativa a neófitos, porém de forma negativa, como novatos, que ainda não sabem o que fazem.

Um outro ponto relevante é a situação da própria fala. Em contextos interativos o “quando” e o “porque” se fala são bem definidos, pois obedecem a regras sociais tácitas específicas. O autor aponta que “parte do que constitui uma cultura de movimento social é a compreensão do que constitui discurso apropriado nas situações apropriadas” (JOHNSTON e KLANDERMANS, 2004, p. 222); a fala serviria de linha base do destino da interação. Todavia

o conceito de fala não está adstrito à troca verbal, pois mesmo a produção de documentos obedece ao contexto da interação entre departamentos burocráticos, por exemplo, ou como quando uma comunicação de um grupo organizado, enquanto movimento é direcionada a uma autoridade; nota-se uma diferença entre a linguagem empregada nesses documentos e linguagem disposta em reuniões e comunicações internas; ao pesquisador cabe a atenção para não confundir o que se é dito, a depender do local, como ou por quem a fala é proferida. Dentro dos grupos de debates pelo aplicativo WhatsApp, essa diferenciação da fala se deu muito claramente na atuação do Fórum durante os dias de isolamento social causado pela pandemia da COVID-19. A construção de documentos para serem enviados às autoridades ou uma “carta aberta” é diferente dos documentos publicados nas mídias sociais. Enquanto um debate sobre *cards* é focado no design que compõe a mensagem simples, os documentos de posicionamentos são debatidos por meio de revisão entre os dirigentes.

Ainda em relação a situação da fala, duas observações seriam de grande valia para o pesquisador: as relações de poder e a solidariedade entre os interlocutores (p. 224). A evidência dessas duas situações na interação pode ser notada fora dos discursos públicos, em reuniões de direcionamento ou filiação de novos participantes. A linguagem empregada entre os indivíduos exporia situações de liderança e proximidade bem como evidenciaria exclusões ou encolhimento de influências. Por fim o autor trata as questões puramente pessoais da fala como pontos de interesse, pois podem sofrer com ideologias que promovam a cultura do movimento. Entre os integrantes pude participar de dois grupos distintos em meios digitais de aplicativo de mensagem. Um grupo se destinava à informação das decisões do Fórum e a debates políticos gerais. Um outro era afinado com as ações (composto por menos pessoas) e focado na parte prática de realização de atos de protestos e manifestações em meios digitais. Essa divisão preza pela articulação interna ao movimento, mas acaba por diferenciar os participantes em meios mais ativos ou menos ativos.

O terceiro ponto a ser visitado é a análise das funções. O que é dito ou o que é escrito depende do papel social de quem profere ou escreve. Sob as luzes da ribalta o texto lido é produzido anteriormente, o improvisado, quase sempre se dá por uma opção pessoal, fora da função a que se propõe o indivíduo. Nesse ponto que a análise dos papéis desempenhados pelos indivíduos é importante: quem fala naquele exato momento e contexto? A resposta está no entendimento do que seja esse “papel” é, “em parte, institucional ou organizacional e em parte idiossincrático, na medida em que deve ser representado situacionalmente” (p. 224). A percepção desses papéis pode ser feita por uma longa observação onde se encontrariam contradições entre as interpretações bem como pelo que é dito sobre o indivíduo por outros

membros do grupo em situações casuais. Uma observação direta de longa duração foi interrompida por conta da pandemia no ano de 2020, todavia com a manutenção das eleições municipais, alguns participantes do FDPSP passaram a se posicionar como pré-candidatos a vereadores e prefeito. Não é um discurso destoante do posicionamento atual dentro do coletivo, todavia é uma forma de observação que poderá ser utilizada durante e após o pleito para comparar os discursos e posicionamentos dos atores dentro do FDPSP.

A intenção pragmática é o outro ponto abordado na análise de microdiscursos. Há de se compreender não apenas o que se quer dizer, mas aonde se quer chegar com o que se diz; qual a intenção factível por trás do que se fala. Nas palavras do autor “toda fala e escrita incorporam objetivos interacionais que podem muitas vezes ser verificados olhando para a estrutura geral do texto em termos de ‘para onde está se movendo.’” (JOHNSTON e KLANDERMANS, 2004, p. 227). As intenções estariam escamoteadas no texto escrito ou falado, bem como em documentos pesquisados. Muitas vezes essas intenções só são passíveis de percepção com o uso das ferramentas anteriores. Esse ponto é de fato um referencial prático da visão holística que se deve ter do texto.

Para o autor aqui seria possível a aplicação direta de conceitos como o alinhamento de quadro, ligação entre quadros, amplificação e extensão de quadros. Em epítome, alinhamento é o termo geral onde se traçam diversas estratégias como a ligação entre quadros que se dá pela construção engajada da proximidade entre o movimento e as questões sociais estabelecidas ou situações atuais. A amplificação ocorre quando deliberadamente algum aspecto social é ressaltado e ligado direto ao movimento. Por fim, a extensão ocorre quando o movimento se expande em sentidos diversos dos iniciais, mas que são relevantes no momento. São as situações práticas que resultam em outputs ao movimento resultantes da interação interna. Essas situações foram evidenciadas dentro do FDPSP, que se alinhou para as cobranças à prefeitura de ações frente à pandemia como outras entidades estaduais o fizeram por meio de cartas abertas à sociedade maranhense, assinadas pelo MST, o CCN-MA (Centro de Cultura Negra do Maranhão, a APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) e o MIQCB (Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco) em 30 de março de 2020 e amplamente debatida como modelo para uma carta aberta à sociedade Imperatrizense no mês de abril. A amplificação se dá pelo apelo à “legitimidade” do FDPSP, para debater questões sociais mesmo em um contexto de pandemia, assim o documento se inicia com o Fórum declarando que “no uso de suas atribuições legítimas de representatividade”. Esse introito reforça a representatividade (questão em destaque) para com a autoridade Estatal e para com a sociedade. Em último lugar, a

apropriação de debate de saúde pública deixa claro a mudança na extensão promovida desde o quadro inicial que era o combate a reforma da previdência.

O último ponto a ser referenciado para o método de análise da teoria MIAC é o de percepção de canais não verbais durante a interação. Os frutos dessa modalidade são colhidos mais comumente em situações de interação face-a-face. Trata-se de uma modalidade de emprego difícil e contingencial, uma vez que “a troca de palavras e olhares entre indivíduos na presença um do outro é um arranjo social comum, mas cujas propriedades de comunicação distintas são difíceis de desemaranhar” (GOFFMAN, 2010, p. 23). Os dados diretos da interação não verbal tiveram sua coleta interrompida durante o isolamento social imposto pela pandemia desde o mês de março de 2020. Sendo mais uma vez observados em 10 de julho durante ato de protesto realizado em praça pública no centro da cidade de Imperatriz, em homenagem às vítimas da COVID-19.

Na ocasião tive a oportunidade de estar presente à manifestação, modesta em número de pessoas, mas expressiva pela simbologia empregada e pelo local de realização: o calçadão de Imperatriz. Essa região é o núcleo do setor do comércio da cidade e emprega centenas de pessoas entre formais e informais, em uma área de três bairros que se encerra na Praça de Fátima, a principal praça do centro da cidade²². Após concentração no centro da praça, o grupo seguiu em fila indiana pela área coberta do calçadão, sendo capitaneado por uma liderança do Fórum das mulheres e militantes do MST, seguidos de expoentes do PT e do Sindicato dos Urbanitários. Antes de adentrar o calçadão o grupo, em marcha, definiu quais seriam as palavras de ordem empregadas a partir de um repertório já utilizado outras vezes como o “FORA BOLSONARO”. Durante a pouca interação, pude perceber uma aparente articulação alheia aos grupos de WhatsApp que compunham o Fórum (Coordenação e Grupo Geral). Um terceiro grupo fora criado exclusivamente para a organização daquele ato, o que foi confirmado pela fala da militante “L”, que faz parte do Fórum de Mulheres e milita no MST. A razão para isso seria que o grupo da coordenação não seria seguro pela presença de algumas pessoas com que defendiam o governo municipal.

O ato de protesto seguiu dando uma volta completa nos dois bairros do calçadão de Imperatriz com os símbolos da expiação (cruz) e da morte (caixão), além das bandeiras do MST,

²² Em estudo sobre os grupos que compõem a parte humana da praça de Fátima, Pereira relata o uso da praça por diversos coletivos e suas atribuições de significado, o que corrobora com a visão da Praça enquanto local de destaque para a cidade: “Assim, por suas características de localização, a praça demonstra uma capacidade de atração de pessoas que pode ser pensada em termos de formação de grupos religiosos e comerciais que, cada um à sua maneira, atribuíram significados, usos e sentidos diversos para aquele espaço.” (PEREIRA, 2016)

APRUMA e STIUMA. Os dizeres na cruz eram “Pelos vidas - Fora Bozo (Figura 8). As palavras de ordem que puxaram o coro em fila eram “Pelos Vidas, Por Direitos: Fora Bolsonaro! Se mesmo em um ato de protesto a interação entre os indivíduos participantes não pode ser completa por conta das limitações de número de pessoas e tempo de ação, em razão do contexto da pandemia, a interação do grupo com os transeuntes foi intensa e em parte de reprovação. Os grupos da praça que são reconhecidos pela localidade, como os taxistas, se impuseram contra o movimento o que pude registrar por vídeo. Entre as réplicas pode-se ouvir de um dos taxistas que “em 2022 é Bolsonaro de novo”. Essa interação realça o contexto polarizado em que se desenvolve o FDPSP.

Figura 8 - Ato de protesto em 10 de julho de 2020. Calçada de Imperatriz.



Fonte: O autor

Essa dificuldade em abordar as interações, remete à reflexão sobre a maneira como a cultura se aloca dentro do método de pesquisa. Uma vez impedido de observar diretamente a reunião entre os indivíduos, a análise torna-se prejudicada, pois resta apenas o resíduo organizacional da estrutura do grupo, essa discussão torna-se metodológica, quando o método exposto por Jonhston enfatiza as ações individuais (discursos) e se afasta da visão processual

da construção dos quadros nas interações entre os indivíduos proposta por Snow e Benford. Tal crítica foi constatada por Silva em trabalho sobre molduras interpretativas:

Snow e Benford (2005) se opõem a essa visão, defendendo que o enquadramento é um processo interpretativo atrelado a interações sociais. A proposta metodológica de Johnston (2005) negligenciaria, portanto, o caráter processual que esse conceito enfatiza. Snow e Benford (2005), no entanto, não apresentam uma proposta metodológica detalhada para a análise dos processos interativos de negociação de sentido. (SILVA, COTANDA e PEREIRA, 2015, p. 232)

Esse debate sobre um método que possa servir à teoria da MIAC, talvez remonte à raiz do problema da análise de interação, essa perpassa de fato pelo crivo pessoal do observador, participante, ou mesmo o ser afetado. Ainda na introdução de *Os quadros da experiência social*, Goffman, abertamente critica seu próprio método de coleta de dados:

De maneira geral, portanto, não apresento estas anedotas como evidência ou prova, mas como descrições esclarecedoras, fantasias de quadros que conseguem, através das centenas de liberdades tomadas pelos seus narradores, celebrar nossas crenças sobre o funcionamento do mundo. Aquilo que foi depositado nestas narrativas é, por conseguinte, o que eu gostaria de extrair delas.

Estes dados possuem uma outra fraqueza. Eu os recolhi ao longo dos anos aleatoriamente, usando princípios de seleção misteriosos para mim mesmo, os quais, além disso, mudavam de um ano para o outro e que eu não poderia recuperar se o quisesse. Também aqui está envolvida uma caricatura de amostragem sistemática. (GOFFMAN, 2012, p. 39)

O foco nas ações dos indivíduos traz em relevo os aspectos culturais imbuídos no método de pesquisa. Enquanto um “modelo” que pode ser configurado para uso e resolução de diversos tipos de situações (SWIDLER, 1986), a cultura atua como um repositório de símbolos, entre eles a linguagem, que podem ser acessados, acredito, de forma comum pelo grupo durante as tarefas de enquadramento. Esse repositório não funciona como causa das ações, mas às direciona em sentido estratégico.

Assim, como um local de fronteira, a região de Imperatriz não dita como os indivíduos agem enquanto grupo organizado no FDPSP, mas as visões estratégicas de mobilizações podem sofrer influência direta do meio cultural. O foco nas interações diretas pode dar a resposta, uma resposta metodológica para o presente trabalho. Assim a construção de um enquadramento dentro do FDPSP pela teoria da MIAC passa pela observação da interação em meio cultural que serve de porta de acesso a valores e ferramentas de ação conjunta. As coletas de dados que são produzidos durante situações de interação carecem da análise do que o indivíduo quis falar – por vezes esse indivíduo quis dizer algo até com o silêncio –, para tanto tenho de me fazer presente em campo sem perder de vista o contexto dinâmico das interações nesse ambiente cultural

Todo esse emaranhado metodológico sustenta a questão entre o que é produzido pelos indivíduos a nível pessoal de interação e o que disso resulta nos processos de construção de enquadramento. Quando tomo por base que sem indivíduos não há interação e tampouco quadros a serem alinhados, ligados, amplificados e estendidos, apenas a união dos métodos pode dar uma resposta ao meu intento.

Definidas as dinâmicas internas do movimento (interação) como parte da construção do objeto de pesquisa, uma outra questão é como essa interação ocorre para resultar em atos organizados. Para tanto, observei quatro atos de protesto de forma direta, ocorridos no ano de 2019 e 2020 em Imperatriz. Como já citado, os atos de protesto são o ápice da organização do movimento social organizado, o resumo desses atos pode ser observado no quadro 1.

Quadro 1 – Atos de protestos do Fórum em Defesa da Previdência Social Pública entre maio de 2019 e julho de 2020

Data	Temática	Organização	Local de reunião	Local de manifestação
15/05/2019	Contra os cortes financeiros nas verbas para a educação pública anunciados em 30 de abril	Reuniões presenciais entre lideranças e anúncios online em redes sociais	Sindicato dos bancários	Praça Brasil (Praça Brasil)
30/05/2019	Segundo dia de atos nacionais contra os cortes de verbas para a educação pública	Reuniões presenciais entre lideranças e anúncios em redes sociais	Sindicato dos bancários	Praça Brasil com passeata pelas principais avenidas da cidade, e Praça de Fátima (Centro)
14/06/2019	Greve geral contra a reforma da previdência, cortes na educação e desemprego	Reuniões presenciais entre lideranças e anúncios em redes sociais	Sindicato dos bancários	Praça Brasil (Centro) com passeata pelas principais avenidas da cidade.
10/07/2020	Em solidariedade pelas mortes causadas pela Covid19 e protesto contra atos do governo de Jair Bolsonaro	Reuniões online via <i>WhatsApp e Zoom</i>	Ambiente virtual	Praça de Fátima com caminhada pelo calçadão de Imperatriz (Centro)

Fonte: Elaborado pelo autor

Além do acompanhamento dos movimentos de protesto, passei a ter contato direto com as lideranças da organização. Dentro do próprio sindicato dos Urbanitários do Maranhão, na delegacia de Imperatriz, pude conversar sobre a organização do Fórum com um dos seus primeiros participantes. Posteriormente mantive contato com uma liderança de grande respaldo em partido político de viés esquerda-política que se tornaria minha principal informante. Por fim, pude participar, via sindicato dos Urbanitários, de evento realizado no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Imperatriz em 19 de outubro de 2019, local onde tive contato com as

lideranças femininas do MST que, soube posteriormente, desenvolvem trabalho importante dentro da organização do FDPSP.

Em contato com esses dirigentes tive acesso a reunião realizada em 12 de março de 2020, para ato programado de greve dos servidores públicos²³ a ser realizada no dia 18 do mesmo mês. Ao final da reunião todos estavam com as tarefas divididas e com datas para prestação de contas das mesmas, todavia em 17 de março de 2020, através do decreto de nº 19/2020, a Prefeitura Municipal de Imperatriz proíbe a aglomeração de pessoas em eventos públicos por conta da pandemia do novo Corona Vírus (COVID-19); as mobilizações de greve para o dia 18 de março foram suspensas pela direção dos movimentos nacionais, o FDPSP passava a operar apenas em redes sociais e em reuniões em ambientes virtuais. Nesse ponto acredito ser interessante uma divisão de fontes de pesquisa separando, primeiramente, os dados coletados em ambientes físicos de interação. No quadro 2 estão elencados os dados coletados durante as manifestações.

Uma outra forma de obtenção de dados do FDPSP são os meios digitais. Durante os meses que a cidade de Imperatriz esteve em quarentena mais rígida (março a junho de 2019) o FDPSP promoveu uma reunião online via aplicativo *Zoom* para tratar das estratégias de mobilização frente ao novo Corona Vírus em Imperatriz. Durante a reunião foram debatidas estratégias como a produção de *cards* informativos e a notificação de autoridades em cobrança a posicionamentos mais sérios sobre o isolamento social que tentava ser relativizado pelos representantes do comércio varejista da cidade.

Quadro 2 – Eventos e dados coletados

Evento	Fotos (número)	Vídeos (número)	Outros documentos vinculados
Ato de protesto 15/05/2019	35	-	Panfletos das entidades (6) Ata de reunião (1) Lista de contatos (1)
Atos de protesto 30/05/2019	16	-	Ata de reunião (1) Lista de presença (1) Custeio de operações (1)

²³ As paralisações marcadas para o dia 18 de março já estavam sendo articuladas desde o mês de fevereiro por diversas entidades. Tratava-se de ato contra a penalização do servidor público por conta reforma da previdência. Ato convocatório da APRUMA pode ser visto no seguinte endereço: <http://aprumasecaosindical.org/2020/02/19/entidades-da-educacao-realizam-reuniao-ampliada-para-construir-participacao-na-greve-de-18-de-marco-todos-as-devem-participar/>

Atos de protesto 14 de junho 2019	29	-	-
Atos de protesto 10 de julho 2020	111	12	-

Fonte: Elaborado pelo autor

O ambiente online de interação é uma barreira a ser transposta pelo pesquisador. Pelo que se tem como factível, a teoria da MIAC que sustenta o presente trabalho, jamais previra uma situação social onde a própria interação não seria possível, de modo que os trabalhos de pesquisa e observação da interação face-a-face não são prováveis e se o são, deveriam ocorrer de uma forma nova onde a interação é limitada, inclusive no limite de se ligar e desligar o microfone e a câmera, objetos intermediários entre os interlocutores.

Antes do contexto pandêmico, todavia, os dados coletados de forma direta em campo, nas reuniões e atos de protesto, apontam para uma forma de atuação dos movimentos que pode ser dividida em ordinária e extraordinária. Os atos ordinários podem ser observados nas reuniões sistematizadas em atas e com direcionamentos para as diversas entidades. Já os atos extraordinários são os atos de protestos ocorridos nas ruas. A mediação entre os dois modos de atuação está nos próprios sujeitos que se articulam com os usos estratégicos disponíveis.

Para a observação desse período passei a acompanhar os dois Grupos de *Whatsapp* do FDPSP. A atividade no grupo da Coordenação e no Grupo Principal serão avaliadas mais adiante nesse trabalho. A pretensão de analisar as interações entre os indivíduos e entre os grupos de indivíduos envolvidos em ambiente real de reuniões e embates, sofreu uma limitação durante a Pandemia. Ante essa nossa situação, busquei me utilizar de ferramentas de análise de dados colhidos nesses grupos, como atividade de troca de mensagens e menções mais ativas de determinadas palavras com o intuito de compreender como o FDPSP se organizava de forma geral e como o coletivo se organizava em uma situação de limitação de atos de protestos.

4 A DINÂMICA DA ORGANIZAÇÃO DO FDPSP

O ponto de partida para a análise do início da organização dos indivíduos dentro do FDPSP foi a própria vivência desses componentes. Para isso, alguns fatores devem ser levados em consideração, dois deles mais relevantes são a ausência de sede própria do Fórum e a organização com sua suposta característica difusa sem lideranças definidas ou verticalização aparente.

4.1 A pesquisa durante a Pandemia

Antes da pandemia pela Covid-19, no primeiro trimestre do ano de 2020, as reuniões para organização dos atos de protesto e tomadas de decisões sobre outras ações (cartas abertas, comunicados à sociedade etc.), ou seja, os atos ordinários, eram feitos na sede do Sindicato dos Bancários de Imperatriz, na rua Maranhão, no Centro da cidade. A “Sede dos Bancários”, como é chamada, tem uma boa estrutura com ampla sala de reuniões e auditório. No local são realizados, costumeiramente, eventos de outras associações sindicais. Além da boa recepção física, o prédio também tem uma excelente localização, pois é próximo ao Centro comercial e está entre as duas principais praças palcos de mobilização, a Praça de Fátima e a Praça Brasil. A estrutura é citada por Jorge Furtado durante depoimento:

Esse Fórum, ele surgiu da necessidade de os trabalhadores juntarem várias categorias em um espaço que nós tínhamos aqui, que era a sede do Sindicato dos Bancários, para travar umas lutas que se apresentavam nesse cenário. No governo Temer... a origem do Fórum... no Governo Temer o pessoal começou a fazer essa construção. (FURTADO, 2020)

O termo “espaço” citado por Jorge Furtado, não diz respeito a uma sede física fixa, mas a uma estrutura disponível para as reuniões. Nesse local, ou espaço, o Fórum poderia se reunir, todavia não apenas por lá. Antes da pandemia a atividade do Fórum nos grupos do aplicativo *Whatsapp*, já era intensa, após o distanciamento social, em meados de março de 2020, as atividades passaram a ser apenas remotas até o dia 10 de julho do mesmo ano, quando ocorreu o ato pela saúde e em protesto ao governo federal.

A pandemia, que passou a afetar o funcionamento do comércio e outros serviços na cidade de Imperatriz, teve início em meados de março de 2020. Nesse cenário as reuniões presenciais do FDPSP foram suspensas e, conseqüentemente, os atos de protesto de rua não aconteceram

até julho de 2020. A pesquisa de campo de forma direta teve também de ser pausada. A interação entre os indivíduos para a demonstração de como se organizavam politicamente durante a formação de quadros interpretativos se limitou a grupos no aplicativo *Whatsapp*. Ante esse dilema, para a conclusão desse trabalho, o acompanhamento da interação se manteve de forma remota nos dois grupos que o FDPSP manteve ativos e presencialmente em alguns atos de protesto após o arrefecimento das medidas de contenção da COVID-19, na segunda metade de 2020.

O primeiro grupo do FDPSP é o grupo geral como o nome “Fórum em defesa da previd”, criado em 23 de janeiro de 2017; em março de 2021 contava com 105 participantes. Nesse grupo os debates são gerais e não há foco de direcionamento sobre os temas. Os participantes, nem todos ligados diretamente a movimentos sociais ou outras organizações, postam notícias do dia a dia da cidade e da política nacional. O segundo grupo tem o nome de “Coordenação”, em 2021 contava com 33 participantes, foi criado em 24 de abril de 2019. Focado na interação dentro dos dois grupos em um período pouco maior que um ano, pude coletar os dados massivos das participações dos componentes que agora mantinham-se em constante atividade de forma remota.

Toda essa atividade gerou um volume muito grande de dados a ser analisado, como as conversas entre o período de janeiro de 2020 e março de 2021, as alternativas que surgiram foram: uma vista sobre os números brutos, como mensagens, menções e número de links e imagens, ou o foco nos participantes mais ativos, suas postagens e posições. A segunda opção carecia da proximidade com o próprio indivíduo fora do meio digital posto que estaria quase sempre frente à dicotomia do “*on-line e off-line*”, ou seja, como é o indivíduo na organização social e se a sua atividade é semelhante nas redes sociais digitais. A primeira opção era a mais adequada ao grupo geral do Fórum, uma vez que as entrevistas já realizadas com as lideranças de forma direta poderiam expor mais claramente suas posições dentro e fora do grupo.

A discussão de como proceder à pesquisa a esse modo se deu durante a situação insólita e extraordinária de uma pandemia. O período fez que com as ciências sociais e seus pesquisadores buscassem a problematização do contexto. Essa posição de pensar a pesquisa colocou o trabalho em um local de decisão: uma vez que as pesquisas por meios regulares – entrevistas, coleta de dados em reuniões, imagens de protesto de rua – estavam prejudicadas, como proceder para demonstrar com mais clareza a construção do enquadramento interpretativo, ou como trazer à tona o modo de organização política desses indivíduos? Construir essa contribuição com o auxílio do meio digital era inevitável. Para tanto busquei a

proximidade com o conceito de *big data* para analisar as mensagens no grupo principal do FDPSP.

O modo diferente de interação, que substitui o face a face social é sustentado pelas redes sociais em aplicativos onde a troca de informações é direta e há um sinal de leitura e confirmação – os exemplos mais comuns são os aplicativos *WhatsApp* e *Telegram* - ou em meios onde a informação é difusa, sem confirmação de recebimento, onde o retorno é medido pela atividade do interlocutor na interação – as redes mais comuns desse exemplo são o *Instagram*, *Facebook* e *Twitter*. Esse fluxo ou exposição de informações gera dados em grande volume, a raiz do conceito de *big data* é colocada, a partir dessa quantidade de dados, por Ruskowski:

Um termo muito utilizado nos últimos anos e que está impondo novas formas de realizar a pesquisa, principalmente no campo das humanidades, é o de *big data*. Particularmente no campo dos estudos sobre mobilizações, protestos e movimentos sociais, principalmente após a Primavera Árabe, o *Occupy* e o 15M, muito esforço vem sendo utilizado para que os pesquisadores sociais se apropriem de ferramentas capazes de capturar as novas dinâmicas sociais. Mais que aprender a utilizar programas capazes de capturar dados ou realizar bons grafos que demonstrem as conexões (seja elas de qual tipo forem: grau de entrada, grau de saída, grau médio), cabe a nós pesquisadores oferecer explicações e análises mais densas sobre o impacto da internet em processos contestatórios e o que este tipo de dado (maior parte das vezes) não estruturado pode nos dizer sobre essas novas dinâmicas. (RUSKOWSKI, 2018)

Os dados dos grupos de *WhatsApp* do FDPSP, grosso modo, foram tratados em formato massivo, com apontamentos de menções aos principais nomes do período. Essa forma de coleta ignora as questões emotivas e de personalidade dos participantes e se aproxima mais de uma ideia geral do debate construído sobre a base do grupo disponível no momento.

Até o dia 13 de março de 2021 o Grupo Principal do FDPSP dispunha de 6494 *links* para acessos a sites externos a partir do grupo e mais de 30 mil mensagens trocadas entre os participantes. Com o uso da ferramenta digital *wordclouds*²⁴ foi possível desenvolver uma forma gráfica de exposição das principais palavras mencionadas no período. O *wordclouds* é uma plataforma gratuita de serviço de transformação de dados em gráficos para melhor compreensão. Com o arquivo compilado de toda a conversa do grupo no período, colhido diretamente do aplicativo *WhatsApp*, em forma de texto inserido no site *wordclouds* temos o retorno em forma de imagem com as principais menções de acordo com o tamanho da fonte na figura.

²⁴ www.wordclouds.com

Essa análise, apesar de meramente quantitativa, aponta para a construção de um consenso dentro do grupo, o que pode ser de fato constatado com a lista de palavras e menções disponibilizadas também pelo *wordclouds* em arquivo de *Microsoft Excel*; pois esse ranking de menções, aliado à noção de que o processo de formação desse consenso é parte da organização política dos indivíduos reunidos, podemos chegar muito próximo à noção de matriz discursiva desenvolvida por Sader, onde

[...] todo discurso é obrigado a lançar mão de um sistema de referências compartilhado pelo que fala e por seus ouvintes. Constitui-se um novo sujeito político quando emerge uma matriz discursiva capaz de reordenar os enunciados, nomear aspirações difusas ou articulá-las de outro modo, logrando que indivíduos se reconheçam nesses novos significados. É assim que, formados no campo comum do imaginário de uma sociedade, emergem matrizes discursivas que expressam as divisões e os antagonismos dessa sociedade. (SADER, 1988, p. 60)

A proposta da matriz discursiva de Sader (1988) tem semelhança com a ideia dos quadros interpretativos, uma vez que esses “não são inventados pelos sujeitos, mas mobilizados na interação comunicativa, dependendo, pois, da existência de sentidos partilhados” (MENDONÇA e SIMÕES, 2012). A ideia de matriz discursiva é engendrada por Sader para movimentos políticos de trabalhadores na cidade de São Paulo nas décadas de 70 e 80, todavia ainda é profícua para uma análise cultural dos movimentos sociais organizados, a partir da construção dos seus discursos:

O discurso que revela a ação revela também o seu sujeito. Assim, do discurso dependeria a atribuição de sentido às coisas, a partir do primeiro significado, que permite o diálogo humano, que é o de estabelecimento das identidades. (SADER, 1988, p. 57)

Essas premissas, embora utilizadas para uma análise das interações de forma direta entre os sujeitos, podem ser adaptadas para a análise dos dados dentro dos grupos digitais nas redes sociais. A limitação imposta pelo fator externo ao grupo (pandemia) pôde ser, em parte, contornada. Esse “contorno” também é parte da ação política do grupo, é mais uma forma de organização que intentamos traduzir pelo enquadramento interpretativo, a partir da construção do discurso.

4.2 Os grupos e suas atuações

No FDPSP, a construção desse discurso parte de uma premissa nova em relação ao consenso, que Jasper define como uma nova visão, onde consenso “significava cooperar apesar

da diferença, reconhecendo que a vida social sempre contém conflito e divergência” (JASPER, 2016). É com base nessa forma organizacional que as organizações em modelo de Fórum se sustentam. Sem os líderes conforme o modelo clássico de representatividade, as discussões são horizontalizadas. O grande volume de mensagens trocadas entre os participantes pode indicar que todos tem “vez e voz” dentro do FDPSP, ao menos no grupo principal.

A adoção da horizontalidade, todavia, não exime o grupo do surgimento de lideranças nesse modelo de organização. Sobre o assunto, Jasper enuncia que,

Fóruns e assembleias são pequenos (ou nem tanto) experimentos em comunicação. A moda atual é desestimular o surgimento de líderes que possam dominar as discussões, e as únicas posições formais são as de facilitadores e outros auxiliares. Mas isso não impede a emergência, ou a supremacia, de líderes informais. Reticamente, alguns oradores têm mais credibilidade do que outros. Isso pode se dever a sua experiência e conhecimento, como no caso de especialistas técnicos ou jurídicos ou dos participantes de longa data, ou ser explicado por características pessoais, como gênero ou raça. (JASPER, 2016)

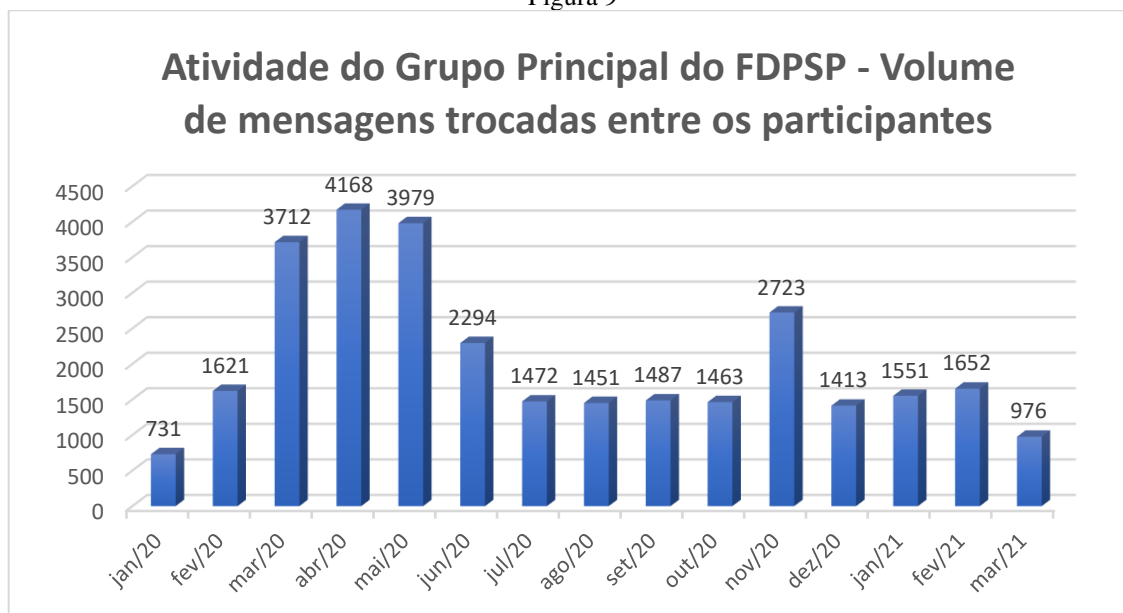
O modelo de Fórum sugere, portanto, uma organização desprovida de líderes, mas não de uma liderança facilitadora; foi o que pude observar diretamente com a formação do grupo “Coordenação”, que realiza, sobretudo, as tarefas de diagnósticos do FDPSP. Antes de tratar diretamente do grupo de lideranças é importante demonstrar o comportamento, ainda que em números do Grupo Principal ou o “Fórum em defesa da previd”.

O grupo no aplicativo *WhatsApp* “Fórum em defesa da previd”, que optei por chamar de Grupo Principal em razão do número de participantes, tem o nome abreviado por conta da limitação imposta pelo próprio aplicativo de mensagens para o título de grupos de conversas. Em março de 2021, seus 105 participantes haviam trocado mais de 30 mil mensagens no período desde janeiro de 2020. Com a contagem básica dessas mensagens foi possível aferir o comportamento do grupo em determinadas épocas e averiguar qual a sensibilidade geral coletiva para alguns acontecimentos políticos nacionais e regionais. A análise dos números não aponta um “sentimento” de grupo, mas é um indício de “aquecimento” político por fatores externos, o que indica para a atividade de enquadramento, onde esses fatores externos são utilizados para um novo diagnóstico situacional. A tarefa de diagnóstico é construída pelo todo grupal em intensa atividade política que se traduz na troca de mensagens em grande volume. Essa percepção não traduz as mensagens em si, ou o que falavam os participantes, mas as menções podem ser aferidas de forma mais precisa.

No grupo principal, pelo gráfico da figura nº 9, podemos observar o volume de mensagens pelos meses de observação do coletivo reunido. O ano de 2020 é *sui generis*, pois conta com o avanço da pandemia por COVID-19 a partir de janeiro e o endurecimento das

medidas restritivas de circulação e trabalho em todo o Brasil a partir de março. A janela entre janeiro e março marca um avanço no número de troca de mensagens entre os participantes.

Figura 9



Fonte: elaborado pelo autor

Esse avanço na articulação, pode indicar uma interpretação da oportunidade política (GAMSON e MEYER, 1999). Gamson e Meyer apontam que existe grau variável de consenso a respeito do que seria um marco interpretativo, ou uma oportunidade de ação externa, dentro de grupos organizados em movimentos sociais. Esse consenso é obtido através de enfrentamentos internos cujo núcleo, geralmente, é o debate sobre a definição do que é oportunidade política ou não. (GAMSON e MEYER, 1999, p. 402). Esse processo de definição da oportunidade tem relação com a articulação grupal e das lideranças em torno de uma tarefa de diagnóstico.

A tarefa de diagnóstico, apesar de não estanque, pode ter seu marco inicial em algum ponto do mês de janeiro de 2020 dentro do grupo principal do FDPSP. Uma das funções dessa tarefa é a localização de fissuras sistêmicas ou janelas de oportunidade política, que nesse caso específico foram proporcionadas pela pandemia, atingindo o país em 26 de fevereiro de 2020 com o primeiro caso, e a cidade de Imperatriz, tendo o primeiro caso noticiado em 25 de março²⁵.

²⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2020/03/26/primeiro-caso-confirmado-de-coronavirus-em-imperatriz-e-de-um-medico.shtml>

A escalada da troca de mensagens entre os participantes se iniciou com 731 mensagens observadas em janeiro, entre os dias 21 – data da minha inserção no grupo - e 31 daquele mês; passando a 1621 durante o mês de fevereiro de 2020, para ascender a 3712 mensagens em março; até atingir o pico do ano no mês de abril, com 4168 mensagens. Certa estabilidade foi mantida no mês de maio com 3979, e finalmente descendo à 2294 no mês de junho.

O aumento de conversações em determinado período, todavia, por si não explica um período de abertura e fechamento de janela de oportunidade política, mas pode apontar um comportamento do grupo ante a oportunidade, que geralmente é aproveitada por conta de sua urgência, atividade e possibilidade (GAMSON e MEYER, 1999, p. 405). Essas ações funcionam dentro da argumentação do próprio grupo na discussão política de embarque ou não na oportunidade. No período de março a junho o FDPSP se articulou na janela política da Pandemia, e arrefeceu nos meses seguintes, talvez por conta da não urgência, já que o período pandêmico se estendeu; ou talvez pelos critérios de atividade e possibilidade, o que pode ter esbarrado nos recursos que se esvaíram durante os meses dessa atividade.

Durante o período citado, na atividade voltada para a pandemia o FDPSP trabalhou ativamente nas redes sociais e na cobrança direta a entidades governamentais. Essa atuação, em grande medida, pode ser aferida pelas menções feitas pelo grupo durante o período. Poderemos ter a breve noção do que era debatido e o nível de alcance dos macroquadros que influenciavam naquele momento os atores dentro FDPDS pelas palavras que foram mais pronunciadas. O *software wordclouds* proporciona a listagem de todas as palavras citadas nas conversas extraídas. O trabalho de exclusão dos nomes das pessoas e termos conectivos que mais se repetem como “que”, “já” etc., foi feito manualmente após a exportação da tabela para o *Microsoft Excel*. Os resultados podem ser vistos na tabela do quadro de número 3, que elenca as principais 20 palavras mais citadas nos períodos.

A tabela demonstra quais as palavras mais mencionadas pelo grupo no período. A importância de dividir essas menções por mês vai além da mera convenção ou comodidade organizacional dos dados, com o objetivo principal de demonstrar como se organiza o grupo de forma política, as datas são importantes, pois são produzidas por eventos externos que adentram o grupo e promovem as tarefas de enquadramento. Assim, o que está acontecendo no mês de fevereiro de 2020 onde foram levantadas 1620 mensagens (Figura 9)? E o que aconteceu para que o grupo mais que dobrasse a atividade no mês seguinte? Se conformar com o óbvio de que

Quadro 3 – Palavras por número de menções nos intervalos entre março e junho de 2020 no grupo principal do FDPSP.

Março		Abril		Maió		Junho	
<i>Coronavírus</i>	216	<i>Bolsonaro</i>	223	<i>Bolsonaro</i>	193	<i>Bolsonaro</i>	127
<i>Bolsonaro</i>	157	<i>Brasil</i>	162	<i>Brasil</i>	127	<i>Brasil</i>	82
<i>Saúde</i>	131	<i>casos</i>	126	<i>Imperatriz</i>	111	<i>contra</i>	57
<i>governo</i>	117	<i>governo</i>	113	<i>Contra</i>	83	<i>Imperatriz</i>	44
<i>Brasil</i>	114	<i>pandemia</i>	107	<i>Governo</i>	80	<i>vida</i>	37
<i>contra</i>	100	<i>saúde</i>	104	<i>Pandemia</i>	69	<i>governo</i>	36
<i>Casa</i>	98	<i>Imperatriz</i>	99	<i>Presidente</i>	67	<i>pandemia</i>	33
<i>Maranhão</i>	94	<i>Maranhão</i>	93	<i>Casa</i>	64	<i>Maranhão</i>	30
<i>Imperatriz</i>	93	<i>país</i>	87	<i>saúde</i>	64	<i>país</i>	29
<i>munáo</i>	93	<i>presidente</i>	78	<i>munáo</i>	62	<i>presidente</i>	28
<i>presidente</i>	93	<i>coronavírus</i>	76	<i>Maranhão</i>	57	<i>Queiroz</i>	27
<i>Anos</i>	88	<i>vida</i>	75	<i>Dias</i>	55	<i>saúde</i>	27
<i>Casos</i>	87	<i>China</i>	72	<i>Lula</i>	55	<i>política</i>	25
<i>pandemia</i>	85	<i>vírus</i>	72	<i>País</i>	55	<i>luta</i>	24
<i>País</i>	82	<i>documento</i>	67	<i>coronavírus</i>	49	<i>cidade</i>	23
<i>população</i>	76	<i>hoje</i>	66	<i>Vida</i>	49	<i>Saúde</i>	22
<i>Vírus</i>	76	<i>isolamento</i>	65	<i>população</i>	44	<i>casa</i>	19
<i>Crise</i>	74	<i>Saúde</i>	65	<i>Covid-19</i>	41	<i>casos</i>	19
<i>medidas</i>	73	<i>Deus</i>	61	<i>Deus</i>	41	<i>Covid-19</i>	19
<i>mensagem</i>	62	<i>Covid-19</i>	58	<i>política</i>	40	<i>dados</i>	19

Fonte: elaborado pelo autor

há o início das medidas restritivas por conta da pandemia no mês de março não responde como as pessoas se organizaram politicamente no período. Uma forma mais explícita de demonstração se opera pela descrição gráfica das variáveis qualitativas para a sumarização de dados.

Fica mais evidente o que se falou, do que se tratou no grupo, quando podemos desenvolver as ideias de forma visual. Assim, as nuvens de palavras, dos meses elencados estão nas expostas na figura nº 10, respectivamente aos meses de março, abril, maio e junho.

Figura 10 - Nuvens de palavras meses de março a junho de 2020 - FDPSP, Grupo Principal



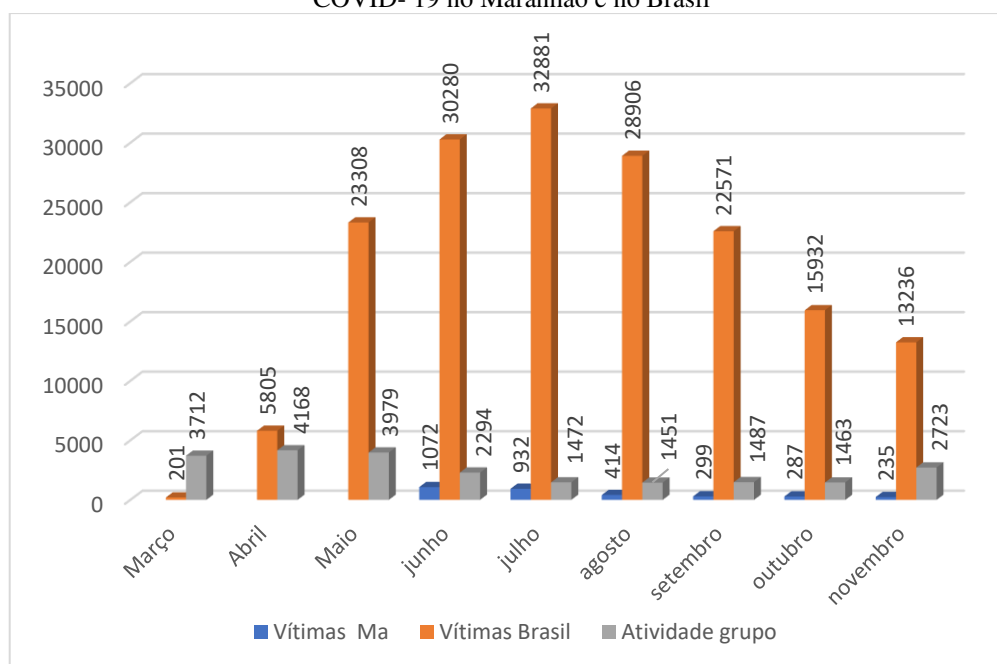
Fonte: Elaborado pelo autor

No mês de março de 2020 o grupo principal do FDPSP colocou em debate a pandemia do novo Corona Vírus que naquele momento chegava ao país. As palavras mais citadas foram, respectivamente, “Coronavírus” (216), “Bolsonaro” (157), “saúde” (131), “governo” (117) e “Brasil” (114). O impacto da pandemia fez a atividade do grupo crescer mais que o dobro, o que pode sugerir uma atividade comum à época que é o trabalho de ativismo digital. Os resultados desse ativismo apontam para uma contundente crítica do grupo à política do Governo Federal frente à pandemia, por conta da menção direta ao nome do presidente. Apenas o mês de março não tem o nome “Bolsonaro” como o mais citado entre os participantes.

Um corpotamento interessante do grupo principal do FDPSP é o de estabilidade em relação ao número de mensagens. Separamos os meses de março a junho para demonstrar uma ascendente de atividade que tem seu pico em abril (4168 mensagens trocadas) para se estabilizar

em julho (1472 mensagens trocadas) e seguir rigorosamente próximo a esse número até novembro. Um dado que possa corroborar com o volume de mensagens é o comportamento da própria pandemia em relação ao número de vítimas. De acordo com os dados da Universidade Johns Hopkins²⁶ a primeira morte no Brasil, decorrente do Coronavírus, se deu em 17 de março de 2020, a relação do número de vítimas com o volume de mensagens do grupo é um dado a ser levado em consideração, pois os comportamentos na variação são semelhantes, de acordo com a figura 11.

Figura 11 – Volume de troca de mensagens no grupo principal do FDPSP em relação ao número de vítimas da COVID- 19 no Maranhão e no Brasil



Fonte: elaborado pelo autor, a partir de dados da John Hopkins University disponíveis em <https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19>

O que os dados apontam é uma sensibilidade do Grupo Principal do FDPSP em relação às condições de saúde da população do Estado e do país. O mês de junho de 2020 teve a série mais dura para os maranhenses com 1072 mortes. A atividade política do Fórum respondeu marcando posicionamento na cobrança aos entes municipais e estaduais (figuras 4 e 5) e com intensa atividade crítica interna ao Governo Federal.

Os meses seguintes mostram um arrefecimento da atividade do Grupo Principal, a partir de julho com a diminuição do número de mortes pela doença no Maranhão e no Brasil. A atividade relevante de troca de mensagens volta em novembro, mês no qual a pandemia se mantém com certa estabilidade em relação aos meses anteriores. A explicação para o

²⁶ Base de dados disponível em: <https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19>

aquecimento das mensagens em novembro pode ser a data das eleições municipais, nesse período a atividade do Grupo volta a ser intensa por conta das diversas posições políticas dentro do grupo, mesmo com todas as entidades dentro do espectro da esquerda política.

Os dados coletados nos grupos de aplicativo de mensagem, embora em sua maioria de natureza quantitativa, são indícios de como seus componentes se organizam politicamente. A problematização da barreira imposta pelo isolamento social aos coletivos organizados, direcionou a pesquisa para o coletivo organizado de forma digital e suas relações diretas com os quadros externos (macroquadros), demonstradas pelos números e pelos volumes de atividades.

Esses dados indicam a atividade geral do coletivo organizado, podemos ainda fazer a composição desses números com os números dos grupos das lideranças do FDPSP. O modelo de Fórum prediz uma cultura horizontal de liderança, com participações diretas dos componentes e representantes de entidades, todavia, no FDPSP, pude observar a formação de um grupo de lideranças mais refinado em relação ao Grupo Principal. A observação da organização política desse grupo é mais importante, pois lá são executadas as tarefas de enquadramento necessárias, com apontamentos diretos ou de acordo com demandas do Grupo Principal.

Enquanto o Grupo Principal percebe a janela política, pode-se dizer que o Grupo da Coordenação detém o controle da cortina que traz luz ou não para a discussão durante a abertura da oportunidade. Se em um primeiro momento a percepção era de que o grupo se organizava horizontalmente, em uma forma mais ampla ele é dirigido por algumas pessoas que irrompem do Grupo Principal e exercitam a liderança.

Descartada a hipótese da horizontalidade geral nas decisões e direcionamentos, a observação do grupo mais reservado é interessante para se demonstrar de fato como se organiza o FDPSP enquanto entidade política. Dessa forma, análise semelhante à do Grupo Principal foi realizada com o Grupo da Coordenação.

O grupo “Coordenação” foi criado em 24 de abril de 2019; no período observado, entre março de 2020 e março de 2021, contava com 1075 *links* para acessos externos ao grupo e mais de 12400 mensagens trocadas entre os participantes. Foi inserido no grupo por Jorge Furtado, liderança do Sindicato dos Urbanitários, em 12 de março de 2020. Sobre a organização dos grupos de mensagens, Furtado me esclareceu em depoimento por áudio em *WhatsApp*:

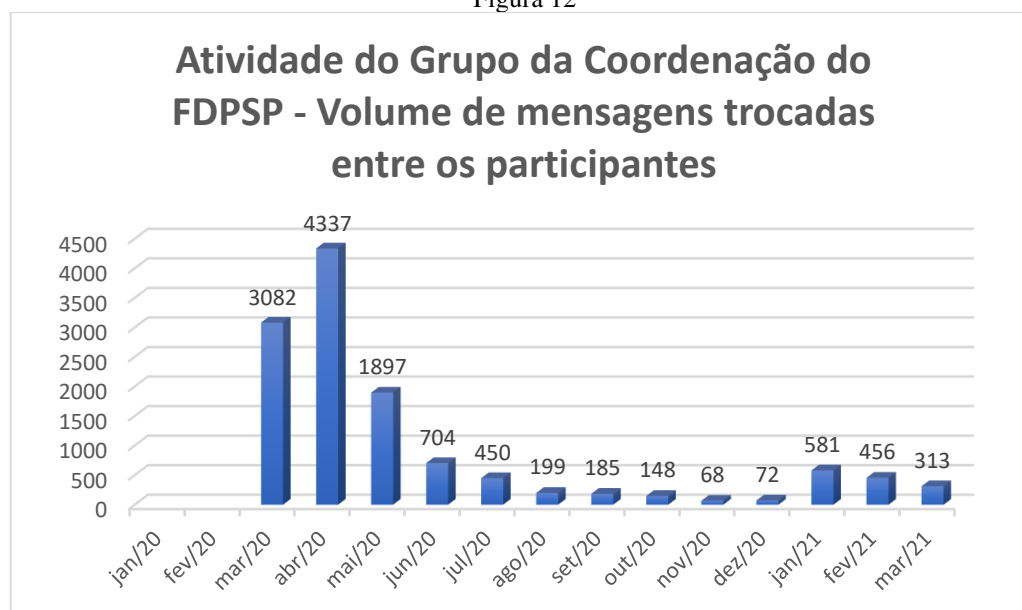
Ainda sobre a questão organizativa, como a gente se organizava? Nós criamos um grupo que tinha lá um... foram dois grupos na verdade. Tinha um grupo da coordenação, que era um grupo de whatsapp, que era um grupo menor, da

coordenação; com vários intelectuais de esquerda, do movimento progressista, da universidade, da Universidade Federal do Maranhão, da UEMA, dos sindicatos, dos dirigentes de sindicatos, que ficavam nesse grupo da coordenação. E aí nós tínhamos um grupão composto de muitas pessoas, chamavam de grupão do fórum. Com o nome de “Fórum em Defesa da Previdência”. Então a gente fazia as discussões no grupo da coordenação e criava subgrupos para algumas definições de encaminhamentos de lutas. (FURTADO, 2020)

Assim, a composição do grupo “Coordenação”, se firma como o nome já o sugeria, um grupo para “encaminhamentos” que surgiu quase dois anos depois do Grupo Principal. Os subgrupos citados por Furtado, eram organizados a partir das pautas dentro do grupo da coordenação de acordo com eventos a serem realizados e as tarefas direcionadas; dessa forma, as pessoas responsáveis por imprimir “lambe-lambe” ou afixar faixas, poderiam formar grupos breves para que focassem apenas nesse assunto.

O comportamento do grupo de lideranças é um indicativo para qual tarefa de enquadramento está sendo realizada no momento ante a oportunidade política da pandemia. Em teoria, a tarefa de diagnóstico é a primeira a se apresentar, pois é precedida por uma mudança de cenário externo ao grupo. Na figura de número 12 é possível observar o volume de troca de mensagens pelo grupo no período logo após o surgimento da pandemia da COVID-19.

Figura 12



Fonte: Elaborado pelo autor

Partindo do pressuposto que uma atividade mais intensa de troca de mensagens indica uma ação do grupo em realização, durante o mês de março de 2020 pode observar uma reação à situação externa da pandemia. Isso se dá pelo caráter reativo da entidade, já apresentado no Grupo

Principal. O caminho do processo político pode ser indicado como via Grupo Principal até o Grupo Coordenação; dessa forma, o funcionamento do processo político do Fórum é um espelhamento das ações massivas de vários seguimentos gerais de entidades e pessoas agindo individualmente, influenciados por quadros ou macroquadros externos à região do Fórum, sendo filtrados para um grupo menor de tomada de iniciativa e decisões de direcionamento, bem como organização de custos de atos e rateios dessas despesas. Essa forma de organização é fortalecida em depoimento de um dos participantes:

Aí tipo a gente fala: gente a reunião vai ser tal hora, tudo bem? Aí o pessoal só jogava algumas... coisas que não tinham nada a ver com aquilo que nós estávamos discutindo, e muitas pessoas não enxergavam, porque estavam em vários grupos e quando olhavam não viam a discussão de organizar os eventos, inclusive as reuniões, né, que nós realizávamos. Tinha que ir lá no “PV” de cada um pra poder falar. Aí foi que a gente decidiu, falei: “não gente, bora criar um grupo da coordenação, porque não está dando certo o grupo geral; o grupo geral vai ser só uma forma da gente chamar esse pessoal pra participar. Então a gente decide aqui, algumas coisas e chama o pessoal para participar”. Agora, quando a gente organizava as reuniões a gente sempre teve a preocupação de colocar sempre uma “artezinha” um informativo e convidava também o pessoal do grupo geral pra participar. (COUTINHO, 2019)

A dispersão provocada por uma discussão não centralizada não produzia, de acordo com o depoimento, uma forma organizada de ação. Vários temas geravam uma confusão na direção que a entidade deveria tomar. Essa centralização das decisões em um núcleo coordenativo não macula o caráter democrático do FDPSP, mantem a representatividade e agiliza as ações para tomadas de decisões rápidas em cenários de mudanças contínuas. Esse nascimento de um grupo de Coordenação, e isso é importante de ressaltar, se dá antes do contexto da pandemia; as reuniões presenciais na sede do Sindicato dos Bancários também eram reduzidas a um núcleo de pessoas que representavam determinadas entidades componentes do FDPSP.

A coordenação, assim, agiu de maneira a responder ao contexto externo se organizando para um posicionamento (construção de um discurso) a partir de posições diversas que vão, pelo debate, construir um consenso que primeiro prezou pela autonomia do Fórum enquanto entidade, a exemplo da carta aberta divulgada no mês de maio de 2020 que se inicia com os dizeres “O Fórum em Defesa da Previdência Social Pública, núcleo de Imperatriz (Ma), no uso de suas atribuições legítimas de representatividade...” (FDPSP, 2019)e, em segundo lugar, por um posicionamento combativo frente à política nacional de combate à pandemia promovida (ou não promovida) pelo Governo Federal.

A construção de um consenso dentro de um grupo menor, que resulte na efetivação de um ato de protesto ou uma iniciativa, não quer dizer que esse debate não seja amplo e difundido.

A meu ver, aponta para um processo conjunto entre lideranças e entidades. A produção da ação política é construída de modo que as ações são sempre condizentes entre lideranças e Fórum de maneira geral. O convite a todos do Grupo Principal, como citou Lilian, sugere algo mais que a forma participativa, induz a uma etapa para a consagração da participação ampla, onde se constrói a ação política a partir da representatividade; isso surge como uma necessidade dentro de uma tarefa de enquadramento que exige rapidez em um quadro de mudanças políticas aceleradas, antes e depois contextualização da pandemia.

De maneira semelhante feita com o Grupo Principal, no período de grande atividade do Grupo da Coordenação, entre os meses de março e junho, pode-se verificar o que mais foi mencionado pelas lideranças do FDPSP no Quadro de número 4.

Quadro 4 – Palavras por número de menções nos intervalos entre março e junho de 2020 no grupo coordenação do FDPSP.

Março	Abril	Maio	Junho
<i>Bolsonaro</i>	92	<i>Maranhão</i>	110
<i>Saúde</i>	86	<i>documento</i>	108
<i>Casa</i>	75	<i>Bolsonaro</i>	104
<i>Coronavírus</i>	67	<i>Fórum</i>	93
<i>isolamento</i>	61	<i>Imperatriz</i>	92
<i>Redes</i>	57	<i>Brasil</i>	89
<i>Caso</i>	55	<i>governo</i>	71
<i>sociais</i>	53	<i>plano</i>	62
<i>Contra</i>	52	<i>saúde</i>	60
<i>documento</i>	52	<i>carta</i>	55
<i>Casos</i>	49	<i>pandemia</i>	52
<i>Imperatriz</i>	48	<i>decreto</i>	50
<i>governo</i>	45	<i>isolamento</i>	49
<i>pandemia</i>	45	<i>contra</i>	47
<i>população</i>	43	<i>coronavírus</i>	47
<i>Social</i>	43	<i>momento</i>	47
<i>Gente</i>	42	<i>país</i>	47
<i>Vírus</i>	42	<i>Moro</i>	45
<i>importante</i>	41	<i>abril</i>	44
<i>Brasil</i>	39	<i>casa</i>	44
		<i>Imperatriz</i>	111
		<i>documento</i>	77
		<i>casos</i>	60
		<i>saúde</i>	57
		<i>leitos</i>	53
		<i>Maranhão</i>	47
		<i>pandemia</i>	37
		<i>Bolsonaro</i>	36
		<i>isolamento</i>	36
		<i>lockdown</i>	35
		<i>pacientes</i>	35
		<i>Saúde</i>	35
		<i>Brasil</i>	33
		<i>COVID-19</i>	33
		<i>Fórum</i>	31
		<i>gente</i>	31
		<i>governo</i>	29
		<i>população</i>	29
		<i>reunião</i>	27
		<i>social</i>	27
		<i>Bolsonaro</i>	44
		<i>contra</i>	20
		<i>cruzes</i>	20
		<i>ato</i>	18
		<i>Brasil</i>	18
		<i>risco</i>	17
		<i>grupo</i>	15
		<i>gente</i>	14
		<i>reunião</i>	14
		<i>defesa</i>	13
		<i>ruas</i>	13
		<i>democracia</i>	12
		<i>governo</i>	12
		<i>violência</i>	12
		<i>Maranhão</i>	11
		<i>mortes</i>	11
		<i>Acho</i>	10
		<i>Assis</i>	10
		<i>ação</i>	10
		<i>cidade</i>	10

Fonte: Elaborado pelo autor

A atuação de um grupo menor (33 pessoas) tende a ser menos dispersa e mais focada em determinado assunto. Enquanto no Grupo Principal, no período, a palavra mais mencionada foi “Bolsonaro” em franca atuação crítica ao presidente, a palavra “Bolsonaro” foi a mais citada nos meses de março e junho, apenas, no Grupo da Coordenação. Essa provável análise mais

refinada do grupo, pode sugerir uma abordagem geral da situação nacional diferente do grupo com maior número de pessoas, o que também corrobora com o processo de organização política da entidade em si, demonstrando mais da relação entre as pessoas do Fórum e suas lideranças, uns com um ativismo mais geral enquanto outros – coordenando – com o ativismo mais focado.

Outro apontamento de um filtro político mais exigente do Grupo da Coordenação é o aparecimento persistente, nas menções, das palavras “Maranhão”, “Imperatriz” e “documento”. Apesar do foco na política nacional, as lideranças do FDPSP tendem a confrontar os problemas locais diretamente, o que já foi exposto com a produção de *cards* (figuras 4 e 5) para a promoção da posição do grupo e a ida a programas de TV, bem como protestos de rua. Nesse ponto, onde o grupo passa a lançar mão de seus repertórios e afinar seu discurso, já estamos na tarefa de prognóstico, que visa trazer fazer com que o grupo se estabeleça, que tenha algum resultado prático.

Após esse período de intensa atividade, nos meses de junho a dezembro de 2020 o Grupo da Coordenação se arrefeceu. Se foi possível acompanhar o baixo volume de troca de mensagens durante esse intervalo, a ressonância das ações na pandemia é de difícil mensuração por conta da evidente limitação de eventos públicos. Um caminho para enxergar a ressonância poderia ser a partir da entrada ou admissão de pessoas nos dois grupos, o que relevantemente não ocorreu; portanto o potencial de mobilização externo ao grupo é incerto e após o mês de junho de 2020 a própria face interna de Jano foi ofuscada, o olhar para dentro foi esmaecido; essa situação perdurava até março de 2021, segundo uma das lideranças:

Hoje a gente avaliação que a atuação do Fórum... ele tem se fragilizado bastante. A gente tentou se articular e no início da pandemia, abril maio de 2020, a gente conseguiu fazer várias ações pelo FDPSP. Ações de denúncia, ações de conscientização da população, ações de cobrar do poder público municipal uma maior incidência no combate a pandemia, só que a gente avalia que depois a gente foi se dispersando. Então hoje nós avaliamos que as ações do fórum estão bastante dispersas, não que as organizações não estejam fazendo, pois o fórum articula organizações do campo e da cidade, organizações como o MST, partidos políticos e também as organizações sindicais. Então é um fórum que teria muita força, se não fosse o nível de dispersão que a gente está no atual contexto. (LOPES, 2021)

A dispersão do Fórum se manteve até o início de 2021, mas um período interessante foi o mês de novembro de 2020. Nesse mês o Grupo Principal passou por um pico de troca de mensagens entre os participantes, 2723, mais de mil mensagens além da média, enquanto o Grupo da Coordenação desceu a meras 68 mensagens, menos da metade do funcionamento regular. Esse dado tem uma relação direta com o período eleitoral municipal e aponta para a confirmação de alguns protagonismos do FDPSP. No meio das lideranças pude observar o número de 3 candidatos a vereador – um buscando reeleição - e um candidato a prefeito. No

grupo com maior número de participantes a contagem foi de dois candidatos a prefeito (um do grupo da coordenação) e os mesmos candidatos a vereador do grupo de lideranças.

Esse comportamento pode indicar uma articulação dos candidatos dentro do próprio grupo; enquanto no grupo das lideranças a formação é quase toda de apoiadores de candidatos e os próprios candidatos, no Grupo Principal é mais provável que a “propaganda eleitoral” seja mais eficaz. Isso explicaria a diminuição de conversas em grupo e o aumento em outro.

Uma possibilidade de tradução da representatividade do FDPSP é a contagem de votos ou percentual de votos adquiridos pelos seus candidatos. Na eleição para prefeito, os dois candidatos do coletivo arrebanharam 202 votos (0,15% do total). Na eleição para a casa legislativa, os três candidatos somaram 2120 votos (1,59% do total), sendo a maioria desses votos responsável pela reeleição de um candidato, ou seja, levou mais votos quem já tinha sua base eleitoral regular. Esses dados apontam, de fato, que a base eleitoral do FDPSP é fragmentada e que o coletivo pode não estar organizado para a ascensão política de seus participantes.

Uma base eleitoral pouco expressiva não quer dizer que o movimento seja frágil, apenas pode compactuar com o aspecto horizontal de organização, ou que os participantes optem, por esse motivo, por outras áreas de atuação dentro do período eleitoral que não um campo aberto para diversas discussões como é o FDPSP. Os dados do período eleitoral, se não são indiferentes, não podem ser definitivos quanto à representatividade do Fórum na cidade de Imperatriz e região e corroboram, em meu entendimento, para consagrar o FDPSP enquanto movimento suprapartidário, de vasta e pulverizada representatividade, apesar de lideranças bem definidas.

5 OS ATORES DO FDPSP

A caracterização da atuação do FDPSP como organização política partiu da teoria dos quadros de ação coletiva, ou MIAC, através dela foi possível demonstrar como as tarefas principais de enquadramento, prognóstico, diagnóstico e motivação se desenvolvem e perceber sua ressonância. A tarefa principal última – motivação – esbarrou em um contexto novo de atividade, pois o ativismo do grupo, no período observado, se pautou mais na propagação da informação sobre o quadro da pandemia, não sendo o foco principal a motivação e interação para a aquisição de novos membros. Assim, a realidade da interação que reflete em como se organiza politicamente o coletivo, que é o que interessa para esse estudo sociológico, não depende da teoria para sua concretização e as tarefas de enquadramento não são estanques ou

mesmo tem uma ordem de acontecimentos, a organização teórica prevê uma sequência que em situações extraordinárias pode não ser obedecida, ou sequer acontecer.

5.1 Fronteira, a categoria do cotidiano

As certezas são poucas sobre os resultados das organizações dos indivíduos em movimentos sociais, todavia os movimentos sociais têm uma característica inafastável, são compostos por pessoas e suas decisões, como aponta Castells:

Mas direi isso: os movimentos sociais de hoje, e provavelmente aqueles que ocorreram ao longo da história (o que está além do domínio da minha competência), são constituídos de indivíduos. Digo isso no plural porque, na maior parte do que li das análises sobre esses movimentos em todas as épocas e sociedades, eu encontrei poucos indivíduos, às vezes apenas um único herói, acompanhados por uma multidão indiferenciada, chamada classe social, etnia, gênero, nação, fiéis ou quaisquer outras denominações coletivas dos subconjuntos da diversidade humana. No entanto, embora agrupar a experiência de vida das pessoas em convenientes categorias analíticas da estrutura social seja um método útil, as práticas reais que permitem que os movimentos sociais surjam, transformem as instituições e, em última instância, a própria estrutura social são desenvolvidas por indivíduos, em seus corpos e em suas mentes. Desse modo, a questão-chave para esse entendimento é quando, como e por que uma pessoa ou uma centena de pessoas decidem, individualmente, fazer uma coisa que foram repetidamente aconselhadas a não fazer porque seriam punidas. (CASTELLS, 2013, p. 14)

Esses questionamentos, quando, como e por que as pessoas enveredam por caminhos de militância social, para o autor, partem de uma observação da vivência dos indivíduos em um grupo ou recorte social que, em determinado momento rumou para uma direção comum com certos critérios que abrangeram, senão a todos, mas uma parte de um grupo, até ele se tornar um ente coletivo com certa independência. Essa “formação” do coletivo, aqui exposta de maneira simples, para Snow e Benford passa pelo enquadramento, uma forma ativa, dinâmica e contenciosa de envolvimento que pode gerar novas situações e/ou competir com as situações caracterizadas como injustas (SNOW e BENFORD, 2000).

A atividade subjetiva não surge com o indivíduo, é construída pela sua vivência, por isso muito mais criterioso é perguntar “como” uma pessoa chegou aonde está do que, quando ou o porquê de ela estar lá. Dentro do FDPSP, em meio a um grupo diferenciado dos demais, o grupo que comportava as lideranças, conversei sobre o escopo da pesquisa de forma pessoal e não formal com aqueles que estavam sempre a frente das convocações para reuniões e atos e lancei, por meio de mensagem de texto, o convite geral à participação das entrevistas. Sem condições de promover as entrevistas de maneira pessoal em meio à pandemia, solicitei que me

fossem enviados áudios com respostas a um roteiro breve que foi enviado no corpo da mensagem:

- 1 - Se possível, fale um pouco sobre as suas origens, local de nascimento, composição familiar e trajetória.
- 2 Quais as organizações sociais que você participou, e em qual período da vida?
- 3 Como se deu a sua entrada para o Fórum em Defesa da Previdência Social Pública em Imperatriz (FDPSP)? Se recordar as datas, por favor, apontar.
- 4 Qual a sua opinião sobre a atuação e organização dos sujeitos do FDPSP desde a sua fundação até a atualidade?
- 5 Se possível, fale um pouco sobre a organização do FDPSP e como atuam hoje as entidades quanto a financiamento de atos, dizendo algo sobre a questão estrutural.
- 6 Em caráter reflexivo, qual a sua opinião sobre o futuro do FDPSP e sua atuação em Imperatriz e região?

Esse questionamento geral pode parecer um modo abrupto de abordagem, todavia tinha o intuito de identificar o interesse dos indivíduos pelo tema mais amplo dos movimentos sociais e, além disso, identificar quais deles tinham maior empenho para com o FDPSP a ponto de transpassar as reuniões e atos de rua reconhecendo a importância acadêmica para o próprio movimento; a resposta a pesquisa poderia, com isso, indicar uma militância mais arraigada e uma interação com outro setor levando a ideia do FDPSP para dentro dos muros da universidade.

A escolha de um questionário semiestruturado veio para substituir o corpo-a-corpo da entrevista, mas ao proceder dessa forma, optei por redigir, nas questões, quatro eixos temáticos através dos quais poderia desenvolver um texto que citaria os indivíduos atuando no Fórum sob a ótica do enquadramento e com isso observar como se organizavam politicamente. É sabido que esse “direcionamento” tem o intuito de demonstrar a teoria com a prática, o que pode acontecer ou não, de acordo com os resultados obtidos. Assim, através dos eixos da origem das lideranças e vida pregressa, da atuação na militância, da posição no FDPSP e da visão geral do coletivo FDPSP em contraste com a atuação prática do próprio coletivo, pude traçar esses poucos caminhos individuais que, se não explicam o movimento por inteiro, são parte relevante na sua organização para mobilização.

Os que responderam ao questionário, todavia, não poderiam limitar a pesquisa a si próprios, pois havia os que falaram com uma não resposta, mesmo com a confirmação da leitura da mensagem por meio de *WhatsApp*, ou mesmo através da minha insistência pessoal para uma conversa sobre o FDPSP. Esse silêncio, uma vez analisado, poderia indicar que o participante,

apesar de ativo dentro do Fórum, entendia essa instância distante da questão acadêmica; para esse indivíduo uma pesquisa sobre o coletivo pode ser inútil ou irrelevante do ponto de vista prático.

Há também os que justificaram suas negativas de participação por medo de represálias ou por desconfiança; duas coisas comuns no meio político municipal. Essa negativa com justificativa pode apontar um reconhecimento político da pesquisa e seus resultados, demonstra que a liderança vê a academia como parte importante do “jogo” político local e que a repercussão desse estudo pode trazer danos pessoais ou profissionais.

Do meio das lideranças, conversei ao todo, formal e informalmente com onze pessoas. Defino como formal as entrevistas respondidas através do formulário semiestruturado e tenho como informal as conversações negociadas que resultaram em negativa ou que não avançaram por desinteresse do interlocutor, mesmo após um período de insistência. Desse total, trouxe a esse trabalho a história de seis desses indivíduos, ambos participantes ativos do FDPSP, que compõem o grupo de lideranças, esse formado, em março de 2021, por trinta e três pessoas.

Diante do meu interesse em responder como as pessoas chegaram até onde estão no coletivo FDPSP para se organizarem enquanto entidade política, pude observar ainda muito cedo que o grupo era heterogêneo, formado por diversas entidades, todavia uma camada abaixo na articulação, entre as pessoas, essa heterogeneidade era renitente. Esse indicativo poderia apontar para uma característica regional debatida com afinco ainda durante as aulas de pós-graduação, a Fronteira. A região de Imperatriz é um dos centros de empreendimento para a expansão populacional no princípio da região amazônica. Essa localização, apenas geográfica, não garantiria o emprego da Fronteira segundo Martins (2018) que já apresentei no primeiro capítulo, entretanto a discussão quanto à aplicação da Fronteira enquanto categoria nativa para um debate político me pareceu promissora.

A Fronteira tem uso no cotidiano das pessoas na região, que carregam sobretudo as marcas de uma vida de conflito pela terra, de violência física, mental e política, pois como apregoa Martins,

A fronteira não é momento folclórico da grande aventura em que se constituiu a história do Brasil. É um pilar na estrutura da sociedade brasileira, uma cruz a ser carregada, o débito de uma vitória histórica que nos instiga a aceitar que chegou o tempo de orientar para perto o olhar viciado no longe dos confins da sociedade liminar que temos sido (MARTINS, 2018, p. 21)

A Fronteira não se trata de uma categoria somente analítica, para o autor é sim o que Alves denomina de um conceito que se tornou uma “usina de produção de significados coletivos que

[...] passam a operar como uma matriz de significado comprometida com éticas de vida e cosmologias gerais” (ALVES, 2008).

As respostas de como ocorrem essas interações dentro dessa matriz de significados, esbarram, não raro, na discussão sobre a caducidade do conceito o que promove alguns questionamentos: atualmente a Fronteira seria uma categoria válida, por estar fortemente ligada a um período histórico de movimentação dos povos e conflitos inerentes a esse mesmo período? Com o passar do tempo a força que compunha a narrativa do avanço das frentes de expansão e pioneira não se esvaiu com a consolidação dos territórios? Enxergo que a completude do conceito de Fronteira, enquanto lugar de conflito social – e temos conflitos sociais não resolvidos, remanescentes – que comporta nesse ambiente a ideia impregnada do “outro”, de alteridade, não se esfumaça com a mera consolidação precária de territórios. O passar do tempo, pura e simplesmente, por si só não esvazia um conceito que, segundo Martins, está entre nós e é um “sujeito político”. (MARTINS, 2018, p. 20).

É sobre o viés da organização política dos participantes que interagem nessa zona de conflitos que se estende no tempo e no espaço que pretendo lançar olhar sobre o FDPSP e suas unidades, suas pessoas.

5.2 As lideranças e suas histórias

Uma região conflitiva, marcada por disputas no campo e nas zonas urbanas, como é a da cidade de Imperatriz, pode influir setores organizados ou em fase de organização, para uma ação coletiva que, segundo Alexander, “pode ser entendida como uma luta por posições ante os antagonismos das categorias da vida civil” (ALEXANDER, 1998). Esses antagonismos são evidentes dentro do FDPSP entre trabalhadores e empregadores (sindicatos) – levando em conta a categoria de servidores públicos da educação; categorias de trabalhadores rurais em conflitos pela terra com a marca histórica da grilagem (MARTINS, 2018, p. 157); conflitos extrativistas e da luta pelas terras indígenas e, por último, as disputas partidárias. Todo esse espectro de conflitos é mantido em um contexto conflagrado que aponta para a questão regional da Fronteira.

A organização dessas categorias de indivíduos por meio dos quadros de ação coletiva pode ser considerada uma maneira de transformar essas situações relativas em situações mais amplas que abranjam toda a sociedade. Esse aspecto da formação dos coletivos Alexander chama de “problema da tradução”. (ALEXANDER, 1998) “Traduzir” os problemas específicos de categorias para toda a sociedade requer criatividade cultural e competência política dessas

lideranças. Quando os intelectuais envolvidos nos movimentos sociais são habilidosos na execução dessa tarefa é mais provável que o movimento social tenha êxito, pois

A tradução bem-sucedida carrega os movimentos originários de protestos iniciados em um setor da estrutura um subsistema diferenciado, uma esfera da justiça, um regime de justificação para a órbita da "sociedade como um todo"; permite a costura de alianças, a formação de alinhamentos de massa e a organização da propaganda (ALEXANDER, 1998, p. 26)

Uma das práticas desse processo de tradução ocorreu final do mês de março de 2019, durante a realização da audiência pública que tratava dos “Impactos da Reforma da Previdência”, na Câmara Municipal de Imperatriz, o ato de protesto silencioso promovido pelo FDPSP que se desenrolava no rol de entrada do edifício chamava atenção pelo figurino das pessoas envolvidas: uma quebradeira de coco babaçu, uma estudante, um casal de idosos e a figura da morte, com uma urna funerária ao seu lado (Figura 2). Esse conjunto de personagens e adereços – caixão, cachos de cocos babaçu, livros – embora tenha uma força simbólica impactante, carece de uma análise mais ampla para a produção de um sentido. Esse sentido só é alcançado pela visão holística da imagem. Assim, enquanto a morte é comum a todos, a estudante é algo que está em todos os lugares e os idosos são parte da sociedade, o babaçu é um símbolo local, mas que também não diria muito, se sozinho estivesse no chão da Câmara Municipal naquela manhã.

A bandeira extrativista se aliava, simbolicamente, aquele protesto contra a Reforma da Previdência, para transmitir a mensagem da impossibilidade, ou dificuldade de aposentadoria por parte de trabalhadores rurais, uma vez o texto sendo aprovado no Congresso. Era março de 2019, a reforma passou meses mais tarde naquele ano e os trabalhadores rurais foram atingidos, uma vez que a comprovação das atividades – mínimo de 15 anos - não pode mais ser feita por associações ou sindicatos, mas por meio de declaração pessoal e comprovação documental da época da prestação de serviço, algo perto do impossível para quem sobrevive da coleta, quebra e processamento do coco babaçu.

A mensagem, no entanto, foi enviada pelo FDPSP por meio da imagem e da verbalização em vários discursos na plenária da Câmara, com os dizeres “Reforma da Morte”. E a morte estava lá, simbolizada por uma mulher, com uma capa preta, preta também era toda a sua roupa, com o rosto em branco e preto, ao lado de um caixão pequeno na cor marrom. A utilização desse repertório com o fim de chamar atenção para a urgência da situação, foi idealizada e realizada por Lilian Coutinho.

Militante, fundamentalmente de causas das mulheres, Lilian se declara feminista e em 2019 ocupava o cargo de vice-presidente do Partido dos Trabalhadores com sede em Imperatriz. Foi na sede do Partido onde, em setembro daquele ano, tive meu primeiro contato com Lilian na condição de informante do FDPSP. Me aproximei primeiro pelas redes sociais com a facilidade de conhecidos em comum do Sindicato dos Urbanitários. Antes já tinha a visto de microfone na mão falando ao público em ato de protesto na Praça de Fátima, no Centro comercial de Imperatriz, naquela arena voltaríamos novamente já no ano de 2020 em meio à pandemia em protestos contra a política de saúde do governo federal.

Nascida em Itinga, Maranhão, distante 125 quilômetros de Imperatriz, a cidade tem uma natureza peculiar à região de Fronteira, nesse caso, territorial. Itinga pode ser considerada uma região, pois são duas cidades, Itinga, no Maranhão e Itinga no Pará, de mesmo nome, são divididas pelo Rio que as batiza. Foi fundada em 1959 na esteira da BR 010, a Rodovia Belém-Brasília, durante o Governo de Juscelino Kubitschek. A palavra Itinga vem do Tupi e quer dizer “Água Branca” ou “Rio Branco”. Em Itinga Lilian estudou o ensino fundamental no Centro Educacional Concórdia onde, posteriormente, fez o primeiro ano do curso técnico de contabilidade. Logo depois mudou para Imperatriz com mais dois irmãos, entre o final da década de 1990 e início dos anos 2000. Estudou magistério na Escola Graça Aranha, no Centro de Imperatriz. Em 2001, já mãe de uma menina, é aprovada para o curso de pedagogia em Tocantinópolis no Estado do Tocantins, durante o curso teve seu primeiro contato com os movimentos por direito dos estudantes:

Também foi através do curso de pedagogia que eu tive as primeiras experiências nos movimentos, no caso o primeiro mesmo foi no movimento estudantil embora um pouco mais tímida, porque eu nunca me vi liderança, eu nunca me vi nesses espaços, nesses espaços que são, majoritariamente de homens. É tanto que quando eu fui representante dos acadêmicos pelo CA de pedagogia em Tocantinópolis a maioria das representações eram homens que tinha passado e a Rodivânia, que era a presidenta, ela quebrava um pouco esse paradigma, que era uma presidenta, uma mulher negra e aí quebrava um pouco essa lógica. Aí depois ela ocupou o DCE e eu sempre fiquei muito nos bastidores, só observando muita coisa e sem mesmo estar em qualquer cargo eu ajudava muito, eu colaborava muito, muito, muito. (COUTINHO, 2021)

A formação em pedagogia rendeu a Lilian um emprego na cidade maranhense de Porto Franco. A ida ao novo emprego custava a travessia diária do Rio Tocantins. Logo outro emprego surgiu na própria Tocantinópolis, e a jornada dupla, juntamente com as condições de trabalho, fizeram surgir um desafio por ela relatado em depoimento:

E eu só sei que eu queria melhoria na educação as escolas eram com cerca farpada, eram horríveis as merendas escolares, nosso salário era terrivelmente baixo e aí eu

acabei sendo desafiada de fundar um sindicato municipal e estar à frente desse sindicato, eu fiquei acho que, aproximadamente, uns três anos ou quatro, não me recordo mais, mas por aí. Depois com algumas situações eu vim embora para Imperatriz e aqui eu fiquei desempregada, passei em seletivos e fui lecionar, mas mesmo nos meus espaços eu militava. Militava por militar, não era envolvida com partido, era envolvida com movimentos sociais aqui. (COUTINHO, 2021)

Esse envolvimento com movimentos sociais, pode ocorrer por conta da necessidade de se garantir um direito que é tolhido em determinada situação, é o que já definimos como quadro de injustiça. Nesse caso pessoal, o quadro de injustiça promovido pelo descaso com a educação pública fez “surgir” o desafio para Lilian. O que se deve levar em conta é que o conjunto de escolhas de cada um é fomentado pela situação de injustiça que o quadro ajuda a promover. Dessa forma, quando o sujeito faz a “opção” de sair da “luta” do cotidiano e partir para a “luta” organizada, o faz sob certos direcionamentos interpretativos que lhe são postos.

As situações pessoais que fazem com que o indivíduo sinta que um “direito” seu está sendo atacado, em grande parte são construídas mediante a comparação com outro indivíduo ou grupos de indivíduos, partindo do pressuposto da igualdade entre todos:

“De início podemos conceber como “direitos”, grosso modo, aquelas pretensões individuais com cuja satisfação social uma pessoa pode contar de maneira legítima, já que ela, como membro de igual valor em uma coletividade, participa em pé de igualdade de sua ordem institucional; se agora lhe são denegados certos direitos dessa espécie, então está implicitamente associada a isso a afirmação de que não lhe é concedida imputabilidade moral na mesma medida que aos outros membros da sociedade” (HONNETH, 2017)

Essa “imputabilidade moral” ganha uma nova dimensão quando várias subjetividades se encontram na mesma situação de desigualdade institucional. Essa desigualdade é um quadro de injustiça que pode forçar a organização entre os indivíduos de uma maneira política. Em determinado momento das trajetórias desses indivíduos podemos perceber uma propensão, que em muitos casos parece natural, para uma organização em grupos de injustiçados; é assim no depoimento de Lilian sobre a sua entrada em organizações sindicais e partidárias:

E as coisas foram acontecendo, eu fui conhecendo o pessoal do sindicato da educação, no entanto eu não quis me envolver, fui conhecendo algumas pessoas do partido, porque eu tive a oportunidade de trabalhar no gabinete da dona Caetana que era vereadora e ali eu fui descobrindo, e fui me envolvendo, primeiro aqui foi os Direitos Humanos, depois o Fórum de Mulheres e aí eu me filiei ao Partido dos Trabalhadores e eu fui participando, fui encontrando essas lideranças e fui sendo convidada participar dessas reuniões do Fórum, não recordo mais como foi a origem... (COUTINHO, 2021)

O quadro de injustiça reforça as subjetividades para a união em prol de determinados direitos que estão sendo atacados ou contra inimigos que são apontados como responsáveis pela perda ou turbação desses direitos. A formação desses quadros é o início do caminho para entender como atuam e se organizam coletivos como o FDPSP; é nessa estrada que podemos entender melhor como de fato “as coisas foram acontecendo...”.

O quadro de injustiça da Reforma da Previdência aglutinou pessoas e entidades de um espectro da esquerda política local em volta de uma única demanda, em um primeiro momento. Com o passar do tempo e o surgimento de novas demandas ou novos quadros de injustiça o espaço para a discussão pública foi se aperfeiçoando, operacionalizado a partir das tarefas de enquadramento. Os modelos de novos movimentos sociais, com a principal característica de horizontalização, onde as lideranças têm uma função mais organizativa do que de proposição de ações, não se assemelham ao FDPSP. Um dos fatores mais preponderantes seria a própria organização com líderes destacados que propõem discussões, promovem e patrocinam desde atos de protesto até comunicações na mídia televisiva.

Uma das pessoas que forma esse conjunto de lideranças é Eduardo Palhares. Mineiro nascido em Ibitité, mudou-se para o Maranhão no ano de 1990, para morar em São Luís, vindo de Belo Horizonte. Trabalhando em uma das representações da Editora Globo, durante uma das visitas a Imperatriz conheceu Eró Cunha, em uma apresentação do Artista Neném Bragança, no Teatro Municipal. Apaixonado, em 1994 passou a morar em Imperatriz.

Professor de Geografia formado pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) em 2012, é funcionário público municipal lotado na Prefeitura. Atual dirigente da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), lá ocupando o cargo de diretor da região Tocantina, já foi dirigente do Partido Socialista Brasileiro em Imperatriz (PSB), legenda pela qual foi candidato a vereador no ano de 2020.

A visão de Palhares sobre os movimentos sociais é mais ampla do que o lugar do FDPSP ou sua área de atuação regional. Quando o interpelei sobre a sua posição sobre a atuação do Fórum, um dos eixos que adotei como tema para a entrevista com um formulário semiestruturado, sua resposta apontou para um quadro nacional de embate:

De 2016 para cá, com a mudança nos rumos que o nosso país tomou, de retomada do crescimento da política do retrocesso, onde deu-se início logo após o golpe que derrubou uma presidenta legitimamente eleita, o conservadorismo, os setores patronais, intensificaram no Brasil uma política arrojada de retirada de direitos dos trabalhadores. E tiveram, dentro dessa política que passou a ser implementadas pelos neoliberais, três questões, a meu ver, como meta fundamental: primeiro, a derrota da CLT, implementada em 45; segundo, o rompimento do processo democrático que o Brasil estava vivenciando desde 1985 com a implantação da nova República; e

terceiro, o que ficou implementado como sequência, a derrubada dos direitos trabalhistas dos trabalhadores principalmente quando Bolsonaro assume o poder ele interrompe drasticamente, como um de suas principais medidas, logo no início do seu mandato, o extermínio do ministério do trabalho, da justiça do trabalho etc. (PALHARES, 2020)

Os três eventos citados por Palhares são as bases para, segundo ele, uma necessária mobilização de classes que tiveram seus direitos tolhidos por uma ofensiva conservadora e patronal a partir do golpe de 2016, com a deposição da presidenta Dilma Rousseff. Esse caminho percorrido pela ofensiva – ataque à CLT, impeachment, e finalmente reforma trabalhista juntamente com extinção do Ministério do Trabalho e Emprego – demonstra um macroquadro de injustiça em formação, sendo analisado em suas várias etapas por uma das lideranças do FDPSP.

Pela fala de Palhares também é possível obter pistas da forma primeva de organização do Fórum através dos quadros de injustiças detectados pelas lideranças. Ante o rompimento democrático de 2016, seguido pela PEC (Proposta de Emenda à Constituição) número 241 na Câmara dos Deputados – PEC 55 no Senado – que instituiu um novo regime fiscal e foi batizada de PEC do teto de gastos, o coletivo já se organizava para conter o avanço da ofensiva sobre os direitos a saúde, educação e segurança – áreas diretamente afetadas pelo congelamento nos investimentos públicos:

Diante de todas essas agruras que o movimento sindical, que os trabalhadores brasileiros estavam sofrendo, passamos, nacionalmente, os trabalhadores a buscar a sua organização. Aqui, localmente, reunindo diversas entidades, não só sindicais, mas de todo movimento social, do movimento das mulheres, do movimento estudantil, movimentos comunitários, movimentos em defesa da moradia, movimentos em defesa da terra; nos reunimos inicialmente com o nome definido como FDPSPS. Nos reunimos para organizarmos a nossa resistência, na época, contra a reforma da previdência. Já vínhamos nos reunindo anteriormente na luta contra a PEC, ainda no governo Temer, que congelou, por vinte anos, os investimentos na saúde e na educação. (PALHARES, 2020)

A recorrência a um contexto de política nacional marca bem a fala de Palhares e indica que, para se tentar entender o discurso promovido por essa liderança, é necessária a ideia do texto falado como uma construção holística (JOHNSTON e KLANDERMANS, 2004) sempre em alinhamento com o quadro em que está inserido. Assim, os quadros de injustiça detectados promovem a organização do movimento que alinha seus discursos de “luta”. Dessa maneira o que parece acontecer de forma rápida – a passagem das discussões da PEC 241 à Reforma da Previdência – na verdade é um processo de detecções de significados realizado pelas lideranças do coletivo. Essa “passagem” de um quadro a outro, bem como a simplificação, na fala, da política nacional para a local onde Palhares diz “nacionalmente” e logo em seguida fala “aqui,

localmente” só tem significado dentro do quadro de injustiça a que ele está vinculado junto ao FDPSP.

A tarefa de diagnóstico, como já demonstrado, insinua quem são as vítimas do quadro de injustiça e ressalta os culpados, definindo os “inimigos” situacionais. Um discurso com forte pegada sindical como o de Palhares indica essa tarefa de enquadramento colocando os esquemas patronais e governistas, além do ideário neoliberal, como oponentes dos trabalhadores. A partir dessa detecção é possível a organização dos coletivos na busca de uma retomada do espaço político.

Essa retomada em meio à ascensão conservadora, como colocado no depoimento de Palhares, abarcou vários setores da classe trabalhadora. Ele, atuando no meio da educação, tem sua maior representatividade no movimento sindical e partidário. Coutinho, por sua vez, é uma liderança construída no meio da educação, mas que fomentou laços partidários através do PT, sendo vice-presidente do Partido em Imperatriz. Os dois tem caminhos semelhantes e trabalham dentro do FDPSP com suas respectivas bases nas mobilizações. Do movimento sindical me foi citada por Coutinho uma mulher, professora, com a qual tinha proximidade atuando politicamente, mas fora do meio partidário.

A professora do curso de ciências naturais na Universidade Federal do Maranhão, no Campus de Imperatriz, Elena Steinhorst, se radicou no Maranhão em 2006. Nascida em Brasília, cursou sua pós-graduação (mestrado e doutorado) na própria UFMA em São Luís, onde em 2015 foi aprovado em concurso para ocupar uma vaga na cidade de Imperatriz.

Desde a sua aprovação, Elena filiou-se à APRUMA (Associação dos Professores da Universidade Federal do Maranhão), seção do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES-SN). A partir do ano de 2018 passou a fazer parte da diretoria de interiorização do sindicato em Imperatriz. Mesmo antes de ocupar o cargo já mantinha contato com os professores da Universidade em organização de movimentos paredistas no Campus local por conta de cortes de verba para a educação, realizados pelo governo federal. Sua participação nos movimentos de classe dos professores da Universidade Federal fez com que percebesse a importância de se integrar ao FDPSP:

A partir do momento que eu me inseri na diretoria da APRUMA eu vi a necessidade de participar do Fórum, que já existia em São Luís, e eu sabia que era uma representação importante na cidade, dos movimentos sociais e dos sindicatos, e achei importante uma representação da APRUMA, mais incisiva nesse espaço de debate. (STEINHORST, 2020)

Me chamou atenção a citação feita por Elena ao Fórum organizado na capital maranhense, por ser a única entre todas e todos os entrevistados ao longo dos quase dois anos de pesquisa em que estive em contato com o FDPSP, pessoal e virtualmente. A integração entre as entidades não me foi percebida ou de fato não ocorre ou nunca ocorreu formalmente. Essa descoberta pode indicar o critério regionalista do FDPSP, mesmo atuando em prol de uma demanda nacional, federalizada, como é a previdência. Esse distanciamento de um movimento semelhante organizado na capital do Estado pode apontar que a Previdência era uma demanda passageira que “emprestou” seu nome a vários coletivos pelo país e que em uma região repleta de conflitos históricos ajudou a promover um contexto conflagrado.

Em 2019, com o fim do seu mandato dentro da APRUMA, Elena passou a frequentar de forma individual o FDPSP, entendendo a função do coletivo como

um movimento (que) não depende da minha representatividade no cargo. A gente entende que é muito importante a participação nesse movimento aí. E a organização dos movimentos em fóruns, eu acredito que seja um sistema bem democrático e participativo que faz os setores progressistas unirem forças contra essas questões. (STEINHORST, 2020)

A horizontalidade da organização dos coletivos em Fóruns, para Elena, é uma forma de avanço para os setores progressistas por sobre as questões de direitos que lhe são afetos. Essa fala, apesar de não citar diretamente, aciona uma bússola democrática desses movimentos sociais. A organização do FDPSP, assim como todos os movimentos nesse modelo, tem como base uma participação ampla. No caso do FDPSP, pude constatar a divisão de lideranças em um grupo menor, mas que mantém a gestão democrática e participativa.

Outro tema recorrente entre as falas de alguns participantes é a mudança do nome do Fórum o que reforça a hipótese de o quadro de injustiça da Reforma da Previdência ter emprestado seu nome a movimentos organizados que vinham mudando de acordo com a janela de oportunidade política. Elena também se posiciona a respeito da mudança de nome do Fórum para que ele seja mais abrangente:

a partir desse final de 2019 a gente pensou um pouco sobre essa possibilidade, com a aprovação da reforma da previdência, passamos a pensar na possibilidade de ampliar o tema de debate do Fórum, talvez até mudar a nomenclatura do fórum para que outros movimentos se sentissem representados também e outras pautas, na verdade. Não que a reforma não fosse importante, já vieram outras reformas trabalhistas enfim... (STEINHORST, 2020)

A mudança de nome do coletivo, ante a fala da liderança, é um módulo da tarefa de diagnóstico, que passa por encontrar outras pautas, novas representatividades que, conseqüentemente,

somariam novos componentes que se sentiriam representados pelo FDPSP, é também parte do processo de tradução de demandas localizadas para uma maior amplitude onde todos se sintam mais à vontade e seguros do retorno de sua militância; essa dificuldade de alinhamento com o nome “Previdência” foi observada quando da organização para os protestos ocorridos em maio de 2019 em Imperatriz contra o corte de gastos na educação promovido pelo governo federal; sob a bandeira da “Previdência” foi demorado o processo de convencimento da lideranças estudantis (naturalmente não diretamente afetadas pela Reforma da Previdência) a se alinharem com FDPSP, o que levou a horários diferentes das manifestações com os estudantes se manifestando à tarde e as entidades que compunham o FDPSP se manifestando no horário da manhã.

Também recorreu ao expediente da mudança de nome do FDPSP a liderança do MST Divina Lopes. Em sua fala, Lopes levanta a ideia de que o grupo de lideranças “precisa agora ressignificar as ações do fórum e talvez até ressignificar, repensar, o próprio nome para esse conjunto de articulações que a gente tem a partir do fórum” (LOPES, 2021). O pensamento de articulação é uma constante do MST que, segundo Divina, tem a linha de “fortalecer cada vez mais a articulação campo e cidade, a partir desses espaços que agregam as organizações sociais que tem a mesma afinidade e a mesma defesa de um projeto de país que supere os níveis de desigualdade” (LOPES, 2021).

Lopes nasceu na cidade de Passagem Franca, Maranhão, no extremo leste do Estado a 580km de Imperatriz. Filha de camponeses, sua família migrou para o Estado do Tocantins quando ela ainda tinha dez anos de idade; passaram a residir na Região do Bico do Papagaio. Entrou por afinidade política e ideológica no MST no ano de 2001 após trajetória nos grupos de jovens da Igreja Católica e da própria Comissão Pastoral da Terra (CPT):

Quando eu comecei a me desligar um pouco da igreja, dos grupos de jovens da igreja, eu comecei a ver no MST essa possibilidade de militar, então mesmo morando no Tocantins, aqui pertinho no Sítio Novo... morava no Tocantins, mas estudava em Imperatriz, então eu conheci o MST no Maranhão e comecei a militar no MST no Maranhão em 2001. Sempre atuei aqui, nessa região, na Região Tocantina, envolvendo os municípios de Imperatriz, Açailândia e o entorno. (LOPES, 2021)

Meu primeiro contato com Lopes foi em outubro de 2019 no “Curso de Realidade Brasileira” realizado no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Imperatriz, na oportunidade representei o Sindicato dos Urbanitários no evento. Após o início da Pandemia, no começo de 2020, busquei contato com Lopes por Whatsapp, sem sucesso. No ato do dia 10 de julho de 2020, realizado na Praça de Fátima acompanhei a liderança em gesto de protesto contra o

governo federal pela política de desmandos durante a Pandemia. Consegui a fala de Lopes sobre sua participação no FDPSP já no ano de 2021, no mês de fevereiro.

Sobre a temática da atuação do FDPSP, Lopes computa a desarticulação do coletivo ao contexto da saúde pública no geral, onde as pessoas estão em parte fora do convívio social, o que dificulta a organização e a atuação efetiva do movimento. Essa dispersão prejudica a articulação e o crescimento do Fórum, bem como sua representatividade pois, o FDPSP cuida da articulação das organizações “do campo e da cidade, organizações como o MST, partidos políticos e as organizações sindicais. Então é um fórum que teria muita força, se não fosse o nível de dispersão que a gente está no atual contexto” (LOPES, 2021). A força do FDPSP, para Lopes, está ligada à sua forma de articular entidades diferentes em prol de um objetivo específico, ou seja, traduzir demandas e envidar esforços em um ponto de pressão social. Esse foco do Fórum, durante o ato de protesto de julho de 2020, era a condição de saúde pública, uma janela de oportunidade política diferente da original, que era a Reforma da Previdência.

Em concordância com as mudanças de atuação de acordo com os novos diagnósticos Lopes acredita que o Fórum

enquanto movimento, tem como prioridade número zero o combate; combate à fome, combate a violência, a defesa do auxílio emergencial e a luta imediata pela vacina e em defesa das vidas. A gente acha que esse é um bom momento para o fórum voltar, se articular, se fortalecer e a pautar as lutas que são urgentes nesse momento em nosso país. (LOPES, 2021)

A visão da liderança é de que as oportunidades políticas de atuação do coletivo são promovidas de acordo com o quadro de injustiça atual, todavia se pautam em questões antigas e abrangentes. Temas como a “fome” e a “violência” são recorrentes em debates de movimentos sociais do campo e da cidade, os dois temas, por exemplo, são presentes no dia a dia do MST, coletivo que combate a violência no campo e que atua para que pessoas possam viver do trabalho da produção rural digna. Os temas de ordem do movimento originário de Lopes são aglutinados na bandeira pela saúde pública, como a vacina e o auxílio emergencial em um alinhamento do discurso da entidade originária com a entidade que comporta vários outros coletivos.

Sobre o financiamento dos atos de protestos do FDPSP, Divina indica a visão de solidariedade entre as entidades, pois são feitas contribuições nas medidas das possibilidades de cada instituição o que confirma os depoimentos de outros participantes e caracteriza o sistema de lideranças do movimento social organizado que mantém a horizontalidade entre os indivíduos que representam seus sindicatos, partidos ou associações e designa ou indica ao

grupo articulado mais abrangente o que deve ser feito ou executado, a exemplo do Grupo de Coordenação para o Grupo Geral do Fórum.

A atuação articulada entre o meio rural e o urbano enxergada no FDPSP pela liderança do MST, passa pelo elo com sindicatos do setor da indústria, como o Sindicato dos Urbanitários. O STIUMA foi fundado em 1986 na cidade de São Luís, mas partiu de um grupo organizado de trabalhadores ainda no ano de 1984 em associação chamada APTIU-MA, Associação Profissional dos Trabalhadores nas Indústrias Urbanas do Estado do Maranhão. No ano de 1986, também nascia na cidade de Grajaú a hoje líder sindical Aline Marques. Aline é funcionária do Grupo Equatorial Energia, que adquiriu a CEMAR (Companhia Energética do Maranhão) no ano de 2006, após duas empresas terem abandonado o negócio promovido para sua privatização que se iniciou no ano 2000.

Marques veio a Imperatriz no ano de 2004, e ficou para estudar e trabalhar, deixando em Grajaú sua mãe, professora, seu pai, autônomo; e mais um irmão mais velho. Seus outros três irmãos apenas paternos moram em cidades distintas do Maranhão. No ano de 2011 se casou em Imperatriz. Durante sua trajetória destaca a atuação em movimentos organizados da Igreja Católica e suas pastorais apontando: “mais precisamente o que alavancou e despertou em mim esse desejo de lutar na defesa dos direitos sociais foi a Pastoral da Juventude” (MARQUES, 2021). No ano de 2016 concorre ao pleito dentro do Sindicato dos Urbanitários em Imperatriz e passa a condição de “liberada” ao Sindicato já no ano de 2017.

Uma característica marcante da atuação das lideranças dentro do Fórum é pluralidade de frentes combativas, assim como os outros entrevistados, as atividades de Marques não se limitam à base de sua organização de filiação que é o STIUMA. Além de trabalhar pelo Sindicato dos Urbanitários, Marques recorda suas participações em outros movimentos sociais:

Atualmente, além da direção do Sindicato dos Urbanitários do Maranhão, eu contribuo de alguma forma, juntamente com as companheiras nas articulações do fórum de mulheres de Imperatriz. Hoje estou como titular no conselho municipal dos direitos da mulher e estou como suplente no conselho municipal de saúde do município de Imperatriz. Atualmente faço parte da executiva nacional da CUT e com tudo isso a gente tenta contribuir nas articulações das lutas que ocorrem no município, no Estado, em todo e qualquer canto. (MARQUES, 2021)

Essa diversificação da área de atuação pode ser uma característica pessoal, todavia pode indicar o aproveitamento das várias oportunidades políticas no empreendimento do Sindicato dos Urbanitários e do próprio FDPSP dentro da insurgência no pós-golpe de 2016, como já indicou a fala de Palhares e a fala de Coutinho, em um franco alinhamento com o quadro da esquerda

nacional opositora no cenário que as próprias lideranças apontam como de ascensão conservadora e neoliberal.

Se essa posição participativa dos dirigentes pode ou não indicar um alinhamento com a esquerda nacional, é fato que ela demonstra uma articulação de grupos locais tentando uma posição de unidade, como afirma Marques:

O Fórum em Defesa da Previdência Social Pública, ele surgiu dessa necessidade e unificar as lutas, de fortalecer a luta dentro do nosso município e desde a sua criação até hoje, podemos dizer que foi uma escolha muito assertiva dos movimentos sociais e sindicais do nosso município, tendo em vista que a todo momento, nós enquanto trabalhadoras e trabalhadores, temos sido atacados fortemente, tanto a nível federal como municipal. Em Imperatriz, quando se decidiu criar o Fórum em Defesa da Previdência Social Pública, nós conseguimos fazer muitas ações conjuntas. (MARQUES, 2021)

Essa unificação de lutas é um processo de organização política das entidades que é construído por meio de atores internos, como o são as lideranças e atores e fatores externos como a mídia e os governantes. Quem ataca fortemente os trabalhadores? Essa pergunta pode ter várias respostas e acontece em vários níveis do sistema político, a exemplo do nível federal e municipal citados por Marques. Questões como essa extrapolam as interações face a face do cotidiano entre as lideranças e podem exemplificar a dinâmica na formação dos enquadramentos em um nível mais alto institucional; é o que ocorre colocando o problema da reforma da previdência em evidência, mas acompanhado de várias outras demandas emergentes como os cortes na educação, a questão da luta pela terra, as campanhas contra privatizações etc.

Outra liderança filiada ao Sindicato dos Urbanitários é Jorge Furtado. Empregado da Eletrobras- Eletronorte em Imperatriz, Furtado chegou à cidade no ano de 1983, vindo de São Luís para assumir o cargo de Técnico Industrial de Engenharia. Tem formação na área elétrica na Escola Técnica Federal do Maranhão – hoje Instituto Federal. Após a aprovação em processo de seleção na Eletronorte, viajou até o Estado de São Paulo onde, em 1982, participou de um Grupo de Intercâmbio Técnico na Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira. O início da sua participação em movimentos sociais se deu antes disso, ainda no final da década de setenta, quando participou ativamente da Greve da Meia Passagem em São Luís, à época cursava o equivalente ao terceiro ano do ensino médio.

Além da filiação ao Sindicato dos Urbanitários, Furtado também mantém vínculo com o Partido dos Trabalhadores e é coordenador estadual da CUT, além de uma passagem pelo Centro Acadêmico de Matemática na UEMA em Imperatriz na década de noventa. Quando morava em Ilha Solteira no ano de 1982, viajou em um período de férias para Capital do Rio de Janeiro, foi nessa época que, em uma praça durante um “movimento”, se filiou à Juventude

do Partido dos Trabalhadores. Pelo PT, Furtado já disputou uma eleição para vereador em Imperatriz, no ano de 2004, não obteve votos para ser eleito. Sobre a relação entre Partido Político e Sindicatos, Furtado acredita serem entidades com finalidades diferentes, mas que mantêm em comum uma forma política de atuação:

Eu fui candidato a vereador em 2004 pelo Partido dos Trabalhadores, eu entendia que existia uma distinção muito grande entre partido político e sindicato. Partido se propõe a tomar o poder, assumir a condição do Estado, tem um programa de transformação para a sociedade. Porém o fato de defendermos que o sindicato não é partido político, portanto, é independente do estado, dos partidos, não pode nos levar a confundir que o sindicato seja apolítico. Por isso eu coloquei meu nome a disposição para o partido para eu sair candidato. (FURTADO, 2021)

Sobre o FDPSP Furtado reconhece que, a princípio, se tratou de um movimento unificador de entidades contra um quadro de injustiça da Reforma da Previdência. Ressalta ainda que os movimentos sociais da região estavam em latência desde a década de noventa e que as demandas diversas das entidades estavam distantes umas das outras em uma dispersão que enfraquecia suas respectivas atuações. Portanto, para ele, o FDPSP é uma entidade centralizadora de questões, algo semelhante ao esquema de execução do problema da tradução proposto por Alexander (ALEXANDER, 1998) ou do esquema de alinhamento dos quadros já visitados em Snow e Benford na teoria das MIAC (SNOW e BENFORD, 2000):

Houve uma certa “revigoração” do movimento sindical, do movimento popular de Imperatriz. Porque ele vinha, desde a década de 90 até esses governos, vinha com um certo amortecimento. Não tinha muita mobilização a não ser as mobilizações individuais das categorias. Não tinha assim um foco articulador, ou seja, um foco que articulasse todas essas entidades, elas faziam suas lutas individuais. A partir desse Fórum a gente apoiou algumas lutas, como a luta dos professores na câmara municipal. Em todas as lutas dos movimentos sociais a gente tinha a presença do Fórum, como se fosse um aglutinador de todas as demandas das categorias ali. E essas pessoas dessas entidades eram da CUT, das grandes centrais que eram representadas dentro desse fórum também, CUT, CGT, da CTB. Tinha alguns representantes de sindicatos que eram filiados a essas centrais e tinha articulação dessa mobilização. (FURTADO, 2021)

Essa visão de aglutinação proposta por Furtado e por outras lideranças nos seus depoimentos suscita o questionamento do porquê de essas entidades se organizarem em coletivos. Ao que parece, o simples fato de que fazendo isso estariam em maior número não explica o porquê dessa articulação conjunta. Movimentos sociais locais, nas palavras de suas próprias lideranças, buscam articulação por motivos diversos; como vimos o MST tem como linha fortalecer as ligações entre as entidades rurais e urbanas, expandindo sua própria área de atuação, mas mantendo os interesses de suas próprias bases.

O que pude observar na organização do FDPSP, pelos seus líderes, é que se trata de uma entidade que tem como maior característica a sensibilidade. Essa sensibilidade acontece por conta do fator solidariedade. Uma vez unidos em um único movimento, essas organizações têm mais chances de terem ouvidas suas demandas. Assim, enquanto o foco do Fórum é uma luta contra os cortes na educação, as reuniões do coletivo acontecem com entidades desde a APRUMA até a Associação das Donas de Casa de Imperatriz, por exemplo. Mesmo não sendo contemplada com a atual ação do Fórum, a Associação das Donas de Casa está presente, em ato de solidariedade e contando com a possibilidade de amparo nas suas próprias demandas futuras.

Além das pessoas que entrevistei diretamente, entendo que me cabe citar, sem identificá-las, as que tentei entrevistar e que de alguma forma se negaram a falar ou simplesmente ignoraram minha sutil insistência. Essa citação tem o intuito de relacionar a negatória dessas pessoas com a natureza do próprio movimento social que compõe o FDPSP.

Uma das lideranças citadas por alguns dos participantes do Grupo da Coordenação entrevistados é dirigente sindical da classe dos trabalhadores na educação em Imperatriz. Minha tentativa de contato ocorreu via *Whatsapp* ainda no dia 21 de agosto de 2020. Em resposta, a dirigente agradeceu o contato, mas disse que não falaria por áudio sobre o assunto com quem não conhecia pessoalmente. Reiterei já sermos conhecidos há mais de dez anos. Não obtive outra resposta. Durante o período da pandemia optei por não realizar pesquisa de campo de forma direta por motivos de saúde e segurança para mim e os entrevistados, por isso mandei outra mensagem dizendo que a encontraria após o período de restrição. Ao fim do prazo para a entrega do presente trabalho ainda nos encontramos sob decreto municipal que restringe a circulação de pessoas e não permite reuniões, algo como uma imposição de bom senso, infelizmente uma coisa necessária.

Em sua fala, a participante tocou no que não falaria e deixou implícitos seus motivos. Para extrair a essência política do que ela não quis dizer é necessário começar pelo que lhe foi perguntado à época após uma breve apresentação sobre o trabalho o presente trabalho de dissertação: “Será que poderia me ajudar enviando um ou alguns áudios sobre a sua trajetória de vida, local onde nasceu etc. e como você começou a participar do Fórum?”. Em seguida, sua resposta:

[...] é o seguinte, a gente poderia se ver pessoalmente, lá na Federação, na (endereço); para a gente conversar pessoalmente sobre essa tese sua. Esses dados aí eu só posso dar para pessoas que eu conheço. Não estou dizendo que você não está fazendo esse curso de mestrado, mas eu só passo se for pessoalmente para você esses dados que você está pedindo... solicitando. Eu vou estar lá na Federação na segunda... na terça-

feira. Porque segunda feira eu vou ter uma reunião na câmara com os professores (I, 2020).

A explicação “não o conheço” dada por I não motiva totalmente a negatória em falar de sua própria trajetória e da sua entrada para o FDPSP. Subentende-se que existam outras razões, possíveis de serem detectadas com a visão holística da fala proposta pela metodologia da análise dos microdiscursos (JOHNSTON, 2004). Presente em um contexto contencioso municipal há muito tempo, “I” nasceu em Santa Inês, Maranhão, é uma liderança sindical, trabalha em sala de aula e já concorreu à Câmara Municipal de Imperatriz e à Câmara Estadual no Maranhão. No último pleito municipal, em 2020, não concorreu, mas apoiou diretamente um candidato eleito vereador. Também no meio político é notória sua ligação forte com o Partido dos Trabalhadores no período em que o PT elegeu candidato para à Prefeitura em Imperatriz, durante o mandato, todavia, não participou da gestão e encampou críticas ao Partido e antigos companheiros.

Esses motivos podem ser parte da ressalva de “I” em apresentar diretamente sua fala sobre sua participação em movimentos sociais que venham a expor seu nome em meios acadêmicos ou podem nutrir a desconfiança com pesquisas sociais. Para a minha análise e demonstração da organização política do FDPSP deixa transparecer que seus organizadores estão mesmo lotados ativamente em várias frentes dentro do município, que suas lutas são longevas e presentes no seu dia a dia e não se resumem a atos de protesto ou até mesmo ao FDPSP.

Os sujeitos políticos escolhidos por mim para as entrevistas não foram apontados de forma aleatória, todavia não foram cotados pela mera conveniência para a pesquisa, todos são participantes destacados do FDPSP, contudo não são os únicos a atuar no movimento, que é um coletivo com mais de 130 pessoas em atividade, se somarmos os dois grupos em funcionamento. Entre os entrevistados pude notar algumas similaridades pessoais, como a proximidade ou atuação no meio educacional em algum momento da vida ou na vida profissional, as atuações nas bases sociais da Igreja Católica e o ponto inegável de simetria: são todos vindos de outras regiões do Estado ou de fora dele.

Os sujeitos políticos envolvidos na coordenação do FDPSP que pude entrevistar tem em comum o fato de serem externos à região de Imperatriz, seu nascimento, e pelo menos a sua infância, se passou em outro lugar. Em algum momento da vida, “por estudo” ou “por trabalho” essas pessoas migraram para uma região convidativa para elas ou para elas e suas famílias. Aqui se depararam com os problemas políticos da região, sobretudo heranças da luta pela terra, por

sobrevivência ou no meio urbano mais recente, as demandas de associações e sindicatos. Um lugar de conflito.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação investigou como se organiza politicamente o FDPSP na formação de enquadramentos para ações de protestos e respostas a demandas das várias entidades envolvidas na sua composição. Para percorrer esse caminho, me utilizei da teoria das Molduras de Interpretativas de Ação Coletivas, ou Teoria dos Quadros, com origem na sociologia de Goffman em aplicação aos movimentos sociais com as obras de Snow e Benford. Em teoria, os movimentos sociais constroem suas pautas em meio a janelas de oportunidade política que são identificadas pelas suas lideranças, analisadas e colocadas ao grupo por meio de processos ou tarefas de enquadramento. Apesar da proposta de horizontalidade na tomada de decisões coletivas que sugere o nome “Fórum” pude perceber que o FDPSP se constitui de dois grupos principais e um deles coordena e executa o necessário para que se mantenha o movimento ativo.

A partir da prática desse referencial teórico pude observar certas similaridades entre os sujeitos envolvidos no grupo da Coordenação do Fórum. A problematização dessa proximidade entre indivíduos para a promoção de uma ou várias causas comuns teve como suporte a categoria nativa da Fronteira, utilizada na obra de Martins (MARTINS, 2018). A noção de Fronteira como lugar da alteridade e local de conflito foi representada nos atos de protesto e na própria vida das lideranças, quase todos externos à localidade, aqui chegados em épocas diferentes, mas alinhados politicamente através de um coletivo organizado.

A origem do conceito de Fronteira remonta aos conflitos históricos locais na luta pela terra que estão presentes dentro do FDPSP através da participação ativa de entidades e lideranças da causa da reforma agrária. Também estão presentes elementos de ação associativa urbana como sindicatos ligados a causas de trabalhadores do ramo da energia e saneamento. Esse entrelaçamento entre campo e cidade dentro do FDPSP pode abrir a possibilidade para a atuação do coletivo em diversas frentes e em várias demandas, todavia durante a pesquisa, as arenas que pude observar foram todas na cidade de Imperatriz; a cidade, pois, é o núcleo de atuação do FDPSP.

A Praça de Fátima e a Praça Brasil, localizadas nos extremos do bairro do Centro da cidade, foram os locais de ação do Fórum para os atos de protestos organizados em 2019. Essas arenas, entretanto, eram pontos de partidas para as passeatas que se dirigiam por um percurso que cobria, além das duas principais avenidas da cidade, um pequeno trecho da BR010 (Rodovia Belém-Brasília). A rodovia é um símbolo da expansão da zona urbana sobre a Amazônia e, por muitos, a cidade de Imperatriz é considerada o portal da floresta; essa simbologia é colocada na entrada da cidade – sentido Brasília para Belém – onde há de fato um

portal construído com toras de madeira e estrutura de aço com os dizeres “Bem-vindo a Imperatriz – Portal da Amazônia”.

Esses elementos são construídos pela história da região. Se levarmos em conta que Imperatriz é um portal para outra localidade - região amazônica - não há característica mais patente da Fronteira do que esse umbral entre o que é e o que virá a ser. As dicotomias locais podem ser fruto dessa Fronteira simbólica entre o progresso e o mundo da floresta que precisa ser dominado, subjugado e que de alguma forma tenta resistir. Assim, quando o FDPSP se manifesta em passeata pela BR 010 e a mantém fechada para o fluxo normal de carros e transporte de mercadorias, fecha ali também o “Portal da Amazônia”; por alguns minutos a Fronteira está fechada.

A organização política do FDPSP através dos processos de enquadramento pôde ser observada também nos momentos de relativa limitação de aglomerações como no período da Pandemia. A partir de março de 2020, em meados da pesquisa, o FDPSP se posicionou pelo isolamento social como forma de conter o avanço da COVID-19. Esse posicionamento foi seguido de uma intensa movimentação dos grupos de aplicativos de mensagens, principal canal de comunicação entre as lideranças. Essas ações foram analisadas com o uso de softwares de mensuração de menções e composição de nuvens de palavras. Com o uso dessa ferramenta, foi possível apontar como as tarefas de enquadramento foram executadas para possibilitar a construção de um novo diagnóstico e consequente novo foco para o coletivo; dessa vez as ações dos governantes frente à emergência sanitária.

Durante o período de restrição de circulação de pessoas, em meio à emergência da situação na saúde pública, no mês de julho de 2020, o FDPSP realizou ato de protesto na Praça de Fátima repleto de simbolismos. Cruzes dispostas no chão da praça, urna funerária e uma cruz maior carregada pelos manifestantes, aliados a gritos de ordem e uma pequena passeata pelo calçadão comercial foi o enredo da única manifestação do ano. Alinhada com a situação atual do país e com a batalha pela previdência já perdida ainda no ano de 2019, o FDPSP manifesta novos interesses, mantém a sua base de liderança e engendra novos objetivos a partir da leitura de situação. Essa é a principal lição que se pode tirar da entidade atualmente.

Sobre o futuro do FDPSP, o que se pode inferir pelas tarefas de diagnóstico encetadas pelo coletivo dentro do período da Pandemia, é que o grupo tende a mudar de nome. Essa resignificação faz parte de uma construção do próprio Fórum que apresenta uma forma de atuação mais ampla, que em algum momento associou sua luta a uma demanda situacional como a Reforma da Previdência Pública. A batalha contra a Reforma, inclusive, demonstrou

dificuldade em aglutinar outras categorias sociais, como a dos estudantes, alheios a uma bandeira que, para essa classe parecia distante.

No ano de 2021, até o término do período de recorte da pesquisa (mês de março) a pauta do Fórum continuava a ser a Pandemia do Coronavírus, que se prolonga, todavia, indicando agora ao movimento um novo repertório pró-vacina. Algumas demandas paralelas são atacadas por algumas entidades, em resposta ao avanço de pautas das privatizações dos bancos públicos e do setor de energia, o que leva o Sindicato dos Bancários e o Sindicato dos Urbanitários a ações intensas na cidade de Imperatriz; essas ações estão unidas à atuação do Fórum, o que pude observar em ato de protesto contra o fechamento da agência do Banco do Brasil em 20 de janeiro de 2021, na Praça da Cultura, local da agência que seria fechada de fato dias depois. Compareceram ao ato lideranças partidárias e políticas (vereadores e um deputado), entidades sindicais além do próprio Sindicato dos Bancários. Parte desse envolvimento das entidades foi combinado via grupo da Coordenação do FDPSP.

Pude observar que a construção do enquadramento, enquanto ato político, não se resume apenas a isso. A solidariedade entre as entidades em contraste com o atuar político individual (candidatos a vereadores e candidatos a prefeito), relaciona projetos pessoais a processos de construção de demandas das instituições. Esse exemplo ficou bastante transparente quando o grupo da Coordenação quase não se movimentou durante o período das eleições municipais. Assim, naquele momento, o Fórum pode ter sido relegado em campanha franca política, por ser uma entidade sólida, sem a possibilidade de avanço para ganho de votos, pois seus participantes ou já estavam alinhados ou também eram candidatos. Essa clivagem momentânea não impede uma nova reunião em prol da saúde pública meses depois, já no ano de 2021, tampouco uma nova aglutinação contra as privatizações, reavendo a solidariedade característica do FDPSP.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, J. C. Ação coletiva, cultura e sociedade civil: secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 17, p. 5-31, 1998.
- ALONSO, A. Repertório Segundo Charles Tilly: História de um conceito. **Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, 2, n. 3, Junho 2012. 21-41. Acesso em: 15 Junho 2020.
- ALVES, E. M. Crítica e resignação. O trânsito constante entre categorias nativas e categorias analíticas: a força política e estética da categoria indústria cultural.. **Latitude** , v. 2, n. 1, p. 82-105, 2008.
- ANDRADE, F. L. D. **Movimentos sociais, crise do lulismo e ciclo de protesto em junho de 2013**: repertórios e performances de confronto, crise de participação e emergência de uma quadro interpretativo autonomista. João Pessoa: [s.n.], 2017. 519 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba.
- BATESON, G. **Steps to an ecology of mind**. Nova York: Ballantine Books , 1972.
- BECKER, B. A significância contemporânea da Fronteira: uma interpretação geopolítica a partir da Amazônia Brasileira. In: AUBERTIN, C. **Fronteiras**. Brasília : UNB, 1988. p. 60-89.
- BOBBIO, N. **Esquerda e Direita**. São Paulo : UNESP, 2001.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas : Papyrus , 1996.
- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.-C.; PASSERON, J.-C. **O ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. 7ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BRETON, B. L. **Todos sabiam**: a morte anunciada de Padre Josimo. São Paulo: Edições Loyola , 2000.
- CARVALHO, A. A. D. **Quadros de ação coletiva e redes sociais digitais**: o caso do João Pessoa Avante. João Pessoa: [s.n.], 2017. 196 p. Tese (Doutorado em Sociologia) Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro : Zahar , 2013.
- CEFAÏ, D.; VEIGA, F. B.; MOTA, F. R. Arenas públicas: por uma etnografia da vida associativa. In: CEFAÏ, D., et al. **Arenas Públicas**: por uma etnografia da vida associativa. Rio de Janeiro : Editora da UFF, 2011.
- COUTINHO, L. Entrevista I. **Entrevistador: Natal Marques**, Imperatriz, 30 Setembro 2019. Duração (21m21s).
- COUTINHO, L. Entrevista II. **Entrevistador: Natal Marques**, Imperatriz, 28 Fevereiro 2021. Conversa por áudio no Whatsapp (14min36s).
- DIP, A. **Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira , 2018.
- FALCHETTI, C. A. **Ação coletiva e dinâmica urbana**: o MTST e o conflito na produção da cidade. São Paulo: [s.n.], 2019. 313 p. Tese de Doutorado (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da USP) - São Paulo.
- FDPSP. **Ata de Reunião**. Imperatriz 21 de maio: [s.n.], 2019.
- FDPSP. **Ata de reunião**. Imperatriz 12 de março : [s.n.], 2020.

- FERREE, M. M. Resonance and Radicalism: Feminist Framing in the Abortion Debates of the United States and Germany. **AJS**, Chicago, v. 109, n. 2, p. 304 - 344, Setembro 2003.
- FRANKLIN, A. **Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2008.
- FURTADO, J. Entrevista I. **Entrevistador: Natal Marques**, Imperatriz, 17 Fevereiro 2020. Duração: 09m16s.
- FURTADO, J. Entrevista II. **Entrevistador: Natal Marques**, Imperatriz, 06 Março 2021. Conversa por áudio no Whatsapp (11min14s).
- GAMSON, W. A. Construction Social Protest. In: JOHNSTON, H.; (ORG), B. K. **Social Movements and Culture**. Minneapolis : University of Minnesota Press, 1995.
- GAMSON, W. A. et al. Media Images and the Social Construction of reality. **Annual Review of Sociology**, Palo Alto, v. 6, p. 373-393, 1992.
- GAMSON, W. A.; MEYER, D. S. Marcos Interpretativos de la oportunidad política. In: MCADAM, D.; MCCARTHY, J. D.; ZALD, M. N. **Movimientos Sociales: perspectivas comparadas**. Madri: Istmo, 1999. p. 389-412.
- GEERTZ, C. A. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro : Zahar , 1978.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro : LTC, 1975.
- GOFFMAN, E. **Comportamentos em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos**. Petrópolis : Vozes , 2010.
- GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis : Vozes , 2012.
- GOFFMAN, E. **Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. 2ª. ed. Petrópolis : Vozes , 2012.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20ª. ed. Petrópolis : Vozes , 2014.
- HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. 3ª. ed. São Paulo: 34 , 2017.
- I, L. I. Entrevista I. **Entrevistador: Natal Marques**, Imperatriz, 21 Agosto 2020. Conversa por áudio no Whatsapp (Duração 1min12s).
- JASPER, J. M. **Protesto: uma introdução aos movimentos sociais**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. Não paginado.
- JOHNSTON, H. A methodology for Frame Analysis: from discourse to cognitive schemata. In: JOHNSTON, H.; KLANDERMANS, B. **Social Movements and culture**. Minneapolis : University of Minnesota , 2004.
- JOHNSTON, H.; KLANDERMANS, B. **Social movements and culture**. 3ª. ed. [S.l.]: University of Minnesota, 2004.
- KINGDON, J. **Agendas, Alternatives and Public Policies**. Boston : Little Brown , 1984.
- KINGDON, J. **Agendas, alternatives, and Public Policies**. Bosto: Little Brown , 1984.
- LOPES, D. Entrevista I. **Entrevistador: Natal Marques**, Imperatriz, 23 Fevereiro 2021. Conversa por Áudio de Whatsapp (10min24s).

- MACHADO, R. P. **Amanhã vai ser maior**: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo : Planeta do Brasil , 2019.
- MARQUES, A. B. Entrevista I. **Entrevistador: Natal Marques**, Imperatriz, 11 Março 2021. Conversa por áudio no Whatsapp (6min34s).
- MARTINS, J. D. S. **Froteira**: a degradação do Outro nos confins do humano. 2ª. ed. São Paulo: Contexto , 2018.
- MCADAM, D.; MCCARTHY, J.; ZALD, M. N. **Movimientos Sociales**: perspectivas comparadas. Madrid : Ediciones Istmo, S.A. , 1999.
- MELLUCI, A. Assumir un compromiso: identidad y movilización en los movimientos sociales. **Zona Abierta**, Madrid, v. 69, p. 153-180, 1994.
- MENDONÇA, R. F.; SIMÕES, P. G. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** , v. 27, n. 79, p. 187-235, Março 2012.
- NETTO, S. L. F. V. **A mística da resistência**: culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos. São Paulo: Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.
- NUNES, J. A. Erving Goffman, a análise de quadros e a Sociologia da vida cotidiana. **Revista crítica de Ciências Sociais** , Coimbra , Jun 1993.
- PALHARES, E. Entrevista I. **Entrevistador: Natal Marques**, Imperatriz, 24 Agosto 2020. Conversa por áudio no Whatsapp (18m48s).
- PEREIRA, J. M. **Luta por direitos**: movimentos sociais de direitos humanos em São Luís durante a década de 1980. João Pessoa: [s.n.], 2015. 209 p. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade Federal da Paraíba.
- PEREIRA, J. M. Cotidiano dos grupos na Praça de Fátima. **Tessituras** , Pelotas, v. 4, p. 113-139, jul/dez 2016.
- PEREIRA, M. M. Molduras do Protesto: debates e desafios da abordagem do enquadramento interpretativo no estudo dos movimentos sociais. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 13, n. 27, p. 221-236, Mai/Ago 2014.
- PIERIN, L. P. Tendências digitais. **medium.com**, 2016. Disponível em: <<https://medium.com/tend%C3%A2ncias-digitais/card-design-f1670f05bf91>>. Acesso em: 21 julho 2020.
- RICOLDI, A. M. Temas em Direitos Humanos de uma organização da Paraíba e o master frame de Direitos Humanos. **Lua Nova** , São Paulo, v. 86, p. 123-154, 2012.
- RUSKOWSKI, B. D. O. **Ativismo tecnologicamente mediado**: transformações do ativismo em plataformas de mídias sociais. Porto Alegre: [s.n.], 2018. 194 p. Tese de Doutorado (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Sociologia).
- SADER, E. **Quando os novos personagens entraram em cena**: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980. 2ª. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra , 1988.
- SANTOS, M.; ANDRADE, M. D. P. **Fronteiras**: a expansão camponesa na pré-amazônia maranhense. São Luís : EDUFMA, 2009.
- SCHERER-WARREN, I.; LÜCHMANN, L. H. **Movimentos sociais e participação**: abordagens e experiências na América Latina. Florianópolis: UFSC, 2011.

SILVA, A. P. A. D. A PRÁTICA DA MÍSTICA NO COTIDIANO DAS JUVENTUDES SEM-TERRA: ENTRE CONFLITOS E SUBJETIVIDADES. **ENEPEX - Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão**, Campo Grande, 2014.

SILVA, G. O. Capital Cultural Classe e Gênero em Bourdieu. **INFORMARE - Cardernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, jul/dez 1995. 24-36.

SILVA, M. K. Youtube. **IFCHdaUFRGS**, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ifuIamXLE3Q>>. Acesso em: 25 agosto 2020.

SILVA, M. K.; COTANDA, F. C.; PEREIRA, M. M. Interpretação e ação coletiva: o "enquadramento interpretativo" no estudo de movimentos sociais. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, v. 25, n. 61, p. 143-164, Mar 2015.

SIQUEIRA, P. "Ser afetado", de Jeanne Favret-Saada. **Cadernos de Campo**, São Paulo, p. 155-161, 2005.

SNOW, D.; BENFORD, R. Framing Processes and Social Movements: An Overview and Assessment. **Annual Rev. Sociology**, Palo Alto, v. 26, p. 611-639, 2000.

STEINHORST, E. Entrevista I. **Entrevistador: Natal Marques**, Imperatriz, Agosto 2020. Conversa por áudio do Whatsapp (07min18s).

STEINHORST, E. Lideranças do FDPSP. **Mensagem via Whatsapp**, Imperatriz, 13 Agosto 2020.

SWIDLER, A. Culture in Action: Symbols and Strategies. **American Sociological Review**, Washigton DC, v. 51, n. 2, p. 273-286, Abril 1986.

TARROW, S. **O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político**. Petrópolis : Vozes, 2009.

VARGAS, J. G. H. **Nuevos movimientos sociales. V Jornada de Sociologia de la UNLP**. La Plata: [s.n.], 2008. Disponible em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.6486/ev.6486.pdf.

VELHO, G. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

WANG, T. Why big data needs thick data. **Medium**, 2016. Disponível em: <<https://medium.com/ethnography-matters/why-big-data-needs-thick-data-b4b3e75e3d7#:~:text=Big%20Data%20produces%20so%20much,and%20For%20reveal%20knowledge%20gaps.&text=When%20organizations%20want%20to%20know,Data%20explicitly%20does%20not%20%E2%80%94insp>>. Acesso em: 21 Maio 2020.